

**Helder Henrique Viana Batista**



**ESTUDOS PSICOMÉTRICOS INICIAIS DA ESCALA DE FORÇAS DE  
CARÁTER – BREVE**

**Apoio:**



CAMPINAS

2020

**Helder Henrique Viana Batista**



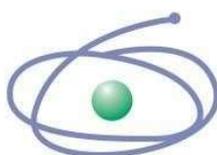
**ESTUDOS PSICOMÉTRICOS INICIAIS DA ESCALA DE FORÇAS DE  
CARÁTER – BREVE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
*Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São  
Francisco, Área de Concentração - Avaliação  
Psicológica para defesa e obtenção do título de  
Doutor.

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> ANA PAULA PORTO NORONHA

CO-ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> CAROLINE TOZZI REPPOLD

**Apoio:**



C A P E S

CAMPINAS

2020

157.93  
B336e      Batista, Helder Henrique Viana.  
              Estudos psicométricos iniciais da escala de forças de  
              caráter-breve / Helder Henrique Viana Batista -- Campinas,  
              2020.  
              123 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto  
Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco.  
Orientação de: Ana Paula Porto Noronha.  
Coorientação: Caroline Tozzi Reppold.

1. Avaliação psicológica. 2. Relações familiares.  
3. Autocontrole. 4. Psicologia positiva. 5. Testes  
psicológicos. I. Noronha, Ana Paula Porto. II. Reppold,  
Caroline Tozzi. III. Título.



## PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

Helder Henrique Viana Batista defendeu a tese **"ESTUDOS PSICOMÉTRICOS INICIAIS DA ESCALA DE FORÇAS DE CARÁTER – BREVE"** aprovado pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco em 21 de agosto de 2020 pela Banca Examinadora constituída por:

Profa. Dra. Ana Paula Porto Noronha  
Orientadora e Presidente

Prof. Dr. Makilim Nunes Baptista  
Examinador

Prof. Dr. Nelson Hauck Filho  
Examinador

Prof. Dr. Wagner de Lara Machado  
Examinador

Prof. Dr. Marco Antônio Pereira Teixeira  
Examinador

## PROTOCOLO DE ASSINATURA(S)

O(s) nome(s) indicado(s) para assinatura, bem como seu(s) status em 21/09/2020 é(são) :

- Marco Antônio Pereira Teixeira (Signatário)

**Tipo:** Assinatura Eletrônica



- Makilim Nunes Baptista (Signatário)

**Tipo:** Assinatura Eletrônica



- Nelson Hauck Filho (Signatário)  
**Tipo:** Assinatura Eletrônica



- Ana Paula Porto Noronha (Signatário)  
**Tipo:** Assinatura Eletrônica



□ Wagner de Lara Machado (Signatário)

**Tipo:** Assinatura Eletrônica

A handwritten signature in black ink, consisting of several overlapping loops and lines, positioned below the text.

## **Dedicatória**

Quero dedicar esse trabalho a Deus, Nossa Senhora de Guadalupe, São José, São Josemaria Escrivá, São José de Anchieta e Beato dom Álvaro del Portillo. Também dedico ao querido Antônio Alexandre (Toninho), aos meus avôs falecidos (José, Margarida e Manoel) e à querida família Santos Batista. Obrigado!

*Serviam!*

*Gáudium cum pace...*

## **Agradecimentos**

Inicialmente, quero agradecer a Deus por tudo o que me proporcionou nesse tempo de mestrado e doutorado. Foram anos de muitas lutas e aprendizados. Obrigado, Senhor, por tudo isso! Meu obrigado também à Nossa Senhora, que sempre esteve comigo me dando força e paciência nos momentos mais áridos. Gratidão a Deus pelos ensinamentos de São Josemaria sobre a beleza do estudo e do trabalho. Sei que estou só começando. A companhia de vocês foi essencial nesse tempo.

Agradeço aos meus pais por me permitirem vir ao mundo, pelo apoio e paciência com meus processos, por “segurarem as pontas” em casa. Meus agradecimentos também a minha irmã, aos meus tios, avôs e primos (especialmente Plínio, João, André e Marcelinho), pelas palavras de apoio, pela torcida de que tudo daria certo. Por fim, agradeço à Larissa Mariana, querida noiva: obrigado pela paciência desses anos todos, por confiar em mim mesmo naqueles momentos iniciais sem bolsa, por me ouvir, me ajudar a divulgar as pesquisas, por sonhar com a nossa família (está chegando o grande dia!). Eu te amo muito! Você é maravilhosa!

Além desses agradecimentos a pessoas tão especiais, gostaria de dirigir uma palavra de gratidão àqueles que pertencem à USF. Primeiro, à querida professora Dra Ana Paula Porto Noronha. Nesses 7 anos – Wow! Como o tempo passa! – aprendi a enxergar algumas coisas com mais leveza, alegria e generosidade. A sua presença é importantíssima na minha história. Um dia – assim Deus queira – mostrarei uma foto nossa para meus filhos e lhes direi: “Essa pessoa ajudou muito o papai!”. Obrigado mesmo, Ana! Sempre encontrei em ti coração e ouvidos acolhedores. Nós sabemos as lutas que passei nesse tempo, mas estamos finalizando um belo processo. Tenha a certeza que você sempre estará em minhas orações – e da família Santos Batista também – e que a

minha gratidão é tão grande que não cabem nas palavras aqui escritas. O que posso te dizer é que a sua generosidade com a minha pessoa há de ser recompensada. Muito obrigado!

Agradeço também ao corpo docente da USF e pelos laços que criamos. Queridos professores Nelson Hauck Filho, Makilim Nunes Baptista, Felipe Valentini, Rodolfo Ambiel e Evandro Peixoto, obrigado pelas piadas – algumas bem sem graça, diga-se de passagem – e também por compartilharem do tempo e conhecimento no esclarecimento de dúvidas, aprimoramento de projetos e artigos. À Monique e à Ana Lúcia, por diariamente me receberem com um “bom dia” e um sorriso. Obrigado! À querida professora Dra. Caroline Reppold, gratidão pela leitura desse trabalho e pelas contribuições importantíssimas. O seu olhar foi crucial para me fazer enxergar pontos que eu não havia considerado! Obrigado.

Não poderia deixar de agradecer aos queridos colegas durante esse tempo. No início desse processo, a presença da hoje Dra Roberta Ramazotti foi essencial. Com suas lutas, piadas e risadas os dias se tornaram mais leves e mais agradáveis. Obrigado, querida! Agradeço imensamente pelos membros do grupo de estudos em Psicologia Positiva. Andreia, Lucas, Jamile, Marcela, Maria, Lorena, Pedro e Juliana, obrigado pela vida, bondade e carinho de vocês. Mayara Salgado, Gabriela Cremasco, Ana Zuanazzi, Felipe Cunha, Antônio Montes, Alexandre Jaloto, Amanda Inácio, Andreza Gava, Francine Queluz, Samanta Zuchetto, Gisele Magaroto, Ruam Francisco, Gabriel Gomes e Ana Pallini, vocês também são pessoas queridas que me ensinaram muito nesse tempo. Obrigado!

Meu carinho especial àqueles que estiveram comigo mais de perto por muito tempo e que, mais do que ninguém, desejo muito encontrar “nas esquinas da vida” e na casa dos Santos Batistas: Thaline Moreira, Gustavo Henrique Martins, Adriana Satíco Ferraz, André Pereira Gonçalves, Ana Paula Salvador, Jennifer Kerolly Bathaus e Thiago Francisco Soares. Não tenho palavras para agradecer tantos momentos incríveis. Conseguimos conciliar muitas risadas com seriedade no

trabalho. É maravilhoso poder trabalhar assim! Jamais me esquecerei dos momentos que vivenciamos juntos. Como disse, ainda os quero encontrar por aí! Poderia fazer um texto individual para cada um de vocês, pois merecem – mas falarei privadamente. Deus os recompensará pelo bem que me fizeram, por me ajudarem com as análises de dados, me corrigirem quando eu tive algum desajuste emocional e por tornarem cada semana mais engraçada! Vocês são incríveis! Um abraço do Boni para vocês. Amo muito a cada um!

Enfim, obrigado a todos os meus padrinhos, afilhados e amigos. São tantas pessoas que não vou correr o risco de mencionar alguns nomes e esquecer outros. Deus abençoe a todos que tiveram disponibilidade em me ouvir nesses anos todos. Um grande abraço!

## Resumo

Batista, H.H.V. (2020). *Estudos psicométricos iniciais da Escala de Forças de Caráter-Breve*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas.

Forças de caráter (FC) são características humanas positivas, vistas como um determinante interior que indica uma vida satisfeita, feliz e bem-sucedida, e que se associam positivamente a bons relacionamentos interpessoais. A presente tese teve por objetivo geral a elaboração da versão reduzida da Escala de Forças de Caráter (EFC-Breve). Buscou-se identificar as propriedades psicométricas do instrumento e as relações com outras variáveis (estilos parentais e autorregulação emocional). Uma versão breve para avaliar FC facilitaria a adesão de voluntários em pesquisas e o desenvolvimento de intervenções e estudos longitudinais. No estudo 1 buscou-se evidências de validade baseadas no conteúdo (Etapa 1) e na estrutura interna (Etapa 2) para a EFC-Breve. Na etapa 1, para selecionar itens da EFC-Breve, foram realizadas análises fatoriais exploratórias e análises qualitativas dos itens em um banco de dados com 4540 pessoas com idades entre 13 e 65 anos ( $M= 22,14$ ;  $DP= 7,63$ ) que responderam à Escala de Forças de Caráter (71 itens). Em seguida, três juízes avaliaram a EFC-Breve (48 itens), sendo encontradas boas concordâncias (Índices *Kappa* superiores a 0,80) quanto ao conteúdo dos itens. Na etapa 2, 1014 participantes com idades entre 18 e 73 anos ( $M= 35,85$ ;  $DP= 12,52$ ) responderam à EFC-Breve (48 itens). Nas análises fatoriais confirmatórias não foram encontrados índices psicométricos adequados para a EFC-Breve considerando estruturas fatoriais identificadas anteriormente na literatura em instrumentos que avaliam as FC. Após sucessivas análises fatoriais exploratórias e controles de *Differential Functioning Item* (sexo, idade e escolaridade), a estrutura de dois fatores de primeira ordem (forças intrapessoais e forças intelectuais e interpessoais) apresentou melhor pertinência teórica e índices de ajuste para a EFC-Breve (18 itens). Nos estudos 2 e 3 buscou-se evidências de validade para a EFC-Breve baseadas na relação com outras variáveis (estilos parentais e autorregulação emocional, respectivamente). No estudo 2, 424 participantes com idades entre 18 e 73 anos ( $M= 32,28$ ;  $DP= 11,78$ ) responderam à EFC-Breve (18 itens) e às Escalas de Responsividade e Exigência Parental (EREP's - versões para pais e retrospectiva para adultos). Identificou-se associações variando entre baixas e moderadas da EFC-Breve com as EREP's ( $r$  entre 0,18 e 0,40), sendo a responsividade a dimensão que mais se associou às FC. No estudo 3, além da EFC-Breve, os 627 participantes, com idades entre 18 e 73 anos ( $M= 35,33$ ;  $DP= 12,27$ ) responderam à Escala de Autorregulação Emocional-Adulto (EARE-AD). As associações entre FC e autorregulação emocional variaram entre fracas e fortes ( $r$  entre 0,09 e 0,60), destacando-se as associações das FC com o fator estratégias de enfrentamento da EARE-AD. Todas as hipóteses esperadas no desenvolvimento da pesquisa foram confirmadas, à exceção de uma. Conclui-se que foram encontradas evidências de validade baseadas no conteúdo, na estrutura interna e na relação com outras variáveis para a EFC-Breve. Houve avanços na compreensão das FC no cenário brasileiro. Visto que os pontos fortes da personalidade e das habilidades autorregulatórias estão inversamente associados à depressão, ansiedade e suicídio, o desenvolvimento de programas interventivos que busquem o desenvolvimento de tais características pode auxiliar na atuação dos profissionais de psicologia.

**Palavras-chave:** avaliação psicológica; relações familiares; autocontrole; psicologia positiva; testes psicológicos.

## Abstract

Batista, H.H.V. (2020). *Initial psychometric studies of the Scale of Character Strengths-Brief* Doctoral Thesis, Post-Graduate Studies in Psychology, University San Francisco, Campinas, São Paulo.

Character strengths (CF) are positive human characteristics, seen as an inner determinant that indicates a satisfied, happy and successful life, and that are positively associated with good interpersonal relationships. The present thesis had as general objective the elaboration of the reduced version of the Character Strengths Scale (CSS-Brief). We sought to identify the psychometric properties of the instrument and the relationships with other variables (parenting styles and emotional self-regulation). A short version to assess CF would facilitate the participation of volunteers in research and the development of interventions and longitudinal studies. In study 1, evidence of validity was sought based on the content (Step 1) and the internal structure (Step 2) for the CSS-Brief. In step 1, to select items from the CSS-Brief, exploratory factor analysis and qualitative analysis of the items were carried out in a database with 4540 people aged between 13 and 65 years ( $M= 22.14$ ;  $SD= 7.63$ ) who responded to the Character Strengths Scale (71 items). Then, the CSS-Brief (48 items) was evaluated by three judges, and good agreement was found ( $Kappa$  indexes greater than 0.80) regarding the content of the items. In step 2, 1014 participants aged 18 to 73 years ( $M= 35.85$ ;  $SD= 12.52$ ) responded to the CSS-Brief (48 items). In confirmatory factor analyzes, no suitable psychometric indexes were found for the CSS-Brief, considering factor structures previously identified in the literature in instruments that assess FC. After successive exploratory factor analyzes and Differential Functioning Item controls (sex, age and level of education), the structure of two first order factors (intrapersonal strengths and intellectual and interpersonal strengths) showed better theoretical relevance and adjustment indexes for the CSS-Brief (18 items). In studies 2 and 3, evidence of validity for the CSS-Brief was sought based on the relationship with other variables (parenting styles and emotional self-regulation, respectively). In study 2, 424 participants aged between 18 and 73 years ( $M= 32.28$ ;  $SD= 11.78$ ) answered the CSS-Brief (18 items) and the *Escalas de Exigência e Responsividade Parental* (EREP's - versions for parents and retrospective for adults). Associations varying between low and moderate CSS-Brief with EREP's ( $r$  between 0.18 and 0.40) were identified, with responsiveness being the dimension most associated with CF. In study 3, in addition to the CSS-Brief, the 627 participants, aged between 18 and 73 years old ( $M= 35.33$ ;  $SD= 12.27$ ) responded to the Emotional Self-Regulation Scale- Adult (ESRS-AD). The associations between CF and emotional self-regulation varied between low and strong ( $r$  between 0.09 and 0.60), with emphasis on the associations of CF with the coping strategies factor of ESRS-AD. All the hypotheses expected in the development of the research were confirmed, with the exception of one. It is concluded that evidence of validity was found based on content, internal structure and the relationship with other variables for the CSS-Brief. There have been advances in the understanding of CF in the Brazilian scenario. Since the strengths of personality and self-regulatory skills are inversely associated with depression, anxiety and suicide, the development of interventional programs that seek to develop these characteristics can help the performance of psychology professionals.

**Keywords:** psychological assessment; family relations; self-control; positive psychology; psychological testing.

## Resumén

Batista, H.H.V. (2020). *Estudios psicométricos iniciales de la Escala de Fuerzas de Carácter-Breve*. Tesis Doctoral, Programa de Estudios de Posgrado em Psicología, Universidad San Francisco, Campinas, São Paulo.

Fuerzas de carácter (FC) son características humanas positivas, vistas como un determinante interno que indica una vida satisfecha, feliz, y exitosa, y que se asocian positivamente con buenas relaciones interpersonales. La presente tesis tuvo como objetivo general la elaboración de la versión reducida de la Escala de Fuerzas de Carácter (EFC-Breve). Intentó identificar las propiedades psicométricas del instrumento y las relaciones con otras variables (estilos parentales y autorregulación emocional). Una versión breve para evaluar la FC facilitaría la participación de voluntarios en la investigación y desarrollo de intervenciones y estudios longitudinales. En el estudio 1, se buscó evidencia de validez con base en contenido (Paso 1) y la estructura interna (Paso 2) para el EFC-Breve. En el paso 1, para seleccionar ítems del EFC-Breve, se realizó un análisis factorial exploratorio y un análisis cualitativo de los ítems en una base de datos de 4540 personas de edades entre 13 y 65 años ( $M= 22.14$ ;  $DE= 7.63$ ) que respondieron a la Escala de Fuerzas de Carácter (71 ítems). En seguida, el EFC-Breve (48 ítems) fue evaluada por tres jueces y se encontró buena concordancia (índices *Kappa* superiores a 0.80) en cuanto al contenido de los ítems. En el paso 2, 1014 participantes con edades entre 18 y 73 años ( $M= 35.85$ ;  $DE= 12.52$ ) respondieron el EFC-Breve (48 ítems). En los análisis factoriales confirmatorios, no se encontraron índices psicométricos adecuados para la EFC-Breve considerando las estructuras factoriales previamente identificadas en la literatura en los instrumentos que evalúan la FC. Después de sucesivos análisis factoriales exploratorios y controles de *Differential Functioning Item* (sexo, edad y escolaridad), la estructura de dos factores de primer orden (fuerzas intrapersonales y fuerzas intelectuales e interpersonales) mostró una mayor relevancia teórica e índices de ajuste para la EFC-Breve (18 ítems). En los estudios 2 y 3, se buscó evidencia de validez para la EFC-Breve en función de la relación con otras variables (estilos parentales y autorregulación emocional, respectivamente). En el estudio 2, 424 participantes con edades entre 18 y 73 años ( $M= 32.28$ ;  $SD= 11.78$ ) respondieron la EFC-Breve (18 ítems) y las Escalas de *Responsividade e Exigência Parental* (EREP - versiones para padres y retrospectiva para adultos). Se identificaron asociaciones que varían entre bajo y moderado de la EFC-Breve con EREP ( $r$  entre 0.18 y 0.40), siendo la Responsividad la dimensión más asociada con la FC. En el estudio 3, además de la EFC-Breve, los 627 participantes, con edades entre 18 y 73 años ( $M= 35.33$ ;  $DE= 12.27$ ) respondieron a la Escala de Autorregulación Emocional-Adulto (EARE-AD). Las asociaciones entre FC y la autorregulación emocional variaron entre débiles y fuertes ( $r$  entre 0.09 y 0.60), con énfasis en las asociaciones de FC con el factor de estrategias de afrontamiento de la EARE-AD. Se confirmaron todas las hipótesis esperadas en el desarrollo de la investigación, con la excepción de una. Se concluye que se encontró evidencia de validez basada en el contenido, en la estructura interna y en la relación con otras variables para la EFC-Breve. Ha habido avances en la comprensión de la FC en el escenario brasileño. Dado que los puntos fuertes de la personalidad y las habilidades de autorregulación están inversamente asociadas con la depresión, la ansiedad y el suicidio, el desarrollo de programas de intervención que buscan desarrollar estas características puede ayudar al trabajo de los profesionales de la psicología.

**Palabras clave:** evaluación psicológica; relaciones familiares; autocontrol; psicología positiva; tests psicológicos.

## **Apoio financeiro**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

## Sumário

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO 2 – ESTUDO 1: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE BASEADAS NO CONTEÚDO E NA ESTRUTURA INTERNA</b> .....	<b>38</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>38</b>
<b>MÉTODO</b> .....	<b>41</b>
<i>ETAPA 1 – SELEÇÃO DE ITENS E ANÁLISE DE JUÍZES</i> .....	41
PARTICIPANTES .....	41
INSTRUMENTOS .....	41
PROCEDIMENTOS .....	42
ANÁLISE DE DADOS .....	43
<b>RESULTADOS</b> .....	<b>44</b>
<i>ETAPA 2 - EVIDÊNCIAS DE VALIDADE BASEADAS NA ESTRUTURA INTERNA</i> .....	47
PARTICIPANTES .....	47
INSTRUMENTOS .....	47
PROCEDIMENTOS .....	47
ANÁLISE DE DADOS .....	48
<b>RESULTADOS</b> .....	<b>49</b>
<b>DISCUSSÃO</b> .....	<b>54</b>
<b>CAPÍTULO 3 – ESTUDO 2: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE BASEADAS NA RELAÇÃO COM OUTRAS VARIÁVEIS – ESTILOS PARENTAIS</b> .....	<b>60</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>60</b>
<b>MÉTODO</b> .....	<b>65</b>
PARTICIPANTES .....	65
INSTRUMENTOS .....	65
PROCEDIMENTOS.....	67
ANÁLISE DE DADOS .....	67
<b>RESULTADOS</b> .....	<b>68</b>
<b>DISCUSSÃO</b> .....	<b>78</b>
<b>CAPÍTULO 4 – ESTUDO 3: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE PARA A EFC-BREVE BASEADAS NA RELAÇÃO COM OUTRAS VARIÁVEIS – AUTORREGULAÇÃO EMOCIONAL</b> .....	<b>85</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>85</b>
<b>MÉTODO</b> .....	<b>89</b>
PARTICIPANTES .....	89
INSTRUMENTOS .....	89

PROCEDIMENTOS.....	90
ANÁLISE DE DADOS.....	90
<b>RESULTADOS.....</b>	<b>91</b>
<b>DISCUSSÃO.....</b>	<b>99</b>
<b>CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>129</b>
ANEXO 1 – ESCALA DE FORÇAS DE CARÁTER-EFC (NORONHA & BARBOSA, 2016) .....	129
ANEXO 2 – ESCALA DE FORÇAS DE CARÁTER-BREVE (EFC-BREVE) – 48 ITENS.....	132
ANEXO 3 – EXEMPLO DO MATERIAL DE AVALIAÇÃO DOS ITENS.....	134
ANEXO 4 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	135
ANEXO 5- QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO.....	136
ANEXO 6- ESCALA DE FORÇAS DE CARÁTER-BREVE-18 ITENS.....	137
ANEXO 7- ESCALA DE RESPONSABILIDADE E EXIGÊNCIA PARENTAL (TEIXEIRA, BARDAGI, & GOMES, 2004) .....	138
ANEXO 8 - ESCALA DE RESPONSABILIDADE E EXIGÊNCIA PARENTAL- VERSÃO ADAPTADA PARA PAIS (EREP-PAIS, TEIXEIRA, BARDAGI, & GOMES, 2004; ADAPTADA POR NORONHA & BATISTA, 2017) .....	139
ANEXO 9- ESCALA DE AUTORREGULAÇÃO EMOCIONAL-ADULTO (EARE-AD; NORONHA, BAPTISTA, & BATISTA, 2019).....	140

## Lista de tabelas

Tabela 1 – Definições das virtudes e das forças de caráter.....	27
Tabela 2 - Estruturas fatoriais, países de origem, instrumentos e agrupamentos encontrados para as Forças de Caráter em estudos anteriores .....	29
Tabela 3 - Cargas Fatoriais dos itens da EFC-Breve.....	45
Tabela 4 - Índices de ajuste e modelos testados nas Análises Fatoriais Confirmatórias .....	49
Tabela 5 - Cargas fatoriais e DIF's da EFC-Breve (22 itens) com estrutura de um fator de primeira ordem .....	51
Tabela 6 - Cargas fatoriais e DIF's da EFC-Breve com estrutura de dois fatores de primeira ordem...	53
Tabela 7 - Frequências, porcentagens das tipologias de estilos parentais da EREP e da EREP-Pais....	69
Tabela 8 - Correlações entre os fatores da EFC-Breve com EREP-Pais, EREP, idade, nº de filhos, nº de pessoas que residem com o respondente .....	70
Tabela 9 - Análises de regressão linear múltiplas entre os fatores da EFC-Breve e da EREP .....	72
Tabela 10 - Análises de regressão linear múltiplas entre os fatores da EFC-Breve e da EREP-Pais ....	73
Tabela 11 - Testes post-hoc dos fatores da EFC-Breve e de acordo com os estilos parentais.....	74
Tabela 12 - Testes post-hoc dos fatores da EFC-Breve e de acordo com a escolaridade dos participantes .....	75
Tabela 13 - Testes post-hoc dos fatores da EFC-Breve e da EARE-AD conforme o estado civil .....	77
Tabela 14 - Médias e desvios-padrão dos participantes na EFC-Breve e na EARE-AD.....	91
Tabela 15 - Correlações entre os fatores da EFC-Breve e da EARE-AD e a idade.....	92
Tabela 16 - Análises de regressão linear múltiplas entre os fatores da EFC-Breve e da EARE-AD.....	93
Tabela 17 - Testes t, df, p, médias e desvios-padrão na EARE-AD e na EFC-Breve conforme o sexo dos participantes .....	94
Tabela 18 - Testes post-hoc dos fatores da EFC-Breve e da EARE-AD conforme a escolaridade.....	96
Tabela 19 – Testes post-hoc dos fatores da EFC-Breve e da EARE-AD conforme o estado civil.....	98

## **Apresentação**

Ao iniciar o movimento da Psicologia Positiva em 1990, Martin Seligman tinha por objetivo investigar a felicidade humana e os aspectos fortes, bem desenvolvido nos indivíduos. Entretanto, apesar do avanço conquistado com as pesquisas, o movimento tem sido alvo de críticas. Um dos principais questionamentos refere-se ao modelo de classificação das forças de caráter (*Values in Action – VIA*), elaborado por Peterson e Seligman (2002) para trazer diretrizes quanto ao desenvolvimento de estudos sobre a felicidade humana. Nessa classificação, 24 forças de caráter foram agrupadas em seis virtudes. Todavia, nos estudos empíricos desenvolvidos por outros pesquisadores não tem sido encontrada a mesma estrutura da classificação VIA. Como contraponto, há de se considerar que tal proposta teórica permitiu o avanço de pesquisas relacionadas às características positivas dos seres humanos, conhecidas como forças de caráter, um dos principais construtos estudados pela Psicologia Positiva. Desde então, as pesquisas que exploram o que torna as pessoas felizes têm sido desenvolvidas pelo mundo e subsidiado intervenções fundamentadas cientificamente, de forma a gerar conhecimento para que intervenções sejam realizadas e gerem benefícios às pessoas que participam de tais intervenções.

Recentemente, alguns estudos (Ciarrochi, Atkins, Hayes, Sahdra, & Parker, 2016; Reppold, Kaiser, & D’Azevedo, 2018) ressaltaram a necessidade de considerar os diferentes contextos os quais as pessoas estão inseridas e fazer adaptações, caso sejam necessárias, para o desenvolvimento de pesquisas baseadas na perspectiva da Psicologia Positiva e com as forças de caráter. A depender do contexto, algumas características positivas podem ser nocivas (ex: o perdão recorrente em situações de violência doméstica). Assim, a negligência quanto aos contextos de avaliação é um dos principais erros dos que atuam sob a perspectiva da Psicologia Positiva e uma fonte de críticas dos profissionais que não têm conhecimento aprofundado sobre o movimento (Ciarrochi et al., 2016).

Para realizar pesquisas sob a perspectiva da Psicologia Positiva que considerem os diferentes contextos de avaliação, são considerados três pilares: as instituições positivas (escolas, famílias, locais de trabalho, comunidades religiosas, hospitais), as emoções positivas (alegria e esperança) e as qualidades positivas (virtudes e forças de caráter). Na presente tese, buscou-se, majoritariamente, considerar as qualidades positivas, no caso, as forças de caráter. Foi elaborado um instrumento de versão breve para avaliar o construto, a Escala de Forças de Caráter-Breve (EFC-Breve). A EFC-Breve foi proposta pelo fato de instrumentos com versões breves facilitarem o processo de avaliação psicológica em diferentes situações profissionais. Ademais, a adesão de voluntários em pesquisas pode ser maior, visto que em protocolos de pesquisas vários instrumentos são aplicados de forma conjunta. As propriedades psicométricas da EFC-Breve e a sua relação com outras variáveis (estilos parentais e autorregulação emocional) foram expostas nos capítulos que se seguem.

A presente pesquisa foi realizada em razão do interesse do autor pela temática das características positivas dos seres humanos e das dinâmicas familiares (no caso, os estilos parentais). O primeiro contato com o tema sobre relações entre pais e filhos se deu quando esse estava na graduação em Psicologia e, na pesquisa realizada na iniciação científica, investigou os estilos parentais e as forças de caráter (ver Noronha & Batista, 2017) e alguns temas correlatos em disciplinas da pós-graduação (ver Batista, Piovezan, & Muner, 2015; Noronha, Martins, Alves, Silva, & Batista, 2016). Em seguida, no mestrado em Psicologia, o autor mudou o foco de suas pesquisas e estudou amostras de cuidadores de idosos (ver Castanhassi, Piovezan, Muner, & Batista, 2017), investigando a autorregulação emocional desses.

Essa etapa do mestrado foi importante, uma vez que o contato com um construto, que à época era uma novidade para o autor, e a possibilidade de participar do processo de seleção dos itens das Escalas de Autorregulação Emocional (adulto e infanto-juvenil), permitiram uma vivência importante com os autores das Escalas e com análises estatísticas, além de possibilitar

uma maior compreensão acerca da importância do construto (ver Batista & Noronha, 2018; Noronha, Baptista, & Batista, 2019). Todavia, no mestrado a amostra de cuidadores estava mais ligada ao contexto hospitalar, o que distanciava do foco de estudos da orientadora do referido autor. Nesse sentido, no doutorado buscou-se um tema que pudesse ter, ao mesmo tempo, relevância social e ter mais sentido para orientadora e orientando. Assim, em conjunto, optaram por continuar os estudos iniciados na iniciação científica (forças de caráter e estilos parentais), investigando também o construto trabalhado na dissertação do mestrado (autorregulação emocional) (ver Noronha & Batista, 2020a; 2020b).

A escolha pela autorregulação emocional não foi somente por afinidades, mas também pelo fato que identificar os seus níveis de forma concomitante aos níveis de forças de caráter pode ser importante, uma vez que os dois construtos permitem que os sintomas de ansiedade e depressão sejam minimizados, além de estarem positivamente associados ao bem-estar psicológico (Gratz & Roemer, 2004; Gustems & Calderón, 2014). Por sua vez, quanto aos aspectos relacionados aos contextos familiares – avaliados no presente projeto por meio dos estilos parentais – podem existir dinâmicas que atuam como uma proteção contra o desenvolvimento de psicopatologias ou como potencializador de um clima psicológico saudável, facilitador de diálogos e do desenvolvimento de bem-estar, autoestima e autonomia (Kopala-Sibley et al., 2017; Loton & Waters, 2017).

Porém, nota-se que, em geral, os estudos que investigam a dinâmica familiar, as qualidades positivas e o controle emocional, consideram, de forma majoritária, como os pais têm interferido no desenvolvimento dos filhos, sendo que os possíveis benefícios para os adultos, independentemente se são pais ou não, não têm sido priorizados nas pesquisas (Kopala-Sibley et al., 2017; Loton & Waters, 2017; Shoshani & Aviv, 2012; Zhou et al., 2015). Dessa forma, compreender as relações existentes entre os construtos que foram investigados (forças de caráter, autorregulação emocional e estilos parentais) em adultos pode ser importante para o

desenvolvimento de estratégias que auxiliem na diminuição de pensamentos e sentimentos negativos, bem como da interferência de eventos ambientais nocivos. Por fim, o desenvolvimento do presente estudo se faz importante por permitir avanços na compreensão das forças de caráter no cenário brasileiro, além de considerar possíveis interferências metodológicas, culturais e de características sociodemográficas na avaliação do construto.

O presente trabalho foi dividido em cinco capítulos. Inicialmente, no capítulo 1, foi exposta a fundamentação teórica relacionada às forças de caráter, as lacunas existentes na literatura e a importância do presente estudo. No capítulo 2, dividido em duas etapas, foi descrito a busca por evidências de validade baseadas no conteúdo (etapa 1) e na estrutura interna (etapa 2). Por sua vez, nos capítulos 3 e 4 foram descritos os estudos que buscaram evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis (estilos parentais e autorregulação emocional, respectivamente). Em seguida, no capítulo 5, Considerações finais, foram sintetizados os avanços obtidos com o presente trabalho, além de considerar algumas limitações e sugerir caminhos para novos estudos. As referências utilizadas estão listadas no tópico “Referências” e os instrumentos utilizados estão nos anexos.

### Referências

- Batista, H. H. V., & Noronha, A. P. P. (2018). Instrumentos de autorregulação emocional: uma revisão de literatura. *Avaliação Psicológica*, 17(3), 389-398. doi: 10.15689/ap.2018.1703.15643.12
- Batista, H. H. V., Piovezan, N. M., & Muner, L. C. (2015). Relação entre autoestima e satisfação de vida de casais com e sem filhos. *PsicoFAE*, 4(1), 75-88. Recuperado de <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/58/40>
- Castanhassi, P., Piovezan, N. M., Muner, L. C., & Batista, H. H. V. (2017). Cuidando dos cuidadores: Um olhar sobre a depressão em cuidadores de idosos. *Ensaio USF*, 1(1), 187-201. Recuperado de <http://ensaios.usf.edu.br/ensaios/article/view/59/33>

- Ciarrochi, J., Atkins, P. W. B., Hayes, L. L., Sahdra, B. K., & Parker, P. (2016). Contextual positive psychology: Policy recommendations for implementing positive psychology into schools. *Frontiers in Psychology, 7*(1561), 1-16. doi: 10.3389/fpsyg.2016.01561
- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: Development factor structure, and initial validation of the Difficulties in Emotion Regulation Scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment, 26*(1), 41-54. doi: 10.1007/s10862-008-9102-4
- Gustems, J., & Calderon, C. (2014). Character Strengths and Psychological Wellbeing Among Students of Teacher Education. *International Journal of Educational Psychology, 3*(3), 265-286. doi: 10.4471/ijep.2014.14
- Kopala-Sibley, D. C., Jelinek, C., Kessel, E., Frost, A., Allmann, A. E. E., & Klein, D. N. (2017). Parental depressive history, parenting styles, and child psychopathology over six years: The contribution of each parent's depressive history to the other's parenting styles. *Development and Psychopathology, 29*(4), 1468-1482. doi: 10.1017/S0954579417000396
- Loton, D. J., & Waters, L. E. (2017). The mediating effect of self-efficacy in the connections between strength-based parenting, happiness and psychological distress in teens. *Frontiers in Psychology, 8*, 1-13. doi: 10.3389/fpsyg.2017.01707
- Noronha, A. P. P., Baptista, M. N., & Batista, H. H. V. (2019). Estudos psicométricos iniciais da Escala de Autorregulação Emocional: Versões adulto e infanto-juvenil. *Estudos de Psicologia (Campinas), 36*(e180109), 1-12. doi: 10.1590/1982-0275201936e180109
- Noronha, A. P. P. & Batista, H. H. V. (2017). Escala de Forças e estilos parentais: Estudo correlacional. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 8*(2), 2-19. doi: 10.5433/2236-6407.2016v8n2p02

- Noronha, A. P. P. & Batista, H. H. V. (2020a). Análise da estrutura interna da Escala de Forças de Caráter. *Ciencias Psicológicas*, 14(1), 1-12. doi: 0.22235/cp.v14i1.2150
- Noronha, A. P. P. & Batista, H. H. V. (2020b). Relações entre forças de caráter e autorregulação emocional em universitários brasileiros. *Revista Colombiana de Psicología*, 29(1), 73-86. doi: 10.15446/.v29n1.72960
- Noronha, A. P. P., Martins, D. F., Alves, B. P., Silva, E. N., & Batista, H. H. V. (2016). Evidências de validade para a Escala de Vitalidade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 68(3), 32-42. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v68n3/04.pdf>
- Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2002). Values in Action (VIA) classification of strengths. *Values in Action Institute*. Recuperado de <http://www.ppc.sas.upenn.edu/viamanualintro.pdf>
- Reppold, C.T., Kaiser, V., D'Azevedo, L., & Almeida, L. (2018). Intervenções em Psicologia Positiva na área da saúde: O que os ensaios clínicos informam sobre a efetividade dessas intervenções? In C. Hutz & C. T. Reppold. (Orgs.). *Intervenções em Psicologia Positiva aplicadas à saúde* (pp. 11-42). São Paulo: Leader
- Shoshani, A., & Aviv, I. (2012) The pillars of strength for first-grade adjustment – Parental and children's character strengths and the transition to elementary school. *The Journal of Positive Psychology*, 7(4), 315-326. doi: 10.1080/17439760.2012.691981
- Zhou, Y, Bullock, A., Liu, J., Fu, R., Coplan, R. J., & Cheah, C. S. L. (2015). Validation of the self-regulation scale in chinese children. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 34(6), 1–6. doi: 10.1177/0734282915622853

## Capítulo 1 – Fundamentação Teórica

O presente estudo tem por objetivo a elaboração de uma versão breve de um instrumento que avalia as forças de caráter (EFC-Breve), um dos principais construtos da Psicologia Positiva. Historicamente, em consequência da Segunda Guerra Mundial, os estudos desenvolvidos na área da psicologia procuravam priorizar a identificação dos aspectos psicopatológicos das pessoas (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). À época, a necessidade era minimizar os sofrimentos dos indivíduos, por isso os aspectos positivos dos seres humanos não eram incluídos de forma prioritária nas agendas de pesquisas (Seligman, 2019). A ênfase nas patologias humanas, sem considerar o que é bem estruturado nas pessoas, pode restringir a compreensão do funcionamento de cada pessoa. Com o passar do tempo, os pesquisadores têm identificado ser necessário fazer avaliações mais holísticas, que visem compreender tanto as patologias quanto o que os seres humanos possuem de pontos fortes, contribuindo com melhores prognósticos (Brazeau, Teatero, Rawana, Brownlee, & Blanchette, 2012; Liao, Tan, Li, & Khoo, 2012; Rashid & Ostermann, 2009; Reppold & Almeida, 2019; Reppold, Mayer, Almeida, & Hutz, 2012).

Atento à necessidade de valorizar os aspectos virtuosos e as boas qualidades humanas, em 1990, ao se tornar presidente da *American Psychological Association* (APA), Martin Seligman propôs o movimento da Psicologia Positiva com o objetivo de estudar a felicidade de maneira mais aprofundada e diminuir a ênfase nos aspectos patológicos, já amplamente estudados. Para o desenvolvimento das investigações na perspectiva da Psicologia Positiva, foram considerados três pilares: as emoções positivas (esperança e a alegria); as qualidades positivas (virtudes e as forças de caráter); e as instituições positivas (locais de trabalho, escolas, comunidades religiosas, famílias ou sociedades). Ao levar em conta esses pilares as intervenções podem se tornar mais efetivas, pois o ser humano seria considerado de forma integral (Peterson & Park, 2006a; 2006b; Seligman, 2019).

Nos últimos anos, sobretudo na América do Norte e Europa, houve um aumento no número de pesquisas, de profissionais de saúde mental e de educadores que têm procurado considerar as características positivas das pessoas em processos avaliativos em distintas faixas etárias (Albrecht & Braaten, 2008; Beaver, 2008; Petkari & Ortiz-Tallo, 2016; Stanton & Watson, 2014). Uma possível explicação para o crescimento de estudos centra-se no fato das pessoas que experimentam estados emocionais positivos busquem manter ou aumentar tais estados e, em caso de diminuição desses, buscam a recuperação das vivências positivas, impactando na prevenção de algumas doenças (Littman-Ovadia & Steger, 2010; Seligman, 2019).

No presente projeto, serão consideradas as qualidades (forças de caráter) e as instituições positivas (no caso, o contexto familiar). Em relação ao último, cabe ressaltar que se trata de apenas um aspecto do contexto familiar (estilos parentais), mas que pode trazer contribuições para o estudo das forças de caráter (Noronha & Batista, 2017; Shoshani & Aviv, 2012), foco do presente estudo.

As forças de caráter são características positivas que possuem valor moral, referem-se aos pensamentos, sentimentos e comportamentos, e contribuem para que a vida humana seja melhor (Peterson & Park, 2006a; 2006b; Peterson & Seligman, 2004). Park, Peterson e Suh (2013) consideraram que as forças são um conceito multidimensional, que dizem respeito a um conjunto de disposições positivas e que qualquer indivíduo pode expressá-las. Além disso, Harzer e Ruch (2015) afirmaram que o construto pode ser visto como determinante interior que indica uma vida feliz, bem sucedida e satisfeita. Nesse sentido, desenvolver as forças de caráter permitiria a vivência mais frequente de emoções positivas, melhores relacionamentos interpessoais e maior engajamento em atividades acadêmicas e no trabalho (Littman-Ovadia, Lavy, & Boiman-Meshita, 2017; Seligman, 2019). Ademais, há evidências de que as forças podem funcionar como um fator de proteção contra psicopatologias como a ansiedade fóbica,

depressão e obsessão-compulsão, além de ser um recurso para o desenvolvimento humano mais saudável (Gustems & Calderón, 2014; Littman-Ovadia & Steger, 2010; Snyder & Lopez, 2009).

Em 2002, Peterson e Seligman apresentaram as 24 forças de caráter, dispostas em seis virtudes, e as respectivas classificações teóricas no *Values in Action (VIA) Classification of Strengths*. Cabe ressaltar que o VIA não foi elaborado como uma classificação empírica. Seu desenvolvimento se deu como uma estratégia de análise das características positivas dos seres humanos, com o objetivo de ser uma espécie de manual de sanidades que caminhava no sentido oposto à tendência de patologização vigente da Classificação Internacional de Doenças (CID) e do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) (APA, 2014). Para desenvolverem o VIA, os autores fizeram uma ampla revisão de diversos textos ligados à moralidade em diferentes culturas. Entre os textos estavam aqueles que se referiam às religiões tradicionais (judaísmo, cristianismo, hinduísmo, budismo), às legislações, às filosofias e aos catálogos de virtudes de autores como Maslow, Erikson, Schartz, Confúcio, Sócrates, Aristóteles, entre outros. Com base nesses textos, os autores estabeleceram as características que descreviam cada virtude, bem como as forças de caráter, conforme apresentado com mais detalhes na Tabela 1.

Conforme observado na Tabela 1, as 24 forças de caráter foram organizadas em seis virtudes, a saber, sabedoria, coragem, humanidade, justiça, temperança e transcendência. Na virtude sabedoria estão as forças criatividade, curiosidade, pensamento crítico, amor pelo aprendizado e sensatez. As forças bravura, persistência, autenticidade e vitalidade compõem a virtude coragem. Humanidade é a virtude na qual se inserem as forças amor, bondade e inteligência emocional. Na virtude justiça estão as forças imparcialidade, trabalho em equipe e liderança. As forças perdão, modéstia, prudência e autorregulação incluem-se na virtude temperança. Por fim, na virtude transcendência encontram-se as forças apreciação da beleza, gratidão, esperança, humor e espiritualidade (Peterson & Seligman, 2002).

Tabela 1.

*Definições das virtudes e das forças de caráter*

Virtudes	Forças	Definições
<i>Sabedoria</i> Capacidades cognitivas que implicam a aquisição e uso do conhecimento.	Criatividade	Pensar maneiras novas e produtivas de fazer as coisas.
	Curiosidade	Ter interesse por toda a experiência.
	Pensamento crítico	Analisar as situações por todos ângulos; exame racional e objetivo da informação, sem ir direto para as conclusões.
	Amor pelo aprendizado	Dominar novas habilidades e conhecimento.
	Sensatez	Ser capaz de dar conselhos sábios para os outros.
<i>Coragem</i> Forças emocionais que envolvem o exercício da vontade para atingir metas em face à oposição, externa ou interna.	Autenticidade	Falar a verdade e apresentar-se de forma genuína.
	Bravura	Não se esconder de ameaça, desafio, ou dor.
	Persistência	Terminar o que se começa.
	Vitalidade	Abordar a vida com entusiasmo e energia.
<i>Humanidade</i> Forças interpessoais que envolvem o cuidado e a amizade com os outros.	Bondade	Fazer favores e boas ações para os outros; reconhecer o valor dos outros.
	Amor	Valorizar os relacionamentos próximos e íntimos.
	Inteligência emocional	Estar consciente dos motivos e sentimentos de si e do outro.
<i>Justiça</i> Forças cívicas que fundamentam a vida comunitária saudável.	Imparcialidade	Tratar as pessoas da mesma forma, de acordo com as noções de equidade e justiça.
	Liderança	Organizar bem as tarefas e cuidar para que elas aconteçam.
	Trabalho em equipe/Cidadania	Trabalhar bem como membro de um grupo ou equipe.
	Perdão	Perdoar os que erraram.
<i>Temperança</i> Forças que protegem contra o excesso	Modéstia	Deixar que suas realizações falem por si.
	Prudência e Cuidado	Ser cuidadoso com as suas escolhas, não dizendo ou fazendo algo de que pode arrepender-se mais tarde.
	Autorregulação	Manter facilmente sob controle desejos, necessidades e impulsos; manter o ânimo mesmo diante de situações difíceis.
<i>Transcendência</i> Forças que forjam conexões com o universo, com algo maior e fornecem significado.	Apreciação do belo	Prazer em apreciar a beleza, a excelência e a habilidade, seja na natureza, na arte, na matemática ou na ciência, em diversos momentos da vida diária.
	Gratidão	Estar atento e grato pelas coisas boas que acontecem.
	Esperança e Otimismo	Esperar o melhor e trabalhar para alcançá-lo. Gostar de rir e brincar, trazendo sorrisos para outras pessoas.
	Humor	Ter crenças coerentes com o propósito maior e sentido da vida.
	Espiritualidade	

Depois do desenvolvimento da classificação VIA, medidas que avaliam as forças de caráter foram construídas no Reino Unido, Estados Unidos, Suíça, Israel, Brasil, entre outros países (Linley et al., 2007; Littman-Ovadia & Lavy, 2012; Noronha, Dellazzana-Zanon, &

Zanon, 2015; Park & Peterson, 2006a; 2006b). Alguns dos instrumentos possuem nomenclaturas semelhantes à classificação VIA, como o *VIA Inventory Strengths* (VIA-IS), em casos de adaptação idiomática, e VIA-Youth e German VIA-Youth, adaptados para crianças e adolescentes. A fim de evitar confusões quanto ao termo, “VIA” será utilizado para se referir a algum dos instrumentos desenvolvidos, enquanto “classificação VIA” será utilizado quando o objetivo for mencionar a estrutura teórica elaborada por Peterson e Seligman (2002).

No geral, a classificação VIA, com seis virtudes e os respectivos agrupamentos de forças de caráter, não tem sido encontrado nas investigações empíricas com análises fatoriais (Littman-Ovadia & Lavy, 2012; Martínez-Marti & Ruch, 2016; McGrath, 2014; Neto, Neto, & Furnham, 2014; Ng, Cao, Marsh, Tay, & Seligman, 2016; Noronha & Batista, 2020a; Noronha et al., 2015; Park & Peterson, 2006a; Ruch, Weber, Park, & Peterson, 2014; Solano & Cosentino, 2018). Alguns instrumentos que avaliam as forças de caráter e os respectivos agrupamentos serão apresentados na Tabela 2.

Conforme os dados da Tabela 2, distintas estruturas fatoriais para as forças de caráter foram identificadas. Ainda que a maioria dos autores dos estudos tenha encontrado a estrutura de cinco fatores de primeira ordem como a mais adequada, não foram identificados agrupamentos idênticos (Azañedo, Fernández-Abascal, & Barraca, 2014; Littman-Ovadia, & Lavy, 2012; Martínez-Marti & Ruch, 2016; McGrath, 2014). Adicionalmente, foram utilizados nomenclaturas e agrupamentos distintos da classificação VIA (Peterson & Seligman, 2002) para as forças, tais como, forças de restrição/limitação, forças intelectuais/motivação pessoal, forças de transcendência/teologais, forças interpessoais e forças emocionais. Esses dados ressaltam a existência de divergências teóricas entre autores quanto às nomenclaturas e as associações existentes entre as forças de caráter (Allan, 2014; Fowers, 2008; Peterson & Seligman, 2004; Schwartz & Sharpe, 2006). Ademais, existe a possibilidade de uma única força corresponder, simultaneamente, a várias virtudes (Ruch & Proyer, 2015).

Tabela 2.

*Estruturas fatoriais, países de origem, instrumentos e agrupamentos encontrados para as Forças de Caráter em estudos anteriores*

Autores	Instrumento (País)	Métodos de retenção (Rotação)	Nomenclaturas (Nº de forças agrupadas)	Forças do fator
Azañedo, Fernández-Abascal, e Barraca (2014) <sup>a</sup>	VIA-IS (Espanha)	AP (Varimax)	Forças emocionais (6) Forças interpessoais (5) Forças de restrição (5) Forças teológicas (5) Forças intelectuais (3)	Humor, inteligência emocional, sensatez, criatividade, liderança e bravura Imparcialidade, modéstia, bondade, trabalho em equipe e perdão Autorregulação, persistência, pensamento crítico, autenticidade e prudência Espiritualidade, gratidão, vitalidade, esperança e amor Amor pelo aprendizado, apreciação do belo e curiosidade.
Littman-Ovadia e Lavy (2012) <sup>a</sup>	VIA-IS (Israel)	KG (Varimax)	Forças de restrição (7) Forças intelectuais (4) Forças emocionais (5) Forças interpessoais (4) Forças teológicas (4)	Persistência, autenticidade, bravura, sensatez, pensamento crítico, autorregulação e prudência Amor pelo aprendizado, vitalidade, criatividade e curiosidade Amor, inteligência emocional, bondade, liderança e humor Perdão, trabalho em equipe, modéstia e imparcialidade Espiritualidade, gratidão, apreciação do belo e esperança
Martínez-Martí e Ruch (2016) <sup>a</sup>	VIA-IS (Alemanha, Suíça, Liechtenstein e Áustria)	KG (Varimax)	Forças de restrição (5) Forças intelectuais (5) Forças emocionais (5) Forças interpessoais (7) Forças teológicas (2)	Pensamento crítico, sensatez, persistência, prudência e autorregulação Criatividade, curiosidade, amor pelo aprendizado, bravura e apreciação do belo Vitalidade, amor, inteligência emocional, humor e esperança Autenticidade, bondade, trabalho em equipe, liderança, imparcialidade, perdão e modéstia Espiritualidade e gratidão
McGrath (2014) <sup>a</sup>	VIA-IS (Estados Unidos)	AP e MAP (Varimax e Promax)	Forças de restrição (5) Forças intelectuais (3) Forças emocionais (5) Forças interpessoais (6) Forças teológicas (5)	Prudência, persistência, autorregulação, pensamento crítico e autenticidade Amor pelo aprendizado, apreciação do belo e curiosidade Inteligência emocional, humor, bravura, criatividade e sensatez Imparcialidade, bondade, trabalho em equipe, modéstia, liderança e perdão Vitalidade, esperança, gratidão, espiritualidade e amor
Noronha e Batista (2020a) <sup>b</sup>	Escala de Forças de Caráter – EFC (Brasil)	AP, MAP e Hull (Promin)	Forças interpessoais (5) Forças de coragem (7) Forças teológicas (4) Força de humanidade (3) Forças de autorregulação (3) Forças intelectuais (2)	Humor, amor, inteligência emocional, autenticidade e apreciação do belo Sensatez, pensamento crítico, liderança, trabalho em equipe, prudência, bravura e criatividade Espiritualidade, gratidão, perseverança e esperança Imparcialidade, bondade e modéstia Autorregulação, vitalidade e perdão Amor pelo aprendizado e curiosidade

Tabela 2 (Continuação)

*Estruturas fatoriais, países de origem, instrumentos e agrupamentos encontrados para as Forças de Caráter em estudos anteriores*

Autores	Instrumento (País)	Métodos de retenção (Rotação)	Nomenclaturas (Nº de forças agrupadas)	Forças do fator
Neto, Neto e Furnham (2014) <sup>a,b</sup>	Self-Rated Character Strengths – SRCS (Portugal)	KG (Varimax)	Forças interpessoais (8)	Bondade, amor, vitalidade, trabalho em equipe, autenticidade, gratidão, imparcialidade e humor Liderança, persistência, bravura, sensatez, criatividade, inteligência emocional e espiritualidade Autorregulação, prudência, apreciação do belo, modéstia, esperança e perdão Curiosidade, amor pelo aprendizado e pensamento crítico
			Forças de liderança (7)	
			Forças de temperança (6)	
			Forças intelectuais (3)	
Solano e Cosentino (2018) <sup>b,c</sup>	IVyF abreviado – IvyFabre (Argentina)	AP (Promin)	Forças interpessoais (10)	Perdão, bondade, amor, humor, esperança, imparcialidade, autenticidade, trabalho em equipe, espiritualidade e gratidão Curiosidade, criatividade, sensatez, liderança, bravura, vitalidade, inteligência emocional e persistência Apreciação do belo, amor pelo aprendizado, prudência, pensamento crítico, modéstia e autorregulação
			Forças intelectuais e de empatia pessoal (8)	
			Forças de restrição (6)	
Duan et al (2012) <sup>c</sup>	Chinese Vitues Questionnaire -96 (China)		Vitalidade (10)	Humor, curiosidade, criatividade, vitalidade, sensatez, esperança, apreciação do belo, bravura, espiritualidade e inteligência emocional Bondade, trabalho em equipe, amor, imparcialidade, liderança, perdão, autenticidade e gratidão Prudência, autorregulação, pensamento crítico, modéstia, perseverança e amor pelo aprendizado
			Interpessoal (8)	
			Cautela (6)	
**Ng, Cao, Marsh, Tay, e Seligman (2016) <sup>c</sup>	VIA-IS (Estados Unidos)		Fator geral	Criatividade, curiosidade, pensamento crítico, amor pelo aprendizado e sensatez Bravura, persistência, autenticidade e vitalidade Amor, bondade e inteligência emocional Trabalho em equipe, imparcialidade e liderança Perdão, modéstia, prudência e autorregulação Apreciação do belo, gratidão, esperança, humor e espiritualidade
			Sabedoria e conhecimento (5)	
			Coragem (4)	
			Humanidade (3)	
			Justiça (3)	
			Temperança (4)	
Transcendência (5)				

Nota: a. Análise de Componentes Principais; b. Análise Fatorial Exploratória; c. Análise Fatorial Confirmatória; \* 1 fator geral e 6 específicos; \*\* autores tentaram uma aproximação da estrutura proposta por Peterson e Seligman (2004); AP – Análise Paralela; KG – Kaiser-Guttman; MAP – *Minimum Average Partial*; Hull – Método de Hull;

Além das divergências teóricas, aventa-se, cautelosamente, a possibilidade de tais diferenças de estruturas fatoriais dos instrumentos que avaliam as forças de caráter serem explicadas por três pontos: metodologias utilizadas (métodos de estimação, retenção e rotação), características sociodemográficas dos respondentes (sexo, idade, escolaridade) e questões contextuais e culturais de cada país. Em relação aos métodos de estimação, retenção e rotação utilizados, na maioria dos estudos relatados (Azañedo et al., 2014; Littman-Ovadia & Lavy, 2012; Martínez-Martí & Ruch, 2016; McGrath, 2014; Neto et al., 2014) optou-se pela análise de componentes principais (ACP). Quando comparada à análise fatorial exploratória, esse tipo de análise tende a apresentar comunalidades e cargas fatoriais maiores, além de inflar as variâncias explicadas (Costello & Osbourne, 2005; Damásio, 2012; Ogasawara, 2003). Alguns autores desaconselharam o uso da ACP quando o objetivo fosse observar a inter-relação existente em conjuntos de itens de um construto latente, como a ansiedade, depressão, satisfação com a vida (Costello & Osbourne, 2005; Floyd & Widaman, 1995) e, no caso do presente estudo, as forças de caráter.

Quanto aos métodos de retenção, ainda que a maioria dos estudos tenha incluído a análise paralela, o *Mimum Avarege Partial* (MAP) ou o método de Hull, por serem mais confiáveis (Damásio, 2012; Lorenzo-Seva, Timmerman, & Kiers, 2011), destaca-se o fato do critério Kaiser-Guttman ter sido utilizado (Littman-Ovadia & Lavy, 2012; Neto et al., 2014). Há um consenso na literatura em relação à não recomendação do uso desse método, pois ainda que possua simplicidade e objetividade, seus resultados tendem a ser imprecisos, com superestimação do número de fatores (Costello & Osbourne, 2005; Floyd & Widaman, 1995; Patil, Singh, Mishra, & Donovan, 2008; Reise, Waller, & Comrey, 2000).

Por fim, alguns estudos utilizaram métodos de rotação ortogonais. Nesse tipo de rotação, assume-se que os fatores não apresentarão correlações entre si ( $r = 0$ ). Esse pressuposto tende a deixar os dados obtidos em pesquisas de psicologia incoerentes (Costello & Osbourne, 2005),

uma vez que os comportamentos, sentimentos, sintomas e outras realidades humanas funcionam de forma interdependente, com relações entre si (Schmitt & Sass, 2011). Em pesquisas realizadas nas Ciências Humanas e da Saúde é mais adequado utilizar rotações oblíquas, pois essas permitem correlações entre os fatores. Ainda que as correlações sejam próximas de zero, os resultados obtidos serão semelhantes aos identificados em rotações ortogonais, mas sem uma delimitação ( $r=0$ ) que poderia atrapalhar a confiabilidade dos fatores e inflar as variâncias explicadas (Fabrigar, Wegener, MacCallum, & Strahan, 1999; Sass & Schmitt, 2010; Schmitt & Sass, 2011).

No que se refere ao segundo ponto (características sociodemográficas) que poderia trazer explicações mais aprofundadas sobre as forças, anteriormente identificou-se que faixa etária e o sexo são variáveis que podem apresentar diferenças em relação às forças de caráter mais prevalentes (Linley et al., 2007; Martinez-Marti & Ruch, 2016; Noronha & Campos, 2018; Petkari & Ortiz-Tallo, 2016). Na metanálise de Heintz, Kramm e Ruch (2017), as diferenças nos níveis de forças de caráter, de acordo com o sexo dos respondentes, foram investigadas. Além disso, os autores identificaram se a faixa etária, o país de origem (Israel, Alemanha, Suíça ou Estados Unidos) e o tipo de medida (versões curtas, adaptações do VIA-IS ou instrumentos não baseados no VIA-IS) seriam moderadores dos níveis de forças de acordo com o sexo dos participantes. Após revisarem a literatura, 65 estudos quantitativos que investigaram o construto foram incluídos na metanálise, totalizando 1.189.924 participantes.

Das 24 forças, 17 apresentaram diferenças significativas em relação ao sexo, entretanto, apenas quatro dessas forças apresentaram tamanhos de efeito pequenos (apreciação do belo,  $d=0,32$ ; bondade,  $d=0,30$ ; amor,  $d=0,29$ ; gratidão,  $d=0,27$ ). Apesar das semelhanças, as mulheres apresentaram pontuações maiores que os homens. Em relação à faixa etária e ao tipo de medida como moderadores, os autores indicaram que podem ter acontecido diversas interações (variáveis confundidoras) que não permitiram afirmar com precisão os efeitos dessas

variáveis entre os sexos. Quanto às nacionalidades, o tamanho das diferenças de acordo com o sexo não variou.

Em alguns estudos realizados no Brasil não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas para as forças de caráter quanto ao sexo e à idade dos participantes (Noronha & Batista, 2017; Oliveira et al., 2016) ou não foram realizadas análises com o objetivo de identificar tais diferenças (Noronha & Batista, 2020b; Noronha & Campos, 2018; Noronha & Martins, 2016). Por outro lado, no estudo de Noronha e Barbosa (2016), a Escala de Forças de Caráter foi aplicada em 1423 pessoas com idades entre 14 e 57 anos, sendo que as mulheres apresentaram maiores médias que os homens em sete forças (autenticidade, bondade, amor, inteligência emocional, modéstia, apreciação do belo e espiritualidade). Quanto à faixa etária, os participantes foram divididos em três grupos: menores de 18 anos de idade (G1); entre 18 e 22 anos de idade (G2); e maiores de 22 anos de idade (G3). Os participantes do G1 tiveram pontuações mais elevadas em bravura, inteligência social e modéstia, enquanto os mais velhos (G3) apresentaram maiores médias nas forças pensamento crítico, amor pelo aprendizado, amor, imparcialidade, liderança, trabalho em equipe, autorregulação, apreciação do belo, gratidão e espiritualidade.

Em síntese, para estudos futuros sobre as forças de caráter, faz-se importante incluir outras análises estatísticas e controlar melhor as variáveis que poderiam interferir no endosso das forças, como o sexo e a idade (Heintz et al., 2017). Além disso, existe a necessidade de obter mais evidências de validade e fidedignidade que permitam compreender melhor o construto (Noronha & Barbosa, 2016). Nesse sentido, as considerações de Ciarrochi, Atkins, Hayes, Sahdra, e Parker (2016) são importantes. Eles ressaltaram que alguns comportamentos que são positivos em um contexto podem causar prejuízos em outros. Assim, avaliações descontextualizadas na perspectiva da Psicologia Positiva podem contribuir para que situações ruins sejam prolongadas. Para exemplificar, os autores consideraram a força perdão,

característica socialmente aceita como boa. Entretanto, em situações em que são vivenciadas agressões físicas, o perdão pode prolongar a violência, sendo importante entender os contextos familiares, os suportes sociais, a forma de enfrentamento dos indivíduos avaliados. No caso, se um profissional identificasse a referida força em uma pessoa e desconsiderasse o contexto de violência familiar o qual ela está inserida, ao invés de ter ações que contribuem com o bem-estar e com a saúde do avaliando, estaria prolongado o seu sofrimento.

Assim, para compreender melhor as forças de caráter e considerar pelo menos um aspecto do ambiente familiar dos respondentes, os estilos parentais foram escolhidos como um dos construtos para busca por evidências de validade (Noronha & Batista, 2017). Essa primeira escolha se deu pelo fato das forças de caráter se diferenciarem em ambientes promissores e seguros quando comparados a contextos em que os familiares focam em aspectos negativos (Bariola, Gullone, & Hughes, 2011; Noronha & Batista, 2017; Snyder & Lopez, 2009).

Ciarrochi et al. (2016) também ressaltaram que o foco da Psicologia Positiva não deve ser somente uma busca para que as pessoas vivenciem as emoções positivas, mas que vise a proporcionar espaços nos quais indivíduos se sintam amparados, mesmo que tenham de expressar emoções negativas. Desta feita, a autorregulação emocional diante de eventos que causam tristeza (Noronha, Baptista, & Batista, 2019) foi o segundo construto escolhido para buscar evidências de validade para as forças de caráter. Justifica-se a escolha pelo fato de, tanto a autorregulação emocional quanto as forças de caráter, auxiliar na diminuição de problemas de aprendizagem, depressão, ansiedade e sentimentos de solidão (Berking, Wirtz, Svaldi, & Hofmann, 2014; Gratz & Roemer, 2004; Kleiman, Adams, Kashdan, & Riskind, 2013; Nelis, Quoidbach, Hansenne, & Mikolajczak, 2011; Zhou et al., 2015).

Anteriormente foram encontradas evidências de validade para as forças de caráter com estilos parentais (Noronha & Batista, 2017) e a autorregulação emocional (Noronha & Batista, 2020b). Entretanto, os estudos foram realizados com amostras pequenas e específicas (grupo

religioso e estudantes universitários, respectivamente), sendo necessário ampliar as investigações com outras amostras. As pesquisas relacionadas aos estilos parentais e à autorregulação emocional possuem um foco maior na interferência que os adultos podem exercer no desenvolvimento de crianças e adolescentes, mas não têm investigado como os adultos lidam com os estilos parentais recebidos e como desenvolveram a capacidade de regular as próprias emoções e características como as forças de caráter (Huppert, Abbott, Ploudibis, Richards, & Kuh, 2010; Kopala-Sibley et al., 2017; Loton & Waters, 2017; Ngai et al., 2018; Shosani & Aviv, 2012). Nos capítulos 3 e 4 da presente tese foram detalhados os estudos que investigaram as relações entre as forças de caráter e, respectivamente, os estilos parentais e a autorregulação emocional.

Para avaliar as forças de caráter no cenário brasileiro, Noronha e Barbosa (2016) desenvolveram a Escala de Forças de Caráter (EFC). O instrumento apresentou bons índices de precisão ( $\alpha = 0,93$ ). Os 71 itens da EFC são respondidos no formato likert de 5 pontos, sendo que cada força é contemplada em três itens, à exceção da apreciação do belo, que possui dois. Com base nos resultados das análises fatoriais exploratórias, os autores adotaram a estrutura unifatorial para a EFC (Noronha et al., 2015). Além dos estilos parentais e da autorregulação emocional, o instrumento já foi utilizado para investigar as relações com outros construtos, como a satisfação com a vida e o bem-estar subjetivo (Noronha & Martins, 2016; Oliveira, Nunes, Legal, & Noronha, 2016), e a personalidade (Noronha & Campos, 2018).

Uma das vantagens da EFC é que ela possui menos itens e melhores índices psicométricos que adaptações do VIA ou instrumentos desenvolvidos em outros países (Littman-Ovadia, 2015; Ruch, Martínez-Martí, Proyer & Harzer, 2014; Ruch, Weber et al., 2014; Solano & Cosentino, 2018). Todavia, ainda é um instrumento que possui muitos itens. Ruch, Martínez-Martí et al. (2014) defenderam que os instrumentos que possuem versões breves facilitam o uso em estudos longitudinais, e medidas com muitos itens podem inibir ou

desanimar os voluntários a participarem de pesquisas. Littman-Ovadia (2015) atribuiu importância a instrumentos breves à medida que mantenham bons índices psicométricos.

Noronha (2002) ressaltou ser importante atualizar as medidas existentes para avaliar os diferentes construtos psicológicos, considerando as fases do ciclo vital e os distintos contextos de avaliação. À título de exemplo, em amostras compostas por crianças ou idosos ou por participantes inseridos em contextos de sofrimento (ex: hospitais e indivíduos com transtornos psiquiátricos), instrumentos com muitos itens podem dificultar a avaliação das forças. Desta feita, ainda que a amostra alvo da presente pesquisa não seja, especificamente, nenhuma das mencionadas, pretende-se atualizar a EFC, de forma a propôr a elaboração de uma versão abreviada (EFC-Breve). A EFC-Breve pode funcionar como uma ferramenta alternativa, visto que ela não possui uma delimitação quanto ao público e contexto de aplicação. Para fins de pesquisa, ter um instrumento curto também pode ser uma vantagem, visto que um protocolo por vezes é composto por diversos instrumentos.

Tendo em vista o exposto sobre os benefícios do desenvolvimento de uma versão breve de instrumentos psicológicos, as limitações relacionadas aos métodos de estimação, retenção e rotação e a ausência de estudos que identificassem possíveis interferências do sexo, idade e escolaridade nos itens que avaliam as forças de caráter, o presente estudo teve por objetivo o desenvolvimento de uma versão breve de um instrumento que avalia as forças de caráter (EFC-Breve). Nos capítulos seguintes foram descritos os estudos que buscaram evidências de validade para a EFC-Breve.

O estudo do capítulo 2 foi dividido em duas etapas. Na primeira, buscou-se evidências de validade baseadas no conteúdo (seleção de itens e análises de juízes) e, na segunda etapa, evidências de validade baseadas na estrutura interna. Em relação à segunda etapa, pretendeu-se identificar se as estruturas fatoriais identificadas anteriormente apresentariam bons índices psicométricos (Azañedo et al., 2014; Duan et al., 2012; Littman-Ovadia & Lavy, 2012;

Martínez-Martí & Ruch, 2016; McGrath, 2014; Neto et al., 2014; Ng et al., 2016; Noronha & Batista, 2020a; Solano & Cosentino, 2018). Além disso, buscou-se identificar se existiam interferências das variáveis sociodemográficas (sexo, idade e escolaridade) no endosso de itens que avaliam as forças de caráter, algo que não foi realizado anteriormente (Heintz et al., 2017).

Nos capítulos 3 e 4 são apresentados os estudos que buscaram evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis (estilos parentais e autorregulação emocional, respectivamente). Para cada capítulo foram elaboradas hipóteses respectivas ao foco de estudo de cada capítulo. Essas hipóteses, bem como os resultados identificados na presente pesquisa, foram amplamente consideradas no capítulo 5, denominado “Considerações finais”. Por fim, no tópico “Referências” está a lista de estudos citados na presente tese e, em anexos, estão os instrumentos utilizados nas coletas de dados, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e outras informações apresentadas no presente trabalho.

## Capítulo 2 – Estudo 1: Evidências de validade baseadas no conteúdo e na estrutura interna

### Introdução

O objetivo do estudo do presente capítulo foi a busca por evidências de validade baseadas no conteúdo e na estrutura interna para a EFC-Breve, de forma que essa tivesse o número de itens reduzido. Cabe ressaltar que o instrumento é uma atualização da EFC (Noronha & Barbosa, 2016). A vantagem da EFC em relação a outros instrumentos é que, mesmo não sendo uma versão breve, possui menos itens do que algumas das medidas abreviadas desenvolvidas em outros países e, ainda assim, apresenta índices psicométricos ( $\alpha= 0,93$ ), semelhantes (Littman-Ovadia, 2015; Ruch, Martínez-Martí et al., 2014; Ruch, Weber et al., 2014; Solano & Cosentino, 2018).

À título de exemplo, o *Brief Report VIA-IS*, foi desenvolvido em Israel por Littman-Ovadia (2015). A autora partiu do pressuposto que os itens são dispostos em seis fatores, conforme a classificação VIA. O instrumento possui cinco itens para avaliar cada força de caráter e, apesar de possuir 120 itens ( $\alpha$  entre 0,69 e 0,90), é considerada uma versão curta, visto que a versão original é composta por 240 itens. O instrumento é respondido em uma escala likert de cinco pontos, a qual 1= muito diferente de mim e 5= muito parecido comigo.

Outra medida, a *24-item Character Strengths Rating Form* (CSRF; Ruch, Martínez-Martí et al., 2014), é um instrumento breve (24 itens) que avalia as forças de caráter no idioma alemão, mas não é uma adaptação do VIA-IS. Foi identificada uma estrutura de cinco fatores para a CSRF: forças intelectuais ( $\alpha= 0,74$ ), forças interpessoais ( $\alpha= 0,83$ ), forças emocionais ( $\alpha= 0,75$ ), forças de restrição ( $\alpha= 0,62$ ) e forças teologais ( $\alpha= 0,53$ ). O formato de resposta do instrumento é uma escala do tipo likert de nove pontos (os autores não mencionaram as nomenclaturas dos pontos da escala).

Por fim, Solano e Cosentino (2018) desenvolveram uma medida breve para as forças de caráter (24 itens) para o contexto argentino IVyF abreviado (IVyFabre) e identificaram uma estrutura de três fatores para as 24 forças, quais sejam, forças de restrição ( $\alpha= 0,71$ ), forças interpessoais ( $\alpha= 0,85$ ) e forças intelectuais ( $\alpha= 0,81$ ). Os itens são respondidos em uma escala likert de cinco pontos, sendo 1= muito diferente de mim e 5= muito parecido comigo.

Como foi possível notar nas descrições, os instrumentos breves existentes para avaliar as forças de caráter desenvolvidos em outros países possuem estruturas distintas. Posto isto, as evidências de validade baseadas no conteúdo são uma parte importante quando se trata da validação de uma medida, pois permitem uma avaliação teórica sobre a representação comportamental do construto, a verificação da adequação dos itens quanto à avaliação de fatores e dimensões, além de ser possível revisar a redação de itens, incluindo no instrumento apenas aqueles que são relevantes para avaliar o construto em determinada população-alvo (Pacico, 2015; Pasquali, 2010). Ademais, quando novos itens de uma medida são criados ou adaptados, as evidências de validade baseadas no conteúdo devem ser buscadas, visto que o público-alvo, a cultura e o idioma são variáveis que podem interferir na compreensão dos itens, o que os faria apresentar funções diferentes da proposta de avaliação (International Test Commission, 2017; Reppold, Gurgel, & Hutz, 2014).

Noronha (2002) ressaltou ser importante atualizar as medidas existentes, de forma que as variáveis sociodemográficas e os contextos de avaliação fossem considerados. Ainda que a EFC (Noronha & Barbosa, 2016) seja um instrumento recente, optou-se por obter novas evidências de validade de conteúdo para a sua atualização em uma versão breve (EFC-Breve). A relevância desse tipo de evidência de validade está no fato de existirem medidas de forças de caráter em diversos países, mas não são encontradas estruturas idênticas à classificação VIA (Littman-Ovadia & Lavy, 2012; Martínez-Martí & Ruch, 2016; McGrath, 2014; Neto et al., 2014; Ng et al., 2016; Noronha et al., 2015; Noronha & Batista, 2020a; Park & Peterson, 2006a;

Ruch, Weber et al., 2014; Solano & Cosentino, 2018). Posto isto, o objetivo da primeira etapa do estudo 1 foi a busca por evidências de validade baseadas no conteúdo, de forma que fossem selecionados os itens mais adequados (pertinência teórica e cargas fatoriais) e alguns juízes analisassem a semântica e a relevância de cada item para avaliação do construto. Esperava-se que a categorização dos itens sugerida pelos juízes correspondesse à teórica (Hipótese 1); e que os índices de *Kappa* fossem iguais ou superiores a 0,80 (Hipótese 2), uma vez que a EFC já passou por esse processo anteriormente (Noronha & Barbosa, 2016).

Depois de obtidas as evidências com base no conteúdo, faz-se importante buscar as evidências de validade com base na estrutura interna de uma medida. Nessa fonte de evidência de validade pretende-se compreender a relação entre o teste e seus itens, de forma que se perceba a contribuição de cada item no escore total do instrumento (AERA, APA, & NCME, 2014), o que permitiria a identificação de vieses que diminuem a precisão dos instrumentos (Heintz et al., 2017) e justifica o objetivo da etapa 2 quanto à busca por esse tipo de evidência de validade. Buscou-se replicar as estruturas fatoriais existentes por meio de análises fatoriais confirmatórias, de forma que pudessem ser comparadas; identificar a estrutura fatorial da EFC-Breve por meio de análises fatoriais exploratórias; e excluir itens com DIF's para escolaridade, idade e sexo. Esperava-se que as estruturas fatoriais, apresentadas na Tabela 2, tivessem índices psicométricos inadequados com os itens da EFC-Breve (Hipótese 3), sobretudo por conta de questões culturais e metodológicas utilizadas em outros instrumentos (Azañedo et al., 2014; Ciarrochi et al., 2016; Littman-Ovadia & Lavy, 2012; Martínez-Martí & Ruch, 2016; McGrath, 2014; Neto et al., 2014); e que os valores de DIF's para sexo, escolaridade e idade seriam menores que 0,30 (Hipótese 4), indicando pouca interferência no endosso dos itens da EFC-Breve (Heintz et al., 2017).

## Método

### *Etapa 1 – Seleção de itens e análise de juízes*

#### *Participantes*

Inicialmente, na seleção de itens, foi utilizado um banco de dados da orientadora do autor da presente tese com resultados de 4580 participantes que responderam à Escala de Forças de Caráter (EFC; Noronha & Barbosa, 2016). Os participantes possuíam idades entre 13 e 65 anos ( $M= 22,14$ ;  $DP= 7,63$ ), sendo 62,12% do sexo feminino.

Depois de selecionados os itens, dois mestres e um doutorando em Psicologia fizeram parte da análise de juízes. Os participantes possuíam conhecimentos sobre a Psicologia Positiva, sobretudo de forças de caráter, e sobre a área da psicometria e/ou construção de instrumentos psicológicos. Esses eram membros de um grupo de estudos em Psicologia Positiva de uma universidade particular do interior do estado de São Paulo.

#### *Instrumentos*

Escala de Forças de Caráter - EFC (Noronha & Barbosa, 2016; anexo 1). Para a seleção de itens, a EFC de 71 itens foi utilizada. A escala avalia as 24 forças de caráter. O respondente indica, em uma escala Likert de 5 pontos (0= “nada a ver comigo” e 4= “tudo a ver comigo”), o quanto a asserção o descreve. Cada força possui três itens para a descrever, exceto a força apreciação do belo, que possui dois itens. A análise fatorial da EFC indicou uma estrutura unidimensional, com alfa de Cronbach de 0,93 (Noronha, et al., 2015). “Penso muito antes de tomar uma decisão” (força prudência) e “Não guardo mágoas se alguém me maltrata” (força perdão) são exemplos de itens da escala.

Para a análise de juízes, após as respectivas análises (ver detalhes em procedimentos) utilizou-se a Escala de Forças de Caráter-Breve (EFC-Breve; anexo 2) e um material de avaliação dos itens. A EFC-Breve (versão com 48 itens) avalia as forças de caráter por meio

de dois itens para cada força. Os itens foram respondidos em uma escala Likert de 5 pontos, sendo 0= “nada a ver comigo” e 4= “tudo a ver comigo”. “Tenho ideias originais” (força criatividade) e “Sei que as coisas darão certo” (força esperança) são exemplos de itens.

Material de avaliação dos itens. Elaborado com base nas proposições de Borsa e Seize (2017) e das diretrizes *International Test Commission* (International Test Commission, 2017) no que se refere à análise de juízes e análise da semântica dos itens. Foram disponibilizados aos juízes dois materiais. Em um deles constou o convite e as orientações para participação da pesquisa, bem como as definições das 24 forças de caráter (idem à Tabela 1). O segundo material foi composto por uma planilha com dados de identificação e uma tabela com os itens da EFC-Breve (exemplo no anexo 3). Nessa tabela os respondentes indicaram a força de caráter correspondente a cada item e as sugestões de alteração dos itens. Os juízes consideraram pessoas com idade mínima de 18 anos para avaliarem os itens do instrumento.

### *Procedimentos*

Inicialmente, o projeto foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade São Francisco para a realização da etapa 2 do estudo 1 e subsequentes. Para a realização da etapa 1 (estudo 1), foi utilizado um banco de dados cedido pela orientadora do presente projeto. Tendo em vista que o banco foi organizado a partir de outras pesquisas anteriormente aprovadas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade São Francisco, e que na primeira etapa do estudo não houve coleta de dados, não foi utilizado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O banco de dados foi utilizado para a seleção de itens, com vistas a diminuir a ter dois itens por força de caráter.

Em um segundo momento, na análise de juízes, os participantes foram convidados pessoalmente a avaliar a EFC-Breve (48 itens). Aos que aceitaram participar, após prévio agendamento, foram disponibilizados os materiais de avaliação dos itens. Os juízes realizaram a avaliação individualmente, em uma sala de aula de uma universidade do interior do estado de

São Paulo, onde aconteciam os grupos de estudos de Psicologia Positiva. Os itens foram lidos pelos juízes, que indicaram, no material de avaliação, a qual força cada item pertencia. Após o preenchimento, os juízes deveriam indicar sugestões de alteração dos itens, caso percebessem tal necessidade. A avaliação realizada pelos juízes durou aproximadamente 50 minutos.

### *Análise de dados*

Na primeira parte, na seleção de itens, o programa Mplus 7.11 (Muthen & Muthen, 2017) foi utilizado para a análise fatorial exploratória. Levou-se em consideração, principalmente, a estrutura de um fator identificada anteriormente para a EFC (Noronha et al., 2015; Noronha & Barbosa, 2016). Para as análises fatoriais, com rotação *Geomin*, foi utilizado o estimador *Robust Weighted Least Squares* (WLSMV). Buscou-se identificar os índices de ajustes *Chi-square/degree free* ( $X^2/df$ ), *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tucker Lewis Index* (TLI). Visto que o objetivo da análise fatorial foi a redução do número de itens da EFC, foram selecionados, como critério de retenção, os itens que apresentaram cargas fatoriais mais elevadas ( $\geq 0,30$ ), em simulações sucessivas. Em seguida, foram selecionados dois itens de cada força levando em consideração a maior carga fatorial e a pertinência teórica, de modo que cada uma das forças fosse melhor representada. A primeira versão da EFC-Breve totalizou 48 itens.

Na segunda parte, avaliação dos juízes, as concordâncias das avaliações foram analisadas qualitativamente pelo autor do presente projeto e de sua respectiva orientadora, e também por meio do Índice *Kappa* ( $k$ , de Cohen, 1960), calculado pelo *software* SPSS 25. As respostas dos juízes foram comparadas com o que era esperado teoricamente, sendo acatadas sugestões para os itens com valores de concordância no Índice *Kappa* acima de 0,80 e que tinham pertinência com o conteúdo da força avaliada.

## Resultados

A fim de selecionar os melhores itens para a versão breve inicial da EFC, realizou-se análises fatoriais exploratórias (*Exploratory Factor Analysis* - EFA's) no banco de dados da orientadora do autor da presente tese. Na primeira EFA, três itens (3, 11 e 12) apresentaram cargas fatoriais com valores abaixo de 0,30. Os três itens foram retirados e uma nova EFA foi realizada. Os resultados (RMSEA= 0,070;  $\chi^2/df$ = 51558,770/2210; CFI= 0,717; TLI= 0,708) indicaram índices insatisfatórios e cargas fatoriais com valores entre 0,30 e 0,64. Os itens com suas respectivas forças e cargas fatoriais estão dispostos na Tabela 3.

Em seguida, foram selecionados os 48 itens da primeira versão da EFC-Breve com base nas cargas fatoriais e a pertinência teórica, de forma que as 24 forças tivessem dois itens que a descrevessem. Os itens com as cargas fatoriais destacadas em negrito na Tabela 3 foram os selecionados para a versão inicial.

Depois de selecionar os 48 itens, a EFC-Breve foi disponibilizada aos juízes para avaliação. Os juízes não sugeriram alterações nos itens da escala. As respostas dos juízes foram comparadas com o que era esperado teoricamente. O juiz 1 apresentou *Kappa* de 0,83, o juiz 2 0,85 e o juiz 3 apresentou índice de *Kappa* de 0,80. Quando se considerou o *Kappa* dos três juízes juntos o valor encontrado foi de 0,83. Os índices de *Kappa* encontrados foram bons, indicando que os avaliadores consideraram os 48 itens da versão inicial da EFC-Breve adequados para mensurar as forças de caráter.

Tabela 3.

*Cargas Fatoriais dos itens da EFC-Breve*

Itens (Força correspondente)	Cargas	Itens ( Força correspondente)	Cargas
1. Sei o que fazer para que as pessoas se sintam bem. (inteligência emocional)	<b>0,45</b>	38. Mantenho a calma mesmo em situações difíceis. (Autorregulação)	<b>0,31</b>
2. Trato todas as pessoas com igualdade. (Imparcialidade)	<b>0,43</b>	39. Sei admirar a beleza que existe no mundo. (Apreciação do belo)	<b>0,55</b>
4. Sou competente para dar conselhos. (Sensatez)	0,38	40. Não desisto antes de atingir as minhas metas. (Persistência)	<b>0,59</b>
5. Ter que aprender coisas novas me motiva. (Amor pelo aprendizado)	<b>0,47</b>	41. Ajo de acordo com meus sentimentos. (Autenticidade)	<b>0,37</b>
6. Faço bons julgamentos, mesmo em situações difíceis. (Sensatez)	<b>0,38</b>	42. Consigo fazer as pessoas sorrirem com facilidade. (Humor)	0,44
7. Penso em diferentes possibilidades quando tomo uma decisão. (Pensamento crítico)	0,36	43. Sinto um encantamento por pessoas talentosas. (Apreciação do belo)	<b>0,43</b>
8. Sinto que a minha vida tem um sentido maior. (Espiritualidade)	<b>0,58</b>	44. Agradeço a cada dia pela vida. (Gratidão)	<b>0,65</b>
9. Sou competente para analisar problemas por diferentes “ângulos”. (Pensamento crítico)	<b>0,42</b>	45. Não perco as oportunidades que tenho para aprender coisas novas. (Amor pelo aprendizado)	<b>0,61</b>
10. Não minto para agradar as pessoas. (Autenticidade)	0,35	46. Sou uma pessoa que tem humildade. (Modéstia)	<b>0,45</b>
13. Viver é empolgante. (Vitalidade)	<b>0,55</b>	47. Eu me esforço em tudo que faço. (Persistência)	0,57
14. Levo a vida com bom humor. (Humor)	<b>0,49</b>	48. Tenho ideias originais. (Criatividade)	<b>0,46</b>
15. Coisas boas me aguardam no futuro. (Esperança)	<b>0,64</b>	49. Sei que as coisas darão certo. (Esperança)	<b>0,63</b>
16. Eu me sinto amado(a). (Amor)	<b>0,50</b>	50. Acho que é importante ajudar os outros. (Bondade)	<b>0,62</b>
17. Não vejo o tempo passar quando estou aprendendo algo novo. (Amor pelo aprendizado)	0,43	51. Acreditar em um ser superior dá sentido à minha vida. (Espiritualidade)	0,53
18. Sempre tenho muita energia. (Vitalidade)	0,49	52. Persisto para conquistar o que desejo. (Persistência)	<b>0,63</b>
19. As pessoas confiam na minha capacidade de liderança. (Liderança)	<b>0,48</b>	53. Eu me sinto cheio(a) de vida. (Vitalidade)	<b>0,67</b>
20. Expresso meus afetos com clareza. (inteligência emocional)	<b>0,44</b>	54. Penso que a vingança não vale a pena. (Perdão)	<b>0,44</b>
21. Gosto de fazer gentilezas para os outros. (Bondade)	<b>0,53</b>	55. Sou uma pessoa bastante disciplinada. (Liderança)	0,37
22. Tenho que agradecer pelas pessoas que fazem parte da minha vida. (Gratidão)	0,55	56. Não ajo como se eu fosse melhor do que os outros. (Modéstia)	<b>0,39</b>
23. Sinto uma forte atração por novidades. (Curiosidade)	<b>0,53</b>	57. Corro riscos para fazer o que tem que ser feito. (Bravura)	<b>0,46</b>
24. Consigo encontrar em minha vida motivos para ser grato(a). (Gratidão)	<b>0,64</b>	58. As regras devem ser cumpridas por todos. (Imparcialidade)	0,39

Tabela 3 (Continuação).

*Cargas Fatoriais dos itens da EFC-Breve*

Itens (Força correspondente)	Cargas	Itens ( Força correspondente)	Cargas
25. Gosto de descobrir coisas novas. (Curiosidade)	<b>0,55</b>	59. Tenho muita facilidade para perceber os sentimentos das pessoas mesmo sem elas dizerem. (inteligência emocional)	0,43
26. Não guardo mágoas se alguém me maltrata. (Perdão)	0,38	60. Sou uma pessoa cuidadosa. (Autorregulação)	<b>0,43</b>
27. Creio que amanhã será melhor que hoje. (Esperança)	0,63	61. Faço coisas concretas para tornar o mundo um lugar melhor para se viver. (Trabalho em equipe)	<b>0,6</b>
28. Acredito em uma força sagrada que nos liga um ao outro. (Espiritualidade)	<b>0,53</b>	62. Tenho facilidade para organizar trabalhos em grupos. (Liderança)	<b>0,53</b>
29. Penso muito antes de tomar uma decisão. (Prudência)	0,31	63. Consigo ajudar pessoas a se entenderem quando há uma discussão. (Sensatez)	<b>0,53</b>
30. Crio coisas úteis. (Criatividade)	<b>0,50</b>	64. Tenho facilidade para fazer uma situação chata se tornar divertida. (Humor)	<b>0,49</b>
31. Penso que todo mundo deve dedicar parte de seu tempo para melhorar o local que habita. (Trabalho em equipe)	0,48	65. Costumo tomar decisões quando estou ciente das consequências dos meus atos. (Prudência)	<b>0,45</b>
32. Perdoo as pessoas facilmente. (Perdão)	<b>0,39</b>	66. Dar é mais importante que receber. (Bondade)	0,45
33. Sou uma pessoa verdadeira. (Autenticidade)	<b>0,50</b>	67. Eu me sinto bem ao fazer a coisa certa mesmo que isso possa me prejudicar. (Bravura)	0,45
34. Consigo criar um bom ambiente nos grupos que trabalho. (Trabalho em equipe)	<b>0,57</b>	68. Sou uma pessoa justa. (Imparcialidade)	<b>0,52</b>
35. Enfrento perigos para fazer o bem. (Bravura)	<b>0,51</b>	69. Sempre quero descobrir como as coisas funcionam. (Curiosidade)	0,45
36. Analiso o que as pessoas dizem antes de dar minha opinião. (Prudência)	<b>0,33</b>	70. Tenho muitos amores. (Amor)	0,37
37. Sou uma pessoa amorosa. (Amor)	<b>0,49</b>	71. Mantenho minha mente aberta. (Pensamento crítico)	<b>0,39</b>

*Nota:* Os itens em negrito foram selecionados para composição da EFC-Breve (48 itens); foram incluídos na Tabela somente os itens com cargas superiores a 0,30.

## *Etapa 2 - Evidências de validade baseadas na estrutura interna*

### *Participantes*

A amostra foi composta por 1014 participantes com idades entre 18 e 73 anos ( $M=35,85$ ;  $DP=12,52$ ), sendo a maioria do sexo feminino (70,4%). Os participantes pertenciam às cinco regiões do Brasil, sendo a maior parte da região Sudeste (63,02%), seguida pela região Nordeste (11,34%), Sul (3,16%), Centro-oeste (1,87%) e Norte (0,59%), além de 20,02% que não respondeu a qual região pertencia. Em relação à escolaridade, os participantes relataram possuir o nível superior incompleto (32,15%), pós-graduação completa (22,68%), superior completo (14,50%), ensino médio completo (11,64%), ensino médio incompleto (11,14%), pós-graduação incompleta (5,33%) e até o ensino fundamental II completo (2,57%).

### *Instrumentos*

Questionário sociodemográfico. Utilizado para caracterizar a amostra. Buscou informações referentes ao sexo, idade, escolaridade e região a qual os participantes pertenciam.

Escala de Forças de Caráter - Breve (EFC-Breve). Conforme apresentado na etapa anterior, o instrumento avalia as 24 forças de caráter de adultos. A escala foi composta por 48 itens, dois para cada força de caráter. Os itens possuem formato de escala Likert de 5 pontos, sendo 0= “nada a ver comigo” e 4= “tudo a ver comigo”.

### *Procedimentos*

As coletas de dados foram realizadas por meio de um questionário do *Google Forms*. Um *link* com o convite para a participação na pesquisa foi disponibilizado em redes sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp, LinkedIn e e-mail) entre setembro de 2019 e fevereiro de 2020. Mediante o aceite ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE; anexo 4) e a indicação de possuírem 18 anos ou mais, foram disponibilizados aos participantes o

questionário sociodemográfico e a EFC-Breve com 48 itens. Caso não dessem o aceite ao TCLE e/ou não tivessem no mínimo 18 anos, a pesquisa era encerrada. O tempo para preenchimento dos instrumentos foi de aproximadamente 25 minutos.

### *Análise de dados*

O programa Mplus 7.11 (Muthen & Muthen, 2017) foi utilizado para as análises fatoriais confirmatórias (*Confirmatoy Factor Analysis - CFA's*) considerando as estruturas identificadas anteriormente para as forças de caráter, conforme apresentado na Tabela 2. Tanto nas CFA's quanto nas EFA's (*Exploratory Factor Analysis*) buscou-se identificar os índices de ajustes *Chi-square/degree free* ( $X^2/df$ ;  $< 2$ ), *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA;  $< 0,05$ ), *Comparative Fit Index* (CFI;  $\geq 0,90$ ) e *Tucker Lewis Index* (TLI;  $\geq 0,90$ ).

O software FACTOR (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2006) foi utilizado para identificar se a matriz de dados da EFC-Breve era passível de fatoraçoão por meio do teste de esfericidade de Bartlett e do índice de *Kaiser-Mayer-Olkin* (KMO). Para a retenção fatorial levou-se em conta as indicações da análise paralela (Timmerman, & Lorenzo-Seva, 2011) e os métodos *Minimum Average Partial* (MAP), com base na análise das variâncias sistematizadas e não sistematizadas (Velicer, 1976) e o método Hull, com base no fecho convexo (Lorenzo-Seva et al., 2011).

Posteriormente, foram conduzidas sucessivas ESEM's (*Exploratory Structural Equation Modeling*) no Mplus, de forma que a EFC-Breve tivesse o número de itens reduzido. Considerou-se soluções fatoriais com fatores de primeira (rotação *Geomin*) e de segunda ordem (rotação *Bi-Geomin*), a fim de identificar a estrutura que apresentaria o melhor ajuste e se apresentavam respaldo teórico anterior. Itens que tiveram cargas fatoriais menores que 0,50 foram excluídos. Os resultados apresentados no *Model Modification Indices* foram verificados para identificar possíveis sugestões de substituição dos itens que estivessem com correlações altas entre si, o que poderia melhorar os índices de ajuste do instrumento. Para identificar se

existia DIF (*Differential Item Functioning*) nos itens da EFC-Breve em função das variáveis idade, sexo e escolaridade, foi utilizado o MIMIC (*Minimum Indicator and Multiple Cause*; Muthén, 1989). Os itens que apresentaram valores de DIF acima de 0,30 foram excluídos.

## Resultados

Inicialmente, foram realizadas CFA's com nove estruturas fatoriais para as forças de caráter identificadas anteriormente na literatura e detalhadas na Tabela 2 (Azañedo et al., 2014; Duan et al., 2012; Littman-Ovadia & Lavy, 2012; Martínez-Marti & Ruch, 2016; McGrath, 2014; Neto et al., 2014; Ng et al., 2016; Noronha & Batista, 2020a; Solano & Cosentino, 2018) a fim de verificar se apresentariam índices de ajuste adequados na EFC-Breve (48 itens). Os dados são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4.

### *Índices de ajuste e modelos testados nas Análises Fatoriais Confirmatórias*

Estruturas fatoriais		$\chi^2/df$	RMSEA	CFI	TLI	Cargas fatoriais
Valores de referência		< 2	< 0,05	≥ 0,90	≥ 0,90	
6 fatores	CFA-1	6766,796/1065 (6,35)	0,07	0,81	0,82	0,43 à 0,86
	CFA-2	6592,455/1070 (6,16)	0,07	0,82	0,83	0,42 à 0,82
5 fatores	CFA-3	7275,765/1070 (6,80)	0,08	0,80	0,81	0,43 à 0,81
	CFA-4	6781,148/1070 (6,34)	0,07	0,81	0,82	0,44 à 0,88
	CFA-5	6674,323/1070 (6,24)	0,07	0,82	0,83	0,43 à 0,82
4 fatores	CFA-6	7681,910/1074 (7,15)	0,08	0,79	0,80	0,41 à 0,77
3 fatores	CFA-7	8208,544/1070 (7,67)	0,08	0,77	0,78	0,41 à 0,76
	CFA-8	8235,999/1070 (7,70)	0,08	0,77	0,78	0,42 à 0,76
1 fator geral e 6 específicos	CFA-9	6390,279/1032 (6,19)	0,07	0,82	0,84	0,37 à 0,76

*Nota:* CFA-1: Noronha e Batista (2020a); CFA-2: Azañedo, Fernández-Abascal e Barraca (2014); CFA-3: Littman-Ovadia e Lavy (2012); CFA-4: Martínez-Marti e Ruch (2016); CFA-5: McGrath (2014); CFA-6: Neto, Neto e Furnham (2014); CFA-7: Solano e Cosentino (2018); CFA-8: Duan et al., 2012; CFA-9: Ng et al. (2016)

De acordo com a exposição feita na Tabela 4, nenhuma das estruturas fatoriais testadas pelas CFA's apresentou índices de ajuste satisfatórios, com  $\chi^2/df$ , RMSEA, CFI e TLI com valores aquém do esperado. Nesse sentido, optou-se por identificar, por meio do FACTOR, se a estrutura fatorial do instrumento era passível de fatoraçoão e qual a sugestão dos métodos de retenção. O KMO (0,954) e o teste de esfericidade de Bartlett (22023,4;  $df= 1128$ ;  $p= 0,00001$ ) apresentaram índices considerados muito bons, indicando possibilidade de fatoraçoão da escala. O método de Hull sugeriu a retenção de um fator, enquanto o MAP e a análise paralela sugeriram a retenção de até três fatores.

Em seguida, as ESEM's foram conduzidas visando reduzir o número de itens da EFC-Breve e identificar a estrutura que apresentaria os melhores índices de ajustes. Foram testadas soluções com fatores de primeira e de segunda ordem. Apenas duas estruturas fatoriais, com um e com dois fatores de primeira ordem, apresentaram pertinência teórica após a exclusão dos itens que carregaram abaixo de 0,50 e as indicações do *Model Modification Indices*. Ainda que a estrutura com três fatores tenha apresentado bons índices psicométricos ( $\chi^2/df= 70,049/25$ ; RMSEA= 0,04; CFI= 0,99; TLI= 0,98), um dos fatores ficou com apenas dois itens e uma das correlações entre os fatores foi baixa ( $r= 0,09$ ). A estrutura unifatorial foi composta 22 itens ( $\chi^2/df= 2149,549/209$ ; RMSEA= 0,10; CFI= 0,86; TLI= 0,85) e a de dois fatores por 18 itens ( $\chi^2/df= 669,748/118$ ; RMSEA= 0,07; CFI= 0,95; TLI= 0,94), com cargas acima de 0,50. Nesse sentido, as análises de DIF foram realizadas considerando um e dois fatores de primeira ordem para identificar a necessidade de excluir mais itens. As cargas fatoriais e os valores dos DIF's para sexo, escolaridade e idade para tais estruturas estão dispostos nas Tabelas 5 e 6, respectivamente.

Tabela 5.

*Cargas fatoriais e DIF's da EFC-Breve (22 itens) com estrutura de um fator de primeira ordem*

Itens (Força)	Cargas fatoriais	DIF's		
		Sexo $\beta = -0,094^*$	Idade $\beta = 0,294^*$	Escolaridade $\beta = 0,190^*$
01. Sei o que fazer para que as pessoas se sintam bem. (inteligência emocional)	0,63	0,011	-0,006	-0,005
06. Sou competente para analisar problemas por diferentes "ângulos". (Pensamento crítico)	0,60	-0,106	-0,053	-0,028
09. Coisas boas me aguardam no futuro. (Esperança)	0,68	-0,129	-0,154	0,001
13. Gosto de fazer gentilezas para os outros. (Bondade)	0,57	0,061	-0,174	-0,049
14. Sinto uma forte atração por novidades. (Curiosidade)	0,59	0,094	-0,093	0,005
15. Consigo encontrar em minha vida motivos para ser grato (a). (Gratidão)	0,73	-0,027	-0,061	0,045
17. Acredito em uma força sagrada que nos liga um ao outro. (Espiritualidade)	0,52	-0,009	0,007	0,103
18. Crio coisas úteis. (Criatividade)	0,67	-0,163	0,066	0,053
20. Sou uma pessoa verdadeira. (Autenticidade)	0,59	-0,033	-0,075	-0,038
21. Consigo criar um bom ambiente nos grupos que trabalho. (Trabalho em equipe)	0,66	-0,013	-0,059	-0,05
22. Enfrento perigos para fazer o bem. (Bravura)	0,52	-0,184	-0,089	-0,082
24. Sou uma pessoa amorosa. (Amor)	0,57	0,066	-0,147	-0,071
26. Sei admirar a beleza que existe no mundo. (Apreciação do belo)	0,63	0,048	-0,106	-0,090
31. Não perco as oportunidades que tenho para aprender coisas novas. (Amor pelo aprendizado)	0,64	-0,053	0,002	0,081
32. Sou uma pessoa que tem humildade. (Modéstia)	0,63	-0,050	-0,136	-0,102
37. Eu me sinto cheio(a) de vida. (Vitalidade)	0,68	-0,089	-0,019	0,032
38. Penso que a vingança não vale a pena. (Perdão)	0,57	-0,038	0,005	-0,053
43. Tenho facilidade para organizar trabalhos em grupos. (Liderança)	0,70	-0,051	-0,046	0,01
44. Consigo ajudar pessoas a se entenderem quando há uma discussão. (Sensatez)	0,64	0,009	-0,075	-0,039
45. Tenho facilidade para fazer uma situação chata se tornar divertida. (Humor)	0,65	-0,047	-0,195	-0,042
46. Costumo tomar decisões quando estou ciente das consequências dos meus atos. (Prudência)	0,62	-0,076	-0,056	-0,155
47. Sou uma pessoa justa. (Imparcialidade)	0,61	-0,082	-0,051	-0,108

\* $p < 0,005$ .

Conforme apresentado na Tabela 5, as cargas fatoriais dos 22 itens da EFC-Breve na estrutura com um fator de primeira ordem variaram entre 0,52 e 0,73. Os itens apresentaram DIF's com valores baixos quando se considerou o sexo (entre 0,009 e 0,184), a idade (entre 0,005 e 0,195) e a escolaridade (entre 0,005 e 0,155) dos respondentes. Em relação ao sexo ( $\beta = -0,094$ ) e à escolaridade ( $\beta = 0,190$ ), 14 itens apresentaram diferenças de escores quando os participantes eram do sexo masculino ou tinham menores níveis de escolaridade, respectivamente. Na variável idade ( $\beta = 0,294$ ), foram 18 itens com diferenças de escores, sendo os mais novos os favorecidos pelos itens. As forças autorregulação e persistência não tiveram itens que as representassem na estrutura de 22 itens. Após sucessivas análises e as sugestões do *Model Modification Indices*, os valores dos índices de ajuste foram considerados insatisfatórios ( $\chi^2/df = 2149,549/209$ ; RMSEA= 0,10; CFI= 0,86; TLI= 0,85) para a estrutura unifatorial da EFC-Breve.

Na estrutura com dois fatores de primeira ordem, conforme explicitado na Tabela 6, as cargas fatoriais variaram entre 0,55 e 0,87. Assim como na estrutura de um fator de primeira ordem, o MIMIC indicou DIF's com valores baixos para as variáveis sexo (entre 0,001 e 0,200), idade (entre 0,012 e 0,156) e escolaridade (entre 0,002 e 0,153). As variáveis sexo ( $\beta_{F1} = 0,067$ ;  $\beta_{F2} = 0,114$ ) e escolaridade ( $\beta_{F1} = 0,248$ ;  $\beta_{F2} = 0,141$ ), apresentaram diferenças de escores em 12 itens quando os participantes eram do sexo masculino ou tinham menores níveis de escolaridade. Na variável idade ( $\beta_{F1} = 0,273$ ;  $\beta_{F2} = 0,284$ ), foram 18 itens com diferenças de escores, sendo os mais novos os favorecidos pelos itens. As forças amor, perdão, autorregulação, bondade, persistência e curiosidade não tiveram itens que as representassem na estrutura de 18 itens e dois fatores.

Tabela 6.

*Cargas fatoriais e DIF's da EFC-Breve com estrutura de dois fatores de primeira ordem*

Itens (Força)	Cargas fatoriais		Sexo		DIF's		Escolaridade	
	F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2
			$\beta=0,067$	$\beta=0,114^*$	$\beta=0,273^*$	$\beta=0,284^*$	$\beta=0,248^*$	$\beta=0,141^*$
01. Sei o que fazer para que as pessoas se sintam bem. (inteligência emocional)	0,02	<b>0,63</b>	0,008		0,031			-0,006
06. Sou competente para analisar problemas por diferentes "ângulos". (Pensamento crítico)	-0,01	<b>0,65</b>	-0,113		-0,026			-0,033
09. Coisas boas me aguardam no futuro. (Esperança)	<b>0,79</b>	0,02	0,001		-0,032			-0,04
15. Consigo encontrar em minha vida motivos para ser grato (a). (Gratidão)	<b>0,87</b>	-0,02	0,117		0,072			0,002
17. Acredito em uma força sagrada que nos liga um ao outro. (Espiritualidade)	<b>0,70</b>	-0,09	0,116		0,110			0,07
18. Crio coisas úteis. (Criatividade)	0,17	<b>0,56</b>	-0,140		0,114			0,042
20. Sou uma pessoa verdadeira. (Autenticidade)	0,05	<b>0,57</b>	-0,031		-0,036			-0,04
21. Consigo criar um bom ambiente nos grupos que trabalho. (Trabalho em equipe)	0,12	<b>0,60</b>	-0,008		-0,012			-0,059
22. Enfrento perigos para fazer o bem. (Bravura)	-0,05	<b>0,59</b>	-0,200		-0,063			-0,081
26. Sei admirar a beleza que existe no mundo. (Apreciação do belo)	<b>0,62</b>	0,10	0,149		0,021			-0,121
31. Não perco as oportunidades que tenho para aprender coisas novas. (Amor pelo aprendizado)	<b>0,65</b>	0,09	0,053		0,103			0,048
32. Sou uma pessoa que tem humildade. (Modéstia)	0,10	<b>0,56</b>	-0,041		-0,086			-0,107
37. Eu me sinto cheio(a) de vida. (Vitalidade)	<b>0,55</b>	0,23	-0,004		0,069			0,030
43. Tenho facilidade para organizar trabalhos em grupos. (Liderança)	0,13	<b>0,63</b>	-0,037		-0,027			0,011
44. Consigo ajudar pessoas a se entenderem quando há uma discussão. (Sensatez)	-0,09	<b>0,76</b>	-0,015		-0,051			-0,036
45. Tenho facilidade para fazer uma situação chata se tornar divertida. (Humor)	0,02	<b>0,67</b>	-0,051		-0,156			-0,044
46. Costumo tomar decisões quando estou ciente das consequências dos meus atos. (Prudência)	-0,09	<b>0,72</b>	-0,098		-0,030			-0,153
47. Sou uma pessoa justa. (Imparcialidade)	-0,05	<b>0,69</b>	-0,098		-0,024			-0,110

Nota: \* $p < 0,001$ . Os números em negrito correspondem ao fator em que apresentaram maior carga.

Depois de realizadas as análises e de levar em consideração as sugestões do *Model Modification Indices*, os índices de ajuste encontrados foram melhores do que os da estrutura unifatorial ( $\chi^2/df= 669,748/118$ ; RMSEA= 0,07; CFI= 0,953; TLI= 0,939). No primeiro fator ( $\alpha= 0,83$ ), denominado forças intrapessoais, foram agrupados seis itens (esperança, gratidão, espiritualidade, apreciação do belo, amor pelo aprendizado e vitalidade). O fator diz respeito às vivências que traduzem uma positiva orientação de futuro, com energia e apreço pela beleza e aprendizagem. O segundo fator ( $\alpha= 0,87$ ) foi nomeado forças intelectuais e interpessoais e agrupou os itens das forças inteligência emocional, pensamento crítico, criatividade, autenticidade, trabalho em equipe, bravura, modéstia, liderança, sensatez, humor, prudência e imparcialidade. No total, são 12 itens que se referem às forças cognitivas que auxiliam no enfrentamento de dificuldades, solução de problemas e estabelecimento de relacionamentos interpessoais, de forma a criar ambientes de convívio saudáveis.

### **Discussão**

No presente capítulo objetivou-se a busca por evidências de validade baseadas no conteúdo (etapa 1) e na estrutura interna (etapa 2) para a EFC-Breve, com vistas a diminuir a quantidade de itens da versão original (EFC; Noronha & Barbosa, 2016). Na primeira etapa, a maior parte dos itens que apresentaram cargas fatoriais mais elevadas também tinham melhores representações teóricas (Peterson & Seligman, 2002). A exceção foram os itens das forças esperança (27 e 49), espiritualidade (28 e 51) e sensatez (4 e 6), que tiveram cargas iguais, o que ressaltou a importância do aspecto teórico como critério para seleção de itens para evitar decisões que culminassem em resultados errôneos ou de pouca confiabilidade (Damásio, 2012; Patil et al., 2008).

Em relação aos itens de esperança, optou-se pelo item 49 (“Sei que as coisas darão certo”) em detrimento do 27 (“Creio que amanhã será melhor que hoje”). Esse último poderia trazer problemas quando o respondente estivesse em um dia agradável, por exemplo, o que poderia levá-lo a refletir da seguinte forma ao lê-lo: “O dia de hoje foi muito bom. Não tem como amanhã ser melhor que hoje”. Nesse sentido, o item 49 parece representar melhor a expectativa de que algo no futuro seja melhor (Noronha & Batista, 2020b; Peterson & Seligman, 2002).

Por outro lado, no que se refere aos itens de espiritualidade e sensatez, foram selecionados aqueles que tinham sentenças que melhor contemplassem a definição proposta por Peterson e Seligman (2002). Para espiritualidade foi escolhido o item 28 (“Acredito em uma força sagrada que nos liga um ao outro) por se referir à crença coerente com um propósito maior (Peterson & Seligman, 2002). O item 51 (“Acreditar em um ser superior dá sentido à minha vida”) foi excluído porque o item 8 (“Sinto que a minha vida tem um sentido maior”) já havia sido selecionado, e ambos possuem conteúdo similar. De forma semelhante, selecionou-se o item 6 (“Faço bons julgamentos, mesmo em situações difíceis”) de sensatez, uma vez que indicava uma habilidade que não estava associada somente a dar conselhos, característica própria de pessoas conhecidas como sábias (Peterson & Seligman, 2002; Seligman, 2019). O item 4 (“Sou competente para dar conselhos”) possuía conteúdo semelhante ao item 63 (“Consigo ajudar as pessoas a se entenderem quando há uma discussão), também por isso foi excluído.

Na etapa 1, esperava-se que os juízes indicassem categorização de itens correspondente à teórica (Hipótese 1) e que os índices de *Kappa* apresentassem valores iguais ou superiores a 0,80 (Hipótese 2). As duas hipóteses foram confirmadas, uma vez que os avaliadores não sugeriram alteração nos itens da EFC e os índices de *Kappa* variaram de 0,80 a 0,85. Os resultados eram esperados pelo fato do processo de construção da EFC, Noronha e Barbosa

(2016) contarem com a avaliação de cinco juízes que tiveram concordância maior que 0,80 em 62 itens (85%), sendo os outros itens reformulados. Por se tratar de uma atualização da EFC, considerou-se pertinente identificar se havia necessidade de alterar os itens para melhor representação comportamental do construto avaliado (International Test Commission, 2017; Pacico, 2015; Pasquali, 2010; Reppold et al., 2014).

Na etapa 2, foi hipotetizado que as estruturas fatoriais identificadas em estudos anteriores apresentariam índices de ajustes inadequados na EFC-Breve (Hipótese 3). A hipótese foi confirmada, visto que os índices de ajuste das nove estruturas testadas não apresentaram bons índices de ajuste. Uma justificativa para os resultados encontrados nas CFA's refere-se ao fato das culturas de cada país serem distintas. Ainda que Peterson e Seligman (2002) tenham feito uma ampla revisão considerando diversos textos, culturas e religiões para elaborarem a classificação VIA, a estrutura não tem se repetido, às vezes com estruturas diferentes em instrumentos do mesmo país (McGrath, 2014; Ng et al., 2016). Possivelmente, a classificação VIA abarque uma gama ampla de conteúdo que pode dificultar a identificação da mesma estrutura em culturas distintas, causando divergências teóricas (Allan, 2014; Fowers, 2008; Peterson & Seligman, 2004; Schwartz & Sharpe, 2006) e estruturas empíricas variadas (Azañedo et al., 2014; Duan et al., 2012; Littman-Ovadia & Lavy, 2012; Martínez-Marti & Ruch, 2016; McGrath, 2014; Neto et al., 2014; Ng et al., 2016; Noronha & Batista, 2020a; Solano & Cosentino, 2018).

Nesse sentido, o que os autores têm buscado é compreender melhor a estrutura das forças de caráter (Allan, 2014; Ng et al., 2016; Noronha & Batista, 2020a). Allan (2014) sugeriu que as forças de caráter fossem avaliadas em pares, pois ressaltou que uma força isolada de outra poderia ser incompleta. O exemplo utilizado pelo autor é que a força autenticidade bem desenvolvida sem o suporte da força bondade poderia levar o indivíduo a fazer comentários verdadeiros e igualmente indelicados sobre algo ou alguém. Como há a necessidade de fazer

avaliações mais contextualizadas (Ciarrochi et al., 2016), no caso, considerando as forças de caráter no cenário brasileiro, na presente tese foram realizadas outras análises (EFA's, MIMIC, ESEM's) para identificar a estrutura do construto no Brasil, com vistas a diminuir possíveis vieses não considerados anteriormente na avaliação do construto (Heitz et al., 2017).

Por fim, na hipótese 4, esperava-se que os valores de DIF para as variáveis sexo, idade, e escolaridade seriam inferiores a 0,30, o que indicaria que tais variáveis não interferem no endosso dos itens da EFC-Breve. Ainda que os resultados tenham sido significativos, os valores de DIF foram inferiores a 0,30, confirmando a hipótese. Esses dados parecem demonstrar que a EFC-Breve possui bons itens para avaliar as forças de caráter, com níveis de viés considerados adequados (Linacre, 2012), o que diminuiria possíveis erros oriundos de características específicas dos participantes (Heintz et al., 2017), no caso, idade, sexo e escolaridade. Por fim, em estudos anteriores o sexo e a idade não apresentaram diferenças estatisticamente significativas para as forças no Brasil e em outros países (Heintz et al., 2017; Noronha & Batista, 2017; Noronha & Martins, 2016), o que parece indicar que tais variáveis não são intervenientes para a compreensão do construto.

Noronha et al. (2015) identificaram bons índices de ajuste para a EFC, entretanto, ressaltaram a importância da realização de novos estudos para investigar se a estrutura unidimensional do instrumento seria mantida em amostras mais heterogêneas. Além da confiabilidade, na presente tese foram verificados outros índices psicométricos. Mesmo com a exclusão de seis itens, a estrutura com dois fatores de primeira ordem foi a que apresentou os melhores resultados. Entretanto, considera-se não ter ocorrido perdas com a exclusão dos itens de curiosidade, persistência, bondade, autorregulação, perdão e amor, visto que uma única força poderia corresponder a várias virtudes, além de existir conteúdo semelhante entre elas (Fowers, 2008; Peterson & Seligman, 2002; Ruch & Proyer, 2015; Schwartz & Sharpe, 2006). À título de exemplo, amor pelo aprendizado (dominar novas habilidades e conhecimento) parece

abarcam, em alguma medida, a curiosidade (ter interesse por toda a experiência). Da mesma forma, a bravura (não se esconder de ameaça, desafio ou dor) contempla a persistência (terminar o que se começa) e a autorregulação (manter o ânimo mesmo diante de situações difíceis) (Peterson & Seligman, 2002; Noronha & Batista, 2020a; Noronha et al., 2015).

Em relação ao fator forças intrapessoais, há de se considerar que há proximidades com a virtude sabedoria da classificação VIA proposta por Peterson e Seligman (2002), visto que, na presente tese, somente a força humor não se agrupou nesse fator. Além disso, na literatura é recorrente o agrupamento de três forças dessa virtude (espiritualidade, gratidão e esperança) no mesmo fator (Azañedo et al., 2014; Littman-Ovadia & Lavy, 2012; McGrath, 2014; Noronha & Batista, 2020a; Solano & Cosentino, 2018). Outrora, também a vitalidade se agrupou com essas três forças (Azañedo et al., 2014). Por fim, apreciação do belo e amor pelo aprendizado já se agruparam no mesmo fator em outros estudos (Azañedo et al., 2014; Littman-Ovady & Lavy, 2012). Dessa forma, o fator possui coesão teórica e indica, de fato, uma vivência interior que orienta para o futuro e que dá sentido à vida, o que leva o indivíduo, por meio da aprendizagem e contemplação das situações, a viver com intensidade as suas experiências.

Nos resultados identificados no fator forças intelectuais e interpessoais destaca-se o fato de terem sido agrupadas as forças ligadas às virtudes justiça (imparcialidade, liderança e trabalho em equipe) e temperança (modéstia e prudência), que parece indicar o aspecto do relacionamento interpessoal do referido fator (Noronha & Batista, 2020a; Peterson & Seligman, 2002). Por outro lado, as demais forças ressaltariam o aspecto cognitivo do fator, de forma que o respondente reconheça os seus próprios sentimentos e os dos demais, além de ponderar as situações para agir e permitir que a convivência seja mais agradável (Peterson & Seligman, 2002). Os resultados para forças intelectuais e interpessoais são semelhantes aos do estudo de Noronha e Batista (2020a). As forças inteligência emocional, autenticidade e humor se agruparam em um fator (forças interpessoais); modéstia e imparcialidade em outro (forças de

humanidade); e, por fim, prudência, pensamento crítico, criatividade, trabalho em equipe, bravura, liderança e sensatez em um terceiro fator (forças de coragem). A diferença em relação a Noronha e Batista (2020a) é que na presente tese esses três fatores foram agrupados em um único fator.

Como limitações desse estudo, considera-se o fato de não terem sido elaborados itens para controle de aquiescência e desejabilidade social. Entretanto, ressalta-se que, nessa tese, pretendeu-se realizar os estudos psicométricos iniciais das forças de caráter e, para o presente capítulo, os objetivos foram alcançados. Assim como já ressaltado anteriormente, a estrutura identificada para a EFC-Breve também foi distinta da classificação VIA (Peterson & Seligman, 2002), ainda que tenha apresentado algumas semelhanças. Os fatores encontrados possuem coesão teórica, sendo a estrutura de dois fatores de primeira ordem a mais adequada para avaliar as forças no cenário brasileiro. Nesse sentido, tal estrutura foi adotada para realização dos estudos descritos nos capítulos subsequentes. Em estudos futuros, sugere-se que esses controles de viéses também sejam realizados para que a EFC-Breve apresente menos impactos de escores oriundos de viéses de resposta.

## **Capítulo 3 – Estudo 2: Evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis – Estilos Parentais**

### **Introdução**

O objetivo do presente capítulo foi buscar evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis para a EFC-Breve. Os estilos parentais foram escolhidos como variável externa às forças de caráter. Os estilos parentais dizem respeito ao conjunto de manifestações e atitudes dos pais em relação aos filhos, envolvendo questões de poder e hierarquia, estímulo à autonomia e apoio emocional, de forma que um clima psicológico-emocional se estabeleça entre a díade pais-filhos (Baumrind, 2005; Maccoby & Martin, 1983; Reppold, Pacheco, Bardagi, & Hutz, 2002). A justificativa para a escolha dos estilos parentais é o fato das relações familiares impactarem tanto no desenvolvimento das forças de caráter quanto no desempenho escolar de crianças (Fonsêca, Andrade, Santos, Cunha & Albuquerque, 2014; Snyder & Lopez, 2009; Yunes, 2003). O controle, o apoio e o afeto, envolvidos na relação da díade pais-filhos, podem afetar o desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes no que tange à autoestima, ajustamento social e desenvolvimento de psicopatologias (Baumrind, 2005; Fonsêca et al., 2014; Kopala-Sibley et al., 2017; Lo, Kwok, Yeung, Low, & Tam, 2017; Maccoby & Martin, 1983).

À título de exemplo, em famílias cujos pais fazem uso indiscriminado de álcool, os filhos tendem a desenvolver maiores níveis de ansiedade e depressão (Zanoti-Jeronymo & Carvalho, 2005); quando os pais que não concedem autonomia aos filhos esses últimos tendem a desenvolver ansiedade e depressão (McLeod, Weisz, & Wood, 2007; McLeod, Wood, & Weisz, 2007). Contudo, as relações estabelecidas entre uma criança ou adolescente com os irmãos podem minimizar os impactos do alcoolismo parental ou facilitar o uso próprio e indiscriminado de álcool e outras substâncias (Buist, Deković, & Prinzie, 2013; Whiteman,

Jensen, Mustillo, & Maggs, 2016). Desta feita, quando se identifica as forças de caráter e os estilos que os pais adotam na educação dos filhos, busca-se oferecer formas práticas de orientá-los quando os filhos se encontram em situações clínicas, escolares ou institucionais, contribuindo para o desenvolvimento da responsabilidade, da autonomia, da disciplina e dos pontos fortes de seus filhos (Noronha & Batista, 2017; Reppold et al., 2002).

Quando se considera como os pais podem influenciar no bem-estar de crianças e adolescentes, são identificadas diversas formas de investigar o fenômeno, entre os quais incluem-se o envolvimento e o apego dos pais e os estilos parentais (Loton & Waters, 2017; Mattanah, Lopez, & Govern, 2011; McLeod, Weisz, et al., 2007; McLeod, Wood et al., 2007; Stafford, Kuh, Gale, Mishra, & Richards, 2016). A vantagem de investigar diferentes aspectos do contexto familiar por meio dos estilos parentais é que algumas interpretações equivocadas na relação entre filhos e pais podem ser evitadas, como exemplo, considerar somente as características dos filhos ou apenas as atitudes isoladas dos pais (Weber, Brandenburg, & Viezzer, 2003).

Por meio da combinação das dimensões de exigência e responsividade foram definidos quatro tipos de estilos parentais, quais sejam, autoritativo, autoritário, negligente e indulgente (Maccoby & Martin, 1983). A exigência é o nível de disponibilidade dos pais para atuarem como agentes socializadores dos filhos, de forma que supervisionem e monitorem os comportamentos deles e exijam que tenham disciplina para que metas de desempenho sejam alcançadas. A responsividade refere-se às atitudes compreensivas que os pais têm para com os filhos, de forma que a comunicação recíproca, o apoio emocional e o estímulo à autonomia dada pelos pais permitam o desenvolvimento da autoafirmação dos filhos. Altos níveis de exigência e responsividade caracterizam o estilo autoritativo e baixos níveis dessas dimensões descrevem o estilo parental negligente. Altos níveis de exigência e baixos de responsividade dizem respeito ao estilo autoritário. O estilo indulgente é aquele o qual o indivíduo apresenta

baixos níveis de exigência e altos de responsividade (Baumrind, 2005; Kopala-Sibley et al., 2017; Maccoby & Martin, 1983).

O estilo autoritativo é considerado o mais adequado em amostras não-clínicas (González, Bakker, & Rubiales, 2014), uma vez que há controle estrito dos comportamentos dos filhos concomitantemente com suporte emocional (Fonsêca et al., 2014). Além disso, pais autoritativos atuam como uma espécie de fator de proteção para adolescentes com ideias suicidas (Magnani & Staudt, 2018). Pais responsivos se comunicam bem com os filhos, aceitam seus argumentos, conseguem contribuir mais para que os filhos desenvolvam a autonomia, a autoconfiança e a autoestima e consigam obter melhores desempenhos acadêmicos. Pais com altos níveis de exigência associam-se a filhos inseguros e preocupados com o desempenho acadêmico, mesmo que tenham repertório adequado (Fonsêca et al., 2014; Pacheco, Teixeira, & Gomes, 1999).

Em geral, as investigações que consideraram as forças de caráter e os estilos parentais possuem um direcionamento voltado para a possível interferência das características dos pais no desenvolvimento dos filhos (Kopala-Sibley et al., 2017; Loton & Waters, 2017; Ngai et al., 2018; Shosani & Aviv, 2012). Alguns estudos indicaram que tais interferências parentais podem ter efeitos que se estendem na vida adulta (Di Stefano & Cyr, 2014; Flouri, 2004; Huppert, Abbott, Ploubidis, Richards, & Kuh, 2010). Se tais efeitos forem positivos, podem minimizar as consequências negativas do divórcio e aumentar os níveis de bem-estar subjetivo e psicológico (Di Stefano & Cyr, 2010; Flouri, 2004; Huppert et al., 2010; Oliveira et al., 2002). Os estilos parentais tendem a influenciar os estilos adotados futuramente pelos filhos (Oliveira et al., 2002). Além disso, as forças de caráter são características que tendem a se tornarem estáveis com o passar do tempo, principalmente se são desenvolvidas na infância adolescência (Brezeau et al., 2012). Nesse sentido, é importante que pais e filhos desenvolvam características

como as forças de caráter para o estabelecimento de relacionamentos mais saudáveis a nível intra e extrafamiliar (Ngai et al., 2018).

Shoshani e Aviv (2012) analisaram as associações entre as forças de caráter parentais e infantis com o ajustamento escolar de crianças durante o período crítico de entrada na escola. A amostra foi composta por 479 pais e 16 professores de crianças com idades de 6 e 7 anos. Foram utilizados três instrumentos: o VIA-IS para adultos, o VIA-IS para crianças e o 45-item *School Engagement Survey*, para avaliar, respectivamente, as forças de caráter dos pais, das crianças e o ajustamento cognitivo, social e emocional das crianças. Os pais responderam os dois instrumentos de forças de caráter e os professores o 45-item *School Engagement Survey*. Nos resultados, foram identificadas associações positivas, fracas e moderadas, entre os fatores forças interpessoais ( $r= 0,20$ ), forças intelectuais ( $r= 0,34$ ) e forças de restrição ( $r= 0,23$ ) do VIA-IS para adultos com os mesmos fatores do VIA-IS para crianças, sem associações significativas entre os fatores forças de transcendência dos dois instrumentos. O VIA-IS para crianças apresentou associações significativas ( $r$  entre 0,14 e 0,47) com o ajustamento escolar. Os autores ressaltaram que é necessário dar importância às forças de caráter parentais para o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Em outro estudo, Noronha e Batista (2017) investigaram as associações entre as forças e os estilos parentais em uma amostra de 24 casais com idades entre 24 e 60 anos que frequentavam uma comunidade religiosa no Brasil. Foram utilizadas a EFC e a Escala de Responsividade e Exigência Parental para avaliar, respectivamente, as forças de caráter e os estilos parentais. Em relação ao último instrumento, foi realizada uma adaptação nos itens, na qual os participantes indicavam os seus comportamentos e os do cônjuge na educação dos filhos. Das 24 forças, 19 apresentaram correlações significativas com alguma medida dos estilos parentais, sendo que a responsividade esteve mais associada às forças ( $r$  entre 0,31 e 0,59) do que a exigência dos pais ( $r$  entre 0,32 e 0,40). As forças que mais se destacaram nas

associações foram esperança, que associou-se significativamente às duas dimensões de responsividade e às duas de exigência ( $r$  entre 0,35 e 0,50); e vitalidade ( $r$  entre 0,32 e 0,38) e bondade ( $r$  entre 0,41 e 0,59), que apresentaram correlações significativas com as duas dimensões de responsividade e com exigência a exigência do cônjuge. Os autores concluíram que investigações semelhantes podem proporcionar orientações práticas para pais, de forma a destacar os pontos fortes e bons relacionamentos na família.

Loton e Waters (2017) ressaltaram que os estudos sobre a parentalidade, de forma geral, não têm investigado a construção de capacidades positivas, como as forças, sendo uma lacuna na literatura. A autoestima pode ser mais elevada (Kopala-Sibley et al., 2017) e as psicopatologias infantis minimizadas em crianças cujos pais apresentem altos níveis das forças gratidão (Lo et al., 2017), esperança, humor e vitalidade (Noronha & Batista, 2017; 2020b). Assim, faz-se necessário analisar a forças de caráter conjuntamente com os estilos parentais em amostras de adultos, de forma que se identifique como os adultos percebem a forma que foram educados pelos pais, o que traria compreensões mais amplas sobre os comportamentos e sentimentos dos envolvidos (Fluori, 2004; Huppert et al., 2010; Oliveira et al., 2002; Weber et al., 2003).

O objetivo do presente estudo foi buscar evidências de validade para a EFC-Breve com base na relação com outras variáveis, no caso, os estilos parentais. Hipotetizou-se que as associações entre as forças de caráter e os estilos parentais serão positivas (H1), com magnitudes baixas e moderadas (Ngai et al., 2018; Noronha & Batista, 2017; Shoshani & Aviv, 2012). Por fim, esperava-se que as mulheres apresentassem maiores médias nas forças de caráter (H2) que os homens (Linley et al., 2007; Noronha & Martins, 2016).

## Método

### *Participantes*

Foram participantes 424 pessoas da amostra geral, com idades entre 18 e 73 anos ( $M=32,28$ ;  $DP=11,78$ ), sendo 74,1% do sexo feminino. A maior parte da amostra pertencia à região Sudeste do Brasil (87,97%), seguida pela região Nordeste (5,66%), Sul (4,25%), Centro-Oeste (1,18%) e Norte (0,94%). No que se refere à escolaridade, os participantes possuíam pós-graduação completa (29,48%), superior incompleto (28,07%), superior completo (21,23%), ensino médio completo (12,26%), pós-graduação incompleta (8,02%), ensino médio incompleto (0,47%) e fundamental II incompleto (0,47%). Além disso, 55,90% era solteiro, 40,57% casado, 2,83% divorciado/separado e 0,71% viúvo. A maioria (70,52%) não tinha filhos. Em relação ao número de filhos, havia participantes com um filho (12,50%), dois (9,67%), três (4,72%), quatro (0,47%) e participantes que tinham entre cinco e 11 filhos (1,90%). Por fim, a maioria morava com outras pessoas (93,63%).

### *Instrumentos*

Questionário sociodemográfico (anexo 5). Desenvolvido para o presente estudo a fim de obter informações sobre o sexo, a idade e a escolaridade dos participantes. Ademais, buscou informações sobre a composição familiar (com quem residem, se possuem filhos, a idade dos filhos).

EFC-Breve (anexo 6). Conforme descrições do capítulo anterior, o instrumento avalia as forças de caráter por meio de 18 itens, agrupadas em dois fatores. O fator 1 ( $\alpha=0,83$ ), forças intrapessoais, possui seis itens que dizem respeito às vivências que traduzem uma positiva orientação de futuro, com energia e apreço pela beleza e aprendizagem. O segundo fator ( $\alpha=0,87$ ), forças intelectuais e interpessoais, possui 12 itens que se referem às forças cognitivas que auxiliam no enfrentamento de dificuldades, solucionar problemas e estabelecimento de

relacionamentos interpessoais, de forma a criar ambientes de convívio saudáveis. “Sei o que fazer para que as pessoas se sintam bem” e “Crio coisas úteis” são exemplos de itens.

Escala de Responsividade e Exigência Parental (EREP, Teixeira, Bardagi, & Gomes, 2004; anexo 7). A EREP tem por finalidade avaliar a percepção que os respondentes possuem acerca dos estilos parentais recebidos. A escala é composta dois fatores e 24 itens, sendo 12 itens de responsividade e 12 de exigência parentais, os quais o participante considera, em cada item, os comportamentos do pai e da mãe. A EREP é respondida no formato likert de 5 pontos, sendo 0= quase nunca ou bem pouco e 4= geralmente ou bastante. “Exige que eu vá bem na escola” e “Me incentiva a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu faça” são exemplos de itens. As análises de consistência interna indicaram alfas de Cronbach com valores entre 0,78 e 0,91. Para o presente projeto, a instrução do instrumento foi adaptada (ver negrito no anexo 6) e o tempo verbal dos itens foi alterado para o passado, de forma que os participantes pudessem responder ao instrumento retrospectivamente. Ou seja, foram consideradas as práticas empregadas pelos pais quando os respondentes eram crianças ou adolescentes, de forma semelhante ao que fora realizado no estudo de Padovani & Williams (2011).

Escala de Responsividade e Exigência Parental- versão adaptada para pais (EREP-Pais, Teixeira et al., 2004; adaptada por Noronha & Batista, 2017; anexo 8). Tem por finalidade avaliar como os pais percebem o próprio estilo parental e o estilo parental do cônjuge. No presente estudo o instrumento foi respondido pelos participantes que possuíam filhos. Originalmente, a EREP foi desenvolvida para que os filhos considerassem a forma na qual os pais os educavam. Na EREP-Pais, os 24 itens, dispostos em dois fatores, foram adaptados para que os pais pudessem responder considerando a própria forma de educarem os filhos e a forma que os cônjuges educam os filhos. Exemplo de itens adaptados: “Controla minhas notas no colégio” para “Controlar suas notas no colégio”; “Me explica os motivos quando me pede para eu fazer alguma coisa” para “Explicar o motivo quando peço para fazer algo”. Dos 24 itens, 12

são do fator responsividade e 12 do fator exigência. A escala é respondida no formato likert de 5 pontos, sendo 0= quase nunca ou bem pouco e 4= geralmente ou bastante. No estudo em que a escala foi adaptada (Noronha & Batista, 2017), as consistências internas apresentaram valores de alfas de Cronbach que variaram entre 0,84 e 0,95.

### *Procedimentos*

As coletas de dados foram realizadas por meio de um questionário do *Google Forms*. Um *link* com o convite para a participação na pesquisa foi disponibilizado em redes sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp, e e-mail). Mediante o aceite ao TCLE (anexo 4), disponibilizou-se aos participantes o questionário sociodemográfico, a EFC-Breve e a EREP. Ademais, para os participantes que indicaram possuir algum filho, foi disponibilizada também a EREP-Pais para preenchimento. O tempo médio para preenchimento dos instrumentos foi de 50 minutos.

### *Análise de dados*

Para realizar comparações entre grupos e identificar as associações entre os construtos foi utilizado o *software* IBM SPSS. As estatísticas descritivas (médias, medianas e desvios-padrão) foram utilizadas para caracterizar os escores dos participantes na EFC-Breve, na EREP e na EREP-Pais. A mediana foi utilizada para estabelecer os níveis (altos e baixos) das dimensões de responsividade e exigência parental da EREP e da EREP-Pais, com intuito de identificar as frequências das tipologias oriundas de tais dimensões (negligente, indulgente, autoritário e autoritativo). O teste de correlação de Pearson foi utilizado para identificar as magnitudes de associação entre os fatores da EFC-Breve com EREP-Pais, EREP, idade, número de filhos e número de pessoas que residem com o respondente. A interpretação foi feita com base nos valores propostos por Levin e Fox (2004): fraca (< 0,30), moderada (entre 0,30 e 0,59), forte (entre 0,60 e 0,99) e perfeita (1,00).

Em seguida, foram conduzidas análises de regressão linear múltiplas pelo método *Enter*: a) dimensões responsividade e exigência da EREP (do pai e da mãe) como variáveis independentes; fatores da EFC-Breve como variáveis dependentes; b) fatores da EFC-Breve como variáveis independentes; dimensões responsividade e exigência da EREP-Pais (autopercepção do respondente e percepção do estilo parental do cônjuge) como variáveis dependentes. A ANOVA foi utilizada para identificar se existiam diferenças de médias nos fatores da EFC-Breve de acordo com a escolaridade e o estado civil dos participantes e estilo parental (EREP-Pais e EREP). Por fim, o teste *t* de Student foi aplicado para identificar possíveis diferenças nas forças de caráter relacionadas ao sexo e possuir ou não filhos.

### **Resultados**

Inicialmente, foram realizadas estatísticas descritivas para identificar as médias, desvios-padrão e medianas da EFC-Breve, da EREP-Pais e da EREP. As medianas das EREP's foram utilizadas para classificar os níveis (baixo e alto) das dimensões exigência e responsividade dos referidos instrumentos. Os participantes que apresentaram pontuações iguais ou menores que as medianas tiveram classificação “baixa” e aqueles com pontuações maiores que as medianas foram classificados com pontuação “alta”. Os dados estão dispostos na Tabela 6.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 6, os participantes apresentaram maior média no fator de forças intrapessoais quando comparados ao de forças intelectuais e interpessoais. Os participantes que são pais perceberam a si mesmos e ao cônjuge como mais responsivos do que exigentes. Além disso, a exigência e a responsividade do cônjuge foram menores do que a do respondente. Por fim, os participantes indicaram que as mães eram mais responsivas e exigentes que os pais.

Tabela 6.

*Médias, desvios-padrão, confiabilidades e medianas da EFC-Breve, EREP e EREP-Pais*

Instrumentos	Fatores ( $\alpha$ )	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Mediana
EFC-Breve*	Escore Total (0,91)	0,00	4,00	2,78	0,65	2,83
	Forças Intrapessoais (0,85)	0,00	4,00	3,12	0,80	3,33
	Forças Intelectuais e Interpessoais (0,89)	0,00	4,00	2,61	0,69	2,67
EREP-Pais**	Exigência do RESPONDENTE (0,94)	0,00	4,00	2,86	0,96	3,00
	Responsividade do RESPONDENTE (0,93)	0,00	4,00	3,28	0,79	3,50
	Exigência do CÔNJUGE (0,93)	0,00	4,00	2,71	1,09	3,00
	Responsividade do CÔNJUGE (0,96)	0,00	4,00	2,85	1,16	3,25
EREP*	Exigência do PAI (0,95)	0,00	4,00	2,24	1,22	2,50
	Responsividade do PAI (0,95)	0,00	4,00	2,17	1,18	2,33
	Exigência da MÃE (0,89)	0,00	4,00	2,93	0,83	3,08
	Responsividade da MÃE (0,92)	0,00	4,00	2,82	0,93	3,00

\*. Numero de respondentes: 424; \*\*. Número de respondentes: 125.

Na Tabela 7 estão dispostas as frequências e porcentagens das tipologias de estilos parentais da EREP e da EREP-Pais após a identificação da mediana da amostra. Os resultados indicaram que as maiores frequências de tipologia foram negligente e autoritativo, seguidos de autoritário e indulgente, tanto na EREP-Pais quanto na EREP.

Tabela 7.

*Frequências, porcentagens das tipologias de estilos parentais da EREP e da EREP-Pais*

Tipologias	EREP-Pais				EREP			
	Estilo Parental do RESPONDENTE		Estilo Parental do CÔNJUGE		Estilo Parental do PAI		Estilo Parental da MÃE	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Negligente	45	36,00	52	41,60	131	31,60	136	33,70
Autoritário	25	20,00	11	8,80	80	19,30	75	18,60
Indulgente	18	14,40	11	8,80	76	18,30	68	16,80
Autoritativo	37	29,60	51	40,80	128	30,80	125	30,90

Em seguida, o teste de correlação de Pearson foi utilizado com intuito de identificar as magnitudes de associação dos fatores da EFC-Breve com os fatores de exigência e responsividade da EREP e da EREP-Pais, a idade, número de filhos, número de pessoas que residiam com o respondente. Os resultados encontrados estão dispostos na Tabela 8.

Tabela 8.

*Correlações entre os fatores da EFC-Breve com EREP-Pais, EREP, idade, nº de filhos, nº de pessoas que residem com o respondente*

		EFC-Breve		
		Escore Total	Forças Intrapessoais	Forças Intelectuais e Interpessoais
Sociodemográficas	Idade	0,20**	0,19**	0,19**
	Nº filhos	0,07	0,07	0,06
	Nº de residentes	0,02	0,03	0,02
EREP-Pais	Exigência do RESPONDENTE	0,21*	0,22*	0,18*
	Responsividade do RESPONDENTE	0,40**	0,40**	0,36**
	Exigência do CÔNJUGE	0,30**	0,32**	0,26**
	Responsividade do CÔNJUGE	0,34**	0,34**	0,30**
EREP	Exigência do PAI	0,20**	0,21**	0,16**
	Responsividade do PAI	0,17**	0,16**	0,15**
	Exigência da MÃE	0,18**	0,13**	0,18**
	Responsividade da MÃE	0,19**	0,17**	0,18**

Nota: \*\*.  $p < 0,01$ ; \*.  $p < 0,05$

De forma geral, as associações relatadas na Tabela 8 tiveram magnitudes fracas e moderadas ( $r$  entre 0,13 e 0,40). Em relação às características sociodemográficas (idade, número de filhos e número de pessoas que residiam com os respondentes), os fatores da EFC-Breve apresentaram associações significativas com a idade ( $r$  entre 0,19 e 0,20), sendo todas positivas.

Na EREP-Pais, os três fatores da EFC-Breve apresentaram associações positivas com as dimensões de exigência ( $r$  entre 0,18 e 0,32) e responsividade ( $r$  entre 0,30 e 0,40), com valores de associação maiores nas dimensões de responsividade. Além disso, destaca-se o fato do fator forças intrapessoais ter apresentado associações de maiores magnitudes com as dimensões exigência e responsividade da EREP-Pais quando comparadas com as associações das mesmas dimensões com o fator forças intelectuais e interpessoais.

Por fim, as associações entre os fatores da EFC-Breve e as dimensões exigência ( $r$  entre 0,13 e 0,21) e responsividade ( $r$  entre 0,15 e 0,19) da EREP foram positivas e fracas. Assim como identificado na EREP-Pais, o fator forças intrapessoais apresentou associações de maiores magnitudes com as dimensões de exigência e responsividade do pai. Todavia, o fator forças intelectuais e interpessoais apresentou associações maiores que as do fator forças intrapessoais com as dimensões de responsividade e exigência da mãe.

Em seguida, foram conduzidas regressões lineares múltiplas. No primeiro momento, as dimensões responsividade e exigência parentais percebidas pelos respondentes foram consideradas variáveis independentes; e os fatores da EFC-Breve como variáveis dependentes. O intuito foi identificar se as dimensões são capazes de prever os níveis de forças de caráter dos respondentes. Os resultados estão dispostos na Tabela 9.

Os resultados da Tabela 9 indicaram que a exigência do pai ( $p= 0,006$ ) e a responsividade da mãe ( $p= 0,044$ ) foram capazes de prever o fator forças intrapessoais da EFC-Breve ( $R^2$  ajustado= 0,05). Por outro lado, as dimensões da EREP não foram preditivos do fator forças intelectuais e interpessoais da EFC-Breve ( $R^2$  ajustado= 0,04). Destaca-se ainda que o Durbin-Watson e as estatísticas de colinearidade (tolerância e VIF) estiveram dentro dos valores de referência nos dois fatores da EFC-Breve.

Posteriormente, as análises de regressão foram aplicadas com o objetivo de identificar se as forças de caráter (variáveis independentes) dos respondentes que tinham filhos seriam capazes de prever as dimensões de responsividade e exigência (variáveis dependentes) da EREP-Pais. Os resultados foram alocados na Tabela 10.

Tabela 9.

*Análises de regressão linear múltiplas entre os fatores da EFC-Breve e da EREP*

Fatores da EFC-Breve (VD)	Dimensões da EREP (VI)	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	<i>t</i>	<i>p</i>	Durbin-Watson	Tolerância (VIF)
		<i>B</i>	<i>Erro Padrão</i>	<i>Beta</i>				
	Constante	2,569	0,151		16,967	0,001		
Forças Intrapessoais	Exigência do PAI	0,106	0,038	0,163	2,767	0,006	1,751	0,651 (1,536)
	Responsividade do PAI	0,021	0,039	0,031	0,526	0,599		0,654 (1,530)
	Exigência da MÃE	-0,002	0,054	-0,002	-0,041	0,968		0,703 (1,422)
	Responsividade da MÃE	0,096	0,048	0,113	2,023	0,044		0,724 (1,380)
	Constante	2,037	0,131		15,581	0,001		
Forças Intelectuais e Intrapessoais	Exigência do PAI	0,038	0,033	0,067	1,134	0,257	1,755	0,651 (1,536)
	Responsividade do PAI	0,025	0,034	0,044	0,747	0,455		0,654 (1,530)
	Exigência da MÃE	0,080	0,047	0,097	1,705	0,089		0,703 (1,422)
	Responsividade da MÃE	0,071	0,041	0,097	1,733	0,084		0,724 (1,380)

*Nota:* VD – Variáveis dependentes; VI – Variáveis independentes; Valores de referência: Durbin-Watson (entre 1,5 e 2,5); Tolerância (> 0,1); VIF (< 10)

Tabela 10.

*Análises de regressão linear múltiplas entre os fatores da EFC-Breve e da EREP-Pais\**

Dimensões da EREP-Pais (VD)	Fatores EFC-Breve (VI)	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	<i>t</i>	<i>p</i>	Durbin-Watson
		<i>B</i>	<i>Erro Padrão</i>	<i>Beta</i>			
Exigência do RESPONDENTE	Constante	1,882	0,391		4,810	0,001	1,532
	Forças Intrapessoais	0,248	0,166	0,193	1,491	0,138	
	Forças Intelectuais e Interpessoais	0,053	0,166	0,041	0,317	0,751	
Responsividade do RESPONDENTE	Constante	1,820	0,302		6,029	0,001	1,781
	Forças Intrapessoais	0,313	0,128	0,295	2,434	0,016	
	Forças Intelectuais e Interpessoais	0,149	0,125	0,142	1,169	0,245	
Exigência do CÔNJUGE	Constante	1,157	0,429		2,697	0,008	2,023
	Forças Intrapessoais	0,392	0,183	0,271	2,147	0,034	
	Forças Intelectuais e Interpessoais	0,088	0,181	0,061	0,487	0,627	
Responsividade do CÔNJUGE	Constante	1,023	0,454		2,253	0,026	2,032
	Forças Intrapessoais	0,409	0,193	0,264	2,119	0,036	
	Forças Intelectuais e Interpessoais	0,166	0,192	0,108	0,864	0,389	

*Nota:* VD – Variáveis dependentes; VI – Variáveis independentes; \*. As estatísticas de colinearidade apresentaram os mesmos valores nas regressões: Tolerância (0,463) e VIF (2,158); Valores de referência: Durbin-Watson (entre 1,5 e 2,5); Tolerância (> 0,1); VIF (< 10).

Conforme apresentado na Tabela 10, o fator forças intrapessoais foi preditivo em relação à responsividade do respondente ( $R^2$  ajustado= 0,16;  $p= 0,016$ ) e à exigência ( $R^2$  ajustado= 0,09;  $p= 0,034$ ) e responsividade ( $R^2$  ajustado= 0,12;  $p= 0,036$ ) do cônjuge. O fator forças intelectuais e interpessoais não apresentou capacidade preditiva significativa em relação às dimensões da EREP-Pais. Ressalta-se que os valores de Durbin-Watson e das estatísticas de colinearidade estiveram dentro dos valores de referência.

A ANOVA foi utilizada fim de identificar diferenças de médias nos fatores da EFC-Breve de acordo com os estilos parentais da EREP e da EREP-Pais, estado civil e escolaridade

dos participantes. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no estilo parental do respondente no fator forças intelectuais e interpessoais da EFC-Breve ( $F[121]=2,627$ ;  $p=0,053$ ). Quanto ao estilo parental do cônjuge, foram identificadas diferenças estatisticamente significativas no fator forças intrapessoais ( $F[121]=2,937$ ;  $p=0,036$ ) e escore total ( $F[121]=3,050$ ;  $p=0,031$ ). O estilo parental do pai apresentou diferenças significativas em relação aos fatores forças intrapessoais ( $F[411]=6,469$ ;  $p=0,001$ ), forças intelectuais e interpessoais ( $F[411]=5,048$ ;  $p=0,002$ ) e escore total da EFC-Breve ( $F[411]=6,794$ ;  $p=0,001$ ). Por fim, o estilo parental materno apresentou diferenças estatisticamente no escore total ( $F[400]=6,587$ ;  $p=0,001$ ) e nos fatores forças intelectuais e interpessoais ( $F[400]=6,813$ ;  $p=0,001$ ) e forças intrapessoais ( $F[400]=3,481$ ;  $p=0,016$ ). Os resultados encontrados no *post-hoc* estão dispostos na Tabela 11.

Tabela 11.

*Testes post-hoc dos fatores da EFC-Breve e de acordo com os estilos parentais*

		Escala de Forças de Caráter – Breve					
EREP-Pais	Tipologias (N)	Escore Total*		Forças Intrapessoais*		Forças Intelectuais e Interpessoais**	
		1	2	1	2	1	2
Estilo parental do RESPONDENTE	Negligente (45)	2,81		3,18		2,62	
	Autoritário (25)	2,85		3,27		2,65	
	Autoritativo (37)	3,15		3,46		2,93	
	Indulgente (18)	3,20		3,57		3,02	
Estilo parental do CÔNJUGE	Negligente (52)	2,76		3,11		2,58	
	Autoritário (11)	3,06		3,53		2,83	
	Indulgente (11)	3,12		3,49		2,94	
	Autoritativo (51)	3,15		3,50		2,97	
EREP	Tipologias (N)	Escore Total		Forças Intrapessoais		Forças Intelectuais e Interpessoais	
		1	2	1	2	1	2
Estilo parental do PAI	Negligente (131)	2,60		2,91		2,45	
	Indulgente (76)	2,76	2,76	3,07	3,07	2,60	2,60
	Autoritário (80)	2,78	2,78	3,13	3,13	2,60	2,60
	Autoritativo (128)		2,97		3,34		2,78
Estilo parental da MÃE	Negligente (136)	2,60		2,95		2,42	
	Indulgente (68)	2,76	2,76	3,15	3,15	2,57	2,57
	Autoritário (75)	2,83	2,83	3,12	3,12		2,68
	Autoritativo (125)		2,94		3,26		2,79

Nota: \*. Fator não apresentou diferença estatisticamente significativa para estilo parental do respondente; \*\*. Fator não apresentou diferença estatisticamente significativa para estilo parental do cônjuge.

A Tabela 11 não indicou, para a EREP-Pais, divisão de grupos, sendo as maiores médias nos três fatores da EFC-Breve dos participantes com estilo parental indulgente, seguidos de autoritativo, autoritário e negligente, tanto para o respondente quanto para o cônjuge. Por outro lado, na EREP, foi identificado dois grupos, tanto para o estilo parental do pai quanto da mãe. Um grupo foi composto por participantes de estilo parental negligente e outro de estilo autoritativo. Os participantes que indicaram que os pais eram de estilo autoritativo apresentaram maiores médias em todos os fatores da EFC-Breve, enquanto os de estilo negligente apresentaram as menores médias. Os participantes apresentaram maiores médias no fator forças intrapessoais da EFC-Breve.

Quanto à escolaridade, os participantes foram divididos em cinco grupos, quais sejam, até o ensino médio, superior incompleto, superior completo, pós-graduação incompleta e pós-graduação completa. A ANOVA não indicou diferenças estatisticamente significativas em relação às dimensões de responsividade e exigência das EREP's. Por sua vez, foram identificadas diferenças estatisticamente significativas nos fatores forças intrapessoais ( $F[419]= 3,992$ ;  $p= 0,003$ ), forças intelectuais e interpessoais ( $F[419]= 5,071$ ;  $p= 0,001$ ) e escore total ( $F[419]=5,622$ ;  $p= 0,001$ ) da EFC-Breve. Os resultados do teste *post-hoc* da EFC-Breve são apresentados na Tabela 12.

Tabela 12.

*Testes post-hoc dos fatores da EFC-Breve e de acordo com a escolaridade dos participantes*

Escolaridade	Escala de Forças de Caráter – Breve					
	Escore Total		Forças Intrapessoais		Forças Intelectuais e Interpessoais	
	1	2	1	2	1	2
Até o ensino médio completo (56)	2,53		2,84		2,37	
Superior incompleto (119)	2,69	2,69	3,01	3,01	2,53	2,53
Superior completo (90)	2,76	2,76	3,15	3,15	2,56	2,56
Pós-graduação incompleta (34)		2,92		3,28		2,75
Pós-graduação completa (125)		2,95		3,29		2,80

Conforme apresentado na Tabela 12, os participantes se dividiram em dois grupos, de acordo com o nível de escolaridade. Os resultados indicaram que, quanto maior a escolaridade dos participantes, mais elevadas as médias nos fatores da EFC-Breve. As médias obtidas pelos participantes no fator forças intrapessoais foram maiores do que as do fator forças intelectuais e interpessoais.

Nas comparações de médias conforme o estado civil dos participantes, foram considerados três grupos: solteiros, casados e divorciados ou viúvos. Uma vez que número de participantes viúvos ( $n= 3$ ) e divorciados ( $n= 12$ ) era pequeno, optou-se por incluí-los no mesmo grupo, uma vez que, seja pela morte do (a) companheiro (a) ou por outro motivo, estavam separados. Os resultados indicaram diferenças estatisticamente significativas para o escore total ( $F[421]= 5,711$ ;  $p= 0,004$ ), forças intrapessoais ( $F[421]= 7,309$ ;  $p= 0,001$ ) e forças intelectuais e interpessoais ( $F[421]= 3,466$ ;  $p= 0,032$ ) da EFC-Breve; exigência ( $F[122]= 6,542$ ;  $p= 0,002$ ) e responsividade do cônjuge ( $F[122]= 7,118$ ;  $p= 0,001$ ) da EREP-Pais; e exigência da mãe ( $F[421]= 2,826$ ;  $p= 0,036$ ) da EREP. Os resultados significativos dos testes *post-hoc* são apresentados na Tabela 13.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 13, não foram identificados subgrupos para os fatores da EFC-Breve. Nos três fatores os participantes divorciados ou viúvos apresentaram as maiores médias, seguidos de casados e solteiros. Os participantes apresentaram médias mais elevadas no fator forças intrapessoais. Em relação às EREP's, foram identificados dois grupos distintos. Para exigência e responsividade do cônjuge (EREP-Pais), divorciados ou viúvos se diferiram de casados, sendo que esses últimos apresentaram médias mais elevadas. Quanto à exigência da mãe (EREP), um grupo foi formado por divorciados ou viúvos e o outro por solteiros e casados, sendo a maior média dos participantes solteiros.

Tabela 13.

*Testes post-hoc dos fatores da EFC-Breve e da EARE-AD conforme o estado civil*

EFC- Breve				
Estado civil (N)	Escore Total	Forças Intrapessoais	Forças Intelectuais e Interpessoais	
	1	1	1	
Solteiro (237)	2,69	2,99	2,54	
Casado (172)	2,89	3,28	2,70	
Divorciado ou viúvo (15)	2,97	3,30	2,80	
EREP-Pais				
Estado Civil (N)	Exigência do CÔNJUGE		Responsividade do CÔNJUGE	
	1	2	1	2
Solteiro (11)	2,50	2,50		2,67
Casado (101)		2,86		3,01
Divorciado ou viúvo (13)	1,77		1,79	
EREP				
Estado Civil	Exigência da MÃE			
	1	2		
Solteiro (237)		2,98		
Casado (172)		2,90		
Divorciado ou viúvo (15)	2,43			

Posteriormente, o teste *t* de Student foi utilizado para identificar diferenças de médias relacionadas ao sexo dos participantes, possuir filhos e morar sozinho ou com outras pessoas. Em relação ao sexo, identificou-se diferença estatisticamente para o fator forças intrapessoais da EFC-Breve ( $t[196,424]= 2,018; p= 0,045$ ) e responsividade da mãe da EREP ( $t[422]= 2,605; p= 0,010$ ), sendo que os homens apresentaram maiores médias nos dois fatores ( $M= 3,25$  e  $3,02$ , respectivamente).

Quanto a possuir filhos ou não, os resultados indicaram diferenças estatisticamente significativas nos fatores forças intrapessoais ( $t[246,692]= -3,803; p= 0,001$ ), forças intelectuais e interpessoais ( $t[202,517]= -3,367; p= 0,001$ ) e escore total ( $t[206,279]= -3,806; p= 0,001$ ) da EFC-Breve, sendo que aquele que possuíam filhos apresentaram maiores médias ( $M= 3,34; 2,79; e 2,98$ , respectivamente). Além disso, na dimensão responsividade da mãe da EREP

também foi identificada diferença estatisticamente significativa ( $t[422]= 3,121; p= 0,002$ ), de forma que os participantes que não tinham filhos apresentaram maiores médias ( $M= 2,91$ ).

### **Discussão**

No presente capítulo o objetivo foi a busca por evidências de validade para a EFC-Breve baseada na relação com outras variáveis. Os estilos parentais foram escolhidos como variável externa pelo fato de funcionar, assim como as forças de caráter, como fator protetivo contra psicopatologias, desenvolvimento de autoestima e ajustamento social (Fonsêca et al., 2014; Kopala-Sibley et al., 2017; Lo et al., 2017; Reppold et al., 2012; Yunes, 2003).

As estatísticas descritivas indicaram resultados semelhantes aos de Noronha e Batista (2017), à medida que as forças de caráter com maiores médias identificadas pelos autores foram aquelas ligadas ao fator forças intrapessoais (por exemplo, gratidão, esperança e espiritualidade). Ademais, em relação aos estilos parentais, os autores também identificaram maiores níveis de responsividade do respondente e do cônjuge quando comparados aos níveis de exigência. Quanto aos níveis de responsividade e exigência maternos serem maiores que os paternos, os resultados são coerentes com a literatura, de forma que os pais (homens) geralmente são identificados como pessoas menos envolvidas na criação dos filhos do que as mulheres (Fonseca et al., 2014; Noronha & Batista, 2017; Teixeira et al., 2004).

No que se refere às frequências de tipologias de estilos parentais, os resultados são semelhantes aos identificados na literatura (Costa, Teixeira, & Gomes, 2000; Weber, Prado, Viezzer, & Brandenburg, 2004). Nesse sentido, os estilos parentais dos respondentes parecem estar em consonância com os estilos recebidos dos pais (Oliveira et al., 2002) e, no caso dos negligentes, denotam a necessidade de desenvolver as forças de caráter a fim de contribuir com o estabelecimento de relacionamentos interpessoais mais saudáveis a nível intra e extrafamiliar (Ngai et al., 2018). Possivelmente, os participantes de estilo negligente tenham recebido com

maior intensidade as interferências parentais negativas, enquanto os autoritativos se apropriaram dos efeitos positivos das atitudes parentais (Di Stefano & Cyr, 2014; Flouri, 2004; Huppert, et al., 2010). Em relação à idade, as associações positivas com as forças de caráter podem ser explicadas com a aprendizagem adquirida com o passar dos anos, de forma que as pessoas desenvolvam habilidades de ajustamento social e de busca por conhecimento (Harzer & Ruch, 2015; Noronha & Barbosa, 2016).

Quanto à primeira hipótese, esperava-se que as associações entre as forças de caráter e as dimensões de estilos parentais fossem positivas, com magnitudes baixas e moderadas. A hipótese foi confirmada e está de acordo com a literatura (Ngai et al., 2018; Noronha & Batista, 2017; Shoshani & Aviv, 2012). Destaca-se o fato da responsividade ter apresentado as associações mais elevadas com as forças de caráter. Uma possível explicação para o resultado é que os pais que são responsivos tendem a se comunicar melhor com seus filhos, auxiliando-os no desenvolvimento da autonomia e autoconfiança (Fonseca et al., 2014; Pacheco et al., 1999). Além disso, pessoas que têm altos níveis de forças de caráter também possuem mais habilidades para o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis por saberem se comunicar de forma adequada e se comportarem melhor socialmente (Noronha & Batista, 2020b; Pinto, Carvalho, & Sá, 2014).

As análises de regressão acabaram por dar destaque ao fator forças intrapessoais da EFC-Breve. Inicialmente, o referido fator foi predito pela exigência do pai e pela responsividade da mãe. Uma possível forma de explicar o resultado é considerar o estilo parental combinado (pai e mãe) (Costa et al., 2000; Teixeira et al., 2004). Nesse caso, a exigência do pai e a responsividade da mãe, em níveis equilibrados, formariam o estilo parental autoritativo, e dessa forma, pode ter contribuído com o desenvolvimento das forças de caráter intrapessoais dos respondentes (Loton & Waters, 2017; Ngai et al., 2018; Noronha & Batista, 2017; Oliveira et al., 2002; Shoshabi & Aviv, 2012). Ressalta-se a importância da presença

paterna na educação dos filhos. À medida que os pais (homens) participam mais do processo educativo dos filhos, poderiam contribuir para que os filhos estivessem mais protegidos de exposições à violência, ideações e tentativas suicidas (Magnani & Staudt, 2018; Miller, Smythers, Weismoor, & Renshaw, 2013; Saffer, Glenn, & Klonsky, 2015). Como as mulheres tendem a ser mais afetivas que os homens (Gratz & Roemer, 2004; Weiss, Gratz, & Lavender, 2015), quando os homens tivessem níveis adequados de exigência, o estilo parental combinado seria benéfico para crianças e adolescentes (Costa et al., 2000; Teixeira et al., 2004; Weber et al., 2004).

Posteriormente, as análises de regressão indicaram que o fator forças intrapessoais foi preditivo em relação à responsividade do respondente e à exigência e responsividade do cônjuge. Esses resultados parecem corroborar a ideia de que os estilos parentais recebidos tendem a ser adotados na vida adulta (Oliveira et al., 2002). Todavia, há de se considerar que as duas medidas de estilos parentais possuíam conteúdos semelhantes em seus itens, sendo necessário, nesse caso, o controle do efeito halo (Wetzel, Böhnke, & Brown, 2016) para identificar se os resultados possíveis internveniências. Nesse tipo de viés, o respondente tende a endossar ou não todas as características as quais as medidas avaliam (Kahneman, 2011; Thorndike, 1920), o que causa um falso senso de coerência nas características avaliadas (Wetzel et al., 2016).

Ainda, aventa-se que o efeito dos estilos parentais não seja expressivo na vida adulta, ainda que importantes, dados os resultados encontrados nas análises de correlação e regressão. As associações e os valores de *Beta* foram baixos, indicando a necessidade de interpretar os dados com cautela. Ademais, ainda que os estilos parentais e os ambientes familiares possam facilitar ou prejudicar o desenvolvimento das forças de caráter (Di Stefano & Cyr, 2014; Fônsaca et al., 2014; Huppert, et al., 2010; Noronha & Batista, 2017; Reppold et al., 2012),

cabe a cada indivíduo, na sua liberdade, escolher o que é melhor para si e para os demais (Frankl, 2015), principalmente quando se trata de pessoas adultas.

Ao comparar as médias nos fatores da EFC-Breve de acordo com os estilos parentais, tanto os resultados da EREP quanto da EREP-Pais indicaram que estilos com maiores níveis de responsividade apresentaram maiores médias (autoritativo e indulgente, respectivamente). Uma possível explicação é que indivíduos com níveis elevados de responsividade tendem a aceitar melhor os argumentos dos filhos, se comunicam melhor e contribuem mais para que esses desenvolvam a autoconfiança, a autonomia e a autoestima (Fonseca et al., 2014; Noronha & Batista, 2017; Pacheco et al., 1999). Ademais, há de se destacar que os participantes que indicaram estilos autoritativos (materno e paterno) apresentaram maiores médias nos fatores da EFC-Breve, possivelmente por ser o estilo mais adequado em amostras não-clínicas (González et al., 2014). Nesse estilo parental, há o suporte emocional de forma semelhante ao do estilo indulgente, porém, também se faz controle dos comportamentos dos filhos, o que contribui para o desenvolvimento de disciplina e bons desempenhos acadêmicos (Fonseca et al., 2014).

Por fim, na quarta hipótese esperava-se que as mulheres apresentariam maiores médias nas forças de caráter que os homens (Linley et al., 2007; Noronha & Martins, 2016). A hipótese não foi confirmada, uma vez que os homens apresentaram médias maiores que as mulheres no fator forças intrapessoais e na responsividade percebida quanto a sua própria mãe. Quando comparados aos achados de Martínez-Martí e Ruch (2016), os resultados das forças de caráter são semelhantes, uma vez que os autores identificaram maiores médias para os homens em fatores que possuíam forças ligadas ao fator forças intrapessoais (espiritualidade e gratidão; amor pelo aprendizado e apreciação do belo). Entretanto, assim como outros autores já haviam identificado (Heintz et al., 2017; Oliveira et al., 2016), as diferenças de médias nas forças de caráter de acordo com o sexo dos participantes são pequenas. No que se refere à responsividade, a explicação é que a mãe tende a ser vista como mais responsiva e mais envolvida na criação

do que o pai (Teixeira et al, 2004). O fato dos homens apresentarem maiores médias nos dois fatores (forças interpessoais e responsividade) pode indicar que os participantes tiveram bons relacionamentos com a figura materna quando eram crianças ou adolescentes, o que permitiu o desenvolvimento de características ligadas ao aprendizado e conhecimento (Loton & Waters, 2017; Noronha & Batista, 2017; Teixeira et al., 2004; Waters, 2015).

Quanto à escolaridade, os participantes com maiores níveis apresentaram médias maiores nos fatores da EFC-Breve. Os resultados são coerentes com a literatura e podem ser justificados pela diferença de compreensão dos itens em cada nível de escolaridade. Anteriormente, alguns autores destacaram a importância do desenvolvimento e o aprendizado das forças pessoais em contextos escolares, familiares e institucionais, desde a infância até a vida adulta (Brazeau et al., 2012; Harzer & Ruch, 2015; Park & Peterson, 2006; Quinlan, Swain, & Vella-Brodrick, 2012). Dessa forma, seriam possibilitadas experiências e emoções positivas, como a satisfação, o orgulho e a esperança (Bzuneck, 2018; Pekrun et al., 2011).

No que se refere ao estado civil dos participantes, identificou-se maiores médias dos divorciados ou viúvos nos fatores da EFC-Breve. Uma possível explicação centra-se no fato dos divorciados ou viúvos, geralmente, serem mais velhos que os solteiros, o que poderia indicar uma interveniência da variável idade nos resultados. O divórcio e a morte do cônjuge são os eventos estressantes que mais desestruturam os indivíduos na vida adulta (Holmes & Rahe, 1967; Lamela, Figueiredo, & Bastos, 2010). Outra justificativa para os resultados encontrados, além da possível interferência da idade, é o fato dos participantes viúvos ou divorciados terem empregado esforços comportamentais e cognitivos para conter os efeitos negativos de tais eventos (Lamela et al., 2010), de forma que os níveis de forças podem ter contribuído (Littman-Ovadia et al., 2017; Noronha & Batista, 2017; 2020b; Noronha et al., 2019; Park et al., 2013). Os resultados identificados nas EREP's são coerentes com a literatura (Costa et al., 2000; Noronha & Batista, 2017; Teixeira et al., 2004) à medida que os

respondentes tendem a enxergar os cônjuges como mais exigentes e responsivos (Noronha, 2017), sobretudo se morarem juntos.

Ademais, como mencionado no primeiro capítulo da presente tese, faz-se necessário considerar os contextos os quais os participantes estão inseridos para minimizar erros nas avaliações (Ciarrochi et al., 2016). Dessa forma, ressalta-se que os dados referentes ao estado civil precisam ser analisados com cautela. Ainda que os efeitos do divórcio e da morte do cônjuge sejam, no geral, negativos, podem existir casos em que essa separação seja benéfica (ex: situações de violência doméstica ou de doença prolongada do cônjuge), o que contribuiria com a sensação de realização pessoal, aumento de bem-estar e possibilidade de estabelecer novas relações (King & Raspin, 2004; Lamela, 2009; Lamela et al., 2010; Reppold et al., 2012).

As análises relacionadas ao número de pessoas que residiam com o respondente, número de filhos e ter ou não filhos apresentaram resultados que precisam ser esclarecidos em relação às forças de caráter. Noronha e Batista (2017) já tinham identificado não existir diferenças estatisticamente significativas em relação ao número de filhos. Anteriormente, Batista, Piovezan e Muner (2015) ressaltaram que a quantidade de filhos é uma variável que precisa ser analisada considerando os aspectos individuais e coletivos para evitar interpretações equivocadas, visto que ainda não há consenso na literatura em relação ao impacto do número de filhos na vida dos pais (Moura-Ramos & Canavarro, 2007; Ribeiro, Pinho, & Falcone, 2011; Sbicigo & Lisbôa, 2010). O fato dos participantes que possuem filhos apresentarem maiores médias nos fatores da EFC-Breve explica-se ao considerar que os níveis de satisfação com a vida, associados positivamente às forças (Noronha & Martins, 2016; Oliveira et al., 2016), tende a aumentar nas vivências comunitárias (no caso, a família, os filhos) (Dias & Tróccoli, 1999; Gonçalves, 2009).

Por fim, os objetivos propostos para o presente capítulo foram alcançados, uma vez que os dados encontrados são coerentes com a literatura e parecem indicar evidências de validade

com base na relação com outras variáveis para a EFC-Breve. Ainda que uma das hipóteses (H4) não tenha sido confirmada, existiam relatos que permitiram a explicação dos resultados encontrados. Como limitações, há de se levar em conta o número de participantes que responderam à EREP-Pais ( $n= 125$ ), sendo necessário contar com amostras maiores em estudos futuros, sobretudo para as análises de regressão. Isso se faz importante para compreender melhor as estatísticas de multicolinearidade e o Durbin-Watson encontrados no presente estudo. Além disso, outros construtos que avaliam aspectos do contexto familiar (ex: percepção de suporte social e percepção de suporte familiar) poderiam ser investigados conjuntamente com as forças de caráter a fim de compreender melhor a importância da família no desenvolvimento de características positivas da personalidade.

## Capítulo 4 – Estudo 3: Evidências de validade para a EFC-Breve baseadas na relação com outras variáveis – Autorregulação Emocional<sup>1</sup>

### Introdução

No estudo apresentado no presente capítulo o objetivo foi buscar mais evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis para a EFC-Breve. O construto escolhido como variável externa foi a autorregulação emocional. Entre as justificativas para se investigar as habilidades autorregulatórias de adultos, sobretudo de pais e professores, inclui-se que são variáveis que podem interferir nos níveis de autorregulação emocional de crianças e adolescentes (Bariola et al., 2011; Silva & Freire, 2014). Além disso, assim como as forças de caráter, a autorregulação emocional possui um aspecto relacionado à moralidade, principalmente quando o indivíduo pondera o que é socialmente aceito para estabelecer bons relacionamentos interpessoais saudáveis (Bariola et al., 2011; Noronha & Batista, 2020b; Pinto et al., 2014).

A autorregulação emocional é definida como a habilidade de controlar as emoções por meio de processos intrínsecos e extrínsecos, os quais incluem o monitoramento, a avaliação e a modificação de reações emocionais para alcançar determinados objetivos (Berking et al., 2014; Sheppes, Scheibe, Suri, & Gross, 2011). Ademais, o construto diz respeito à modulação (inibir, ativar ou alterar) a atenção e o comportamento em resposta a determinados estímulos (McKown, Gumbiner, Russo, & Lipton, 2009), sendo compreendido também como uma estratégia de enfrentamento ou *coping* (Koole, McCullough, Kuhl, & Roelofsma, 2010). Ter essa habilidade é importante em situações estressantes e que envolvam dificuldades relacionadas aos estados de humor ou à personalidade (Berking, Ebert, Cuijpers, & Hofmann,

---

<sup>1</sup> A Autorregulação emocional e a força autorregulação são diferentes. Ainda que a definição conceitual de ambas seja semelhante, a última é compreendida na perspectiva que considera a autorregulação da aprendizagem (Neto et al., 2004; Noronha & Dameto, 2019; Peterson & Seligman, 2004).

2013; Glenn & Klonsky, 2013), assim como em situações de excitação emocional nas quais são vivenciadas emoções positivas (Weiss et al., 2015).

De acordo com Drake, Morris e Davis (2017), a autorregulação emocional pode ser incrementada pela meditação e funcionar como um atenuante para o neuroticismo, característica da personalidade fortemente associada às emoções aversivas. Artuch-Garde et al. (2017) identificaram que a autorregulação emocional funcionou como preditor da resiliência. Além disso, ela pode explicar a variância em níveis de bem-estar subjetivo e psicológico (Santama & Gondim, 2016; Simon & Durand-Bush, 2015), e contribuir para o desenvolvimento da independência emocional e para a promoção da autonomia, de forma que o indivíduo consiga regular a própria vida (Ibañez, Ruipérez, Moya, Marqués, & Ortet, 2005).

A temática (autorregulação das emoções) tem sido objeto de estudo de diversos autores (Batista & Noronha, 2018; Berking et al., 2014; Gaspar & Matos, 2015; Pinto et al., 2014; Porro, Andrés, & Rodríguez-Espínola, 2012; Santana & Gondin, 2016; Weiss et al., 2015). Na revisão de literatura de Batista e Noronha (2018) realizada na base de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), constatou-se que a inteligência emocional foi o construto mais investigado de forma conjunto à autorregulação emocional. A autorregulação emocional é um dos componentes da inteligência emocional (Salovey et al., 1995), sendo essa última definida como a habilidade de identificar, nomear e agir considerando os próprios sentimentos e os sentimentos de outras pessoas (Salovey & Mayer, 1990). Em geral, os instrumentos de inteligência emocional possuem um componente de autorregulação (Batista & Noronha, 2018; Salovey et al., 1995). Assim, a escolha de um instrumento que avalie a inteligência emocional pode ser justificada quando se objetiva identificar aspectos relacionados ao controle das emoções e para o desenvolvimento e a manutenção das forças de caráter (Batista & Noronha, 2018; Mirowska, 2011; Ros-Morente, Mora, Nadal, Blasco-Belled, & Berenguer, 2018).

A importância de investigar as forças de caráter e a autorregulação emocional nos mais variados contextos está no fato dos dois construtos funcionarem um recurso importante para as exigências de adaptação intrínsecas à vida humana e um auxílio na diminuição de sintomas de depressão, ansiedade, solidão e problemas de aprendizagem (Berking et al., 2014; Gratz & Roemer, 2004; Kleiman et al., 2013; Nelis et al., 2011; Zhou et al., 2015). Além disso, faz-se importante investigar as associações entre as forças e a autorregulação emocional pelo fato de ambas impactarem na vida familiar e nas diferentes fases do desenvolvimento humano (Cruvinel & Boruchovitch, 2011; Pinto et al., 2014; Shoshani & Aviv, 2012).

Ainda são incipientes os estudos que investiguem, especialmente, as relações entre as forças de caráter e a autorregulação emocional (Batista & Noronha, 2018; Santana & Gondim, 2016; Noronha & Batista, 2020b). Noronha e Batista (2020b) realizaram uma pesquisa com o intuito de identificar as relações existentes entre as 24 forças de caráter e a autorregulação emocional de 233 universitários, com idades entre 18 e 52 anos. Foram utilizadas a EFC e a Escala de Autorregulação Emocional – Adulto (EARE-AD) para avaliar, respectivamente, as forças de caráter e a autorregulação emocional diante da tristeza. Os autores identificaram que os quatro fatores da EARE-AD (pessimismo, paralisação, externalização da agressividade e estratégias de enfrentamento adequadas) foram preditos, individualmente, por pelo menos três forças de caráter ( $\beta$  entre 0,18 e 0,38), sendo que autorregulação predisse dois fatores e vitalidade quatro. À exceção da força espiritualidade, todas as forças se correlacionaram significativamente com algum fator da EARE-AD ( $r$  entre 0,14 e 0,47). Os autores concluíram que as forças de caráter vitalidade e autorregulação são as forças que mais auxiliam para que as dificuldades emocionais diante de eventos tristes sejam minimizadas.

As relações entre a inteligência emocional, as forças de caráter e os afetos foram investigadas por Ros-Morente et al. (2018), sendo participantes 419 estudantes universitários da Espanha. A TMMS-24 foi utilizada para avaliar a inteligência emocional, o VIA-IS para

avaliar as forças de caráter e o *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS) para avaliar os afetos. O foco da descrição será no fator reparação emocional da TMMS-24, visto que é o fator que avalia aspectos da regulação emocional. Reparação emocional apresentou correlações significativas e positivas com 22 das 24 forças ( $r$  entre 0,13 e 0,44), à exceção das forças modéstia e prudência. Com os afetos positivos o fator reparação emocional apresentou associação positiva e significativa ( $r= 0,27$ ). Os autores concluíram que a inteligência emocional possui um papel importante para o desenvolvimento das forças de caráter, sendo que os afetos positivos podem atuar como mediador.

Os resultados apresentados indicam que a autorregulação emocional e as forças de caráter associam-se positivamente (Noronha & Batista, 2020b; Ros-Morente et al., 2018). Os dois construtos contribuem, possivelmente, para que o desempenho escolar seja melhor, os problemas de aprendizagem e sintomas negativos sejam minimizados e o estabelecimento de relações interpessoais sejam mais saudáveis (Cruvinel & Boruchovitch, 2011; Noronha & Batista, 2020b; Ros-Morente et al., 2018; Seligman, 2019; Zhou et al., 2015).

Nesse sentido, o objetivo do presente capítulo foi a busca por evidências de validade com base na relação com outras variáveis (autorregulação emocional) para a EFC-Breve. Hipotetizou-se que as associações entre os fatores da EFC-Breve e os fatores estratégias de enfrentamento e escore total da EARE-AD sejam positivas (H1); espera-se associações negativas entre os fatores pessimismo, paralisação e externalização de agressividade da EARE-AD com os fatores da EFC-Breve (H2). Tanto para H1 quanto para H2 espera-se magnitudes de correlação variando entre fracas e fortes (Noronha & Batista, 2018; 2020b; Noronha et al., 2019). Além disso, espera-se que os fatores da EFC-Breve sejam preditores dos fatores da EARE-AD (H3); que as mulheres apresentem menores médias que as mulheres nos quatro fatores (H4) da EARE-AD pelo fato de apresentarem mais dificuldades de manejarem emoções negativas (Gratz & Roemer, 2004; Nelis et al., 2011; Weiss et al., 2015).

## Método

### *Participantes*

Foram participantes 627 pessoas da amostra geral, com idades entre 18 e 73 anos ( $M=35,33$ ;  $DP=12,27$ ), sendo 66,19% do sexo feminino. No que se refere à escolaridade, os participantes possuíam pós-graduação completa (36,67%), superior completo (23,45%), superior incompleto (21,37%), ensino médio completo (8,93%), pós-graduação incompleta (8,61%), ensino médio incompleto (0,48%), fundamental II incompleto (0,32%) e fundamental II completo (0,16%). Além disso, 46,89% era solteiro, 48,01% casado, 4,63% divorciado/separado e 0,48% viúvo.

### *Instrumentos*

Questionário sociodemográfico (anexo 9). Desenvolvido com intuito de caracterizar a amostra. Buscou-se obter informações sobre o sexo, a idade, o estado civil e a escolaridade dos participantes.

EFC-Breve (anexo 6). Descrição apresentada no capítulo anterior. No presente estudo as confiabilidades apresentaram valores considerados bons: escore total ( $\alpha=0,91$ ), forças intrapessoais ( $\alpha=0,83$ ) e forças intelectuais e interpessoais ( $\alpha=0,89$ ).

Escala de Autorregulação Emocional-Adulto (EARE-AD; Noronha, Baptista, & Batista, 2019; anexo 9). O instrumento tem por objetivo avaliar o controle emocional de adultos após a vivência de eventos que geram tristeza. A EARE-AD é composta por 34 itens do tipo Likert de 5 pontos (0= nunca a 4= sempre) e quatro fatores, sendo estratégias de enfrentamento adequadas (15 itens;  $\alpha=0,98$ ), externalização da agressividade (7 itens;  $\alpha=0,69$ ), pessimismo (6 itens;  $\alpha=0,88$ ) e paralisação (6 itens;  $\alpha=0,92$ ). O fator estratégias de enfrentamento adequadas diz respeito ao quanto o indivíduo consegue solucionar os seus problemas sem permanecer triste e como vivenciou situações semelhantes. Externalização da agressividade explica os itens que

indicam irritação e agressividade com coisas e pessoas, além de responsabilizar outrem pelas coisas que sente. O fator pessimismo diz respeito a uma visão negativa do futuro, um sentimento de inferioridade em relação às outras pessoas. Por fim, o fator paralisação indica se o indivíduo consegue superar uma emoção negativa ou se fica paralisado, sem conseguir agir. As pontuações dos fatores pessimismo, paralisação e externalização da agressividade deve ser invertida. O respondente deve considerar a afirmação “Quando estou triste” para responder aos itens. “Tento pensar em saídas para o problema” e “Acredito que tudo vai piorar” são exemplos de itens. No presente estudo, as confiabilidades encontradas foram semelhantes as do estudo original de Noronha et al. (2019), sendo estratégias de enfrentamento ( $\alpha= 0,85$ ), externalização de agressividade ( $\alpha= 0,72$ ), pessimismo ( $\alpha= 0,84$ ), paralisação ( $\alpha= 0,80$ ) e escore total ( $\alpha= 0,86$ ).

### *Procedimentos*

Para a realização da coleta de dados foi utilizado um questionário do *Google Forms*. Por meio de um *link* o convite para a participação na pesquisa foi disponibilizado em redes sociais (*E-mail*, Instagram, WhatsApp, Facebook e LinkedIn). Aos que aceitaram participar, por meio do TCLE (anexo 4), foram disponibilizados o questionário sociodemográfico, a EFC-Breve e a EREP. O tempo médio para preenchimento dos instrumentos foi de 35 minutos.

### *Análise de dados*

As análises de dados foram realizadas no *software* IBM SPSS. Foram utilizadas estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão) para descrever a amostra e os escores dos participantes da EARE-AD e na EFC-Breve. O teste de Correlação de Pearson foi utilizado para identificar as associações entre os construtos e a idade. Para tal, foi levada em conta a interpretação de Levin e Fox (2004), quais sejam, fraca ( $< 0,30$ ), moderada (entre 0,30 e 0,59), forte (entre 0,60 e 0,99) e perfeita (1,00). Foram conduzidas análises de regressão linear

múltiplas pelo método *Enter*, sendo os fatores da EFC-Breve como variáveis independentes; os fatores da EARE-AD como variáveis dependentes. O teste *t* de Student e a ANOVA foram aplicados para identificar possíveis diferenças em relação às variáveis sociodemográficas dos participantes (sexo, escolaridade e estado civil).

### Resultados

Os escores médios dos participantes na EFC-Breve e na EARE-AD foram identificados por meio das estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão). Cabe ressaltar que as pontuações dos fatores pessimismo, paralisação e externalização de agressividade (EARE-AD) foram invertidos para que as médias encontradas pudessem ser comparadas com o fator estratégias de enfrentamento. Os dados encontrados estão na Tabela 14.

Tabela 14.

*Médias e desvios-padrão dos participantes na EFC-Breve e na EARE-AD*

Instrumentos	Fatores	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
EFC-Breve	Escore Total	0,00	4,00	2,90	0,62
	Forças de Intrapessoais	0,00	4,00	3,16	0,74
	Forças Intelectuais e Interpessoais	0,00	4,00	2,77	0,66
EARE-AD	Escore Total	0,74	3,94	2,75	0,55
	Estratégias de Enfrentamento	0,27	4,00	2,56	0,65
	Externalização de Agressividade	0,43	4,00	3,28	0,60
	Pessimismo	0,00	4,00	2,87	0,94
	Paralisação	0,00	4,00	2,48	0,85

Conforme apresentado Tabela 14, na EFC-Breve, o fator forças de intrapessoais apresentou maior média quando comparado ao fator de forças intelectuais e interpessoais. Nos fatores da EARE-AD, os resultados indicaram maiores médias dos participantes no controle da externalização de agressividade e menores médias em paralisação.

O teste de Correlação de Pearson foi utilizado para identificar as associações entre a idade, forças de caráter e autorregulação emocional. A idade e todos os fatores da EARE-AD e da EFC-Breve se relacionaram significativamente, sendo que as magnitudes de correlação variaram entre fracas e fortes ( $r= 0,09$  e  $0,60$ ). Os dados estão dispostos na Tabela 15.

Tabela 15.

*Correlações entre os fatores da EFC-Breve e da EARE-AD e a idade*

	Idade	EFC-Breve		
		Escore Total	Forças de Intrapessoais	Forças Intelectuais e Interpessoais
Idade	1	0,26**	0,19**	0,27**
Escore Total	0,43**	0,59**	0,51**	0,54**
EARE-AD Estratégias de Enfrentamento	0,28**	0,60**	0,51**	0,55**
Externalização de Agressividade	-0,23**	-0,18**	-0,09*	-0,20**
Pessimismo	-0,40**	-0,43**	-0,40**	-0,38**
Paralisação	-0,39**	-0,37**	-0,35**	-0,32**

Nota: \*\*.  $p < 0,01$ ; \*.  $p < 0,05$

Os dados apresentados na Tabela 15 indicam que o fator estratégias de enfrentamento da EARE-AD foi o que apresentou as maiores magnitudes de correlação com os fatores da EFC-Breve, enquanto o fator externalização de agressividade apresentou as menores magnitudes. A correlação entre os escores totais foi moderada. Destaca-se o fato que estratégias de enfrentamento (EARE-AD) apresentou correlações positivas com os fatores da EFC-Breve, ao passo que os outros três fatores da EARE-AD apresentaram associações negativas com os fatores das forças de caráter. Quanto à idade, as associações com a EFC-Breve foram todas positivas e fracas. Com os fatores da EARE-AD, a idade foi positivamente associada ao escore total e ao fator estratégias de enfrentamento (magnitudes moderada e fraca, respectivamente) e

negativamente aos fatores externalização de agressividade, pessimismo e paralisação (magnitudes entre fracas e moderadas).

Com o objetivo de identificar se os fatores das forças de caráter (variáveis independentes – VI) seriam preditores dos fatores da autorregulação emocional (variáveis dependentes – VD), foram aplicadas análises de regressão linear múltiplas. Os resultados encontrados estão dispostos na Tabela 16.

Tabela 16.

*Análises de regressão linear múltiplas entre os fatores da EFC-Breve e da EARE-AD\**

Fatores da EARE-AD (VD)	Fatores da EFC-Breve (VI)	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	<i>t</i>	Durbin-Watson ***
		<i>B</i>	<i>Erro Padrão</i>	<i>Beta</i>		
Estratégias de enfrentamento	Constante	0,704	0,101		6,938**	1,185
	Forças Intrapessoais	0,253	0,034	0,288	7,407**	
	Forças Intelectuais e Interpessoais	0,382	0,038	0,388	9,957**	
Paralisação	Constante	3,063	0,154		19,939**	1,208
	Forças Intrapessoais	-0,291	0,052	-0,254	-5,635**	
	Forças Intelectuais e Interpessoais	-0,226	0,058	-0,175	-3,883**	
Pessimismo	Constante	3,085	0,164		18,778**	1,077
	Forças Intrapessoais	-0,333	0,055	-0,264	-6,037**	
	Forças Intelectuais e Interpessoais	-0,327	0,062	-0,230	-5,253**	
Externalização de agressividade	Constante	1,179	0,115		10,267**	1,365
	Forças Intrapessoais	0,025	0,039	0,031	0,651	
	Forças Intelectuais e Interpessoais	-0,196	0,043	-0,215	-4,504**	

*Nota:* VD – Variáveis dependentes; VI – Variáveis independentes; \*. As estatísticas de colinearidade apresentaram os mesmos valores nas regressões: Tolerância (0,676) e VIF (1,480); \*\*.  $p < 0,005$ ; \*\*\*. Valor de referência: entre 1,5 e 2,5;

Os dados expostos na Tabela 16 indicam que os dois fatores da EFC-Breve, forças intrapessoais e forças intelectuais e interpessoais, apresentaram capacidade preditiva em relação

aos fatores da EARE-AD, com exceção do fator externalização (EARE-AD), predito somente pelo fator forças intelectuais e interpessoais ( $R^2$  ajustado= 0,04). No que se refere ao fator estratégias de enfrentamento ( $R^2$  ajustado= 0,36), as forças intelectuais e interpessoais apresentaram maior poder preditivo. Por fim, nos fatores paralisação ( $R^2$  ajustado= 0,14) e pessimismo ( $R^2$  ajustado= 0,19) da EARE-AD, as forças intrapessoais apresentaram maior capacidade preditiva. Cabe destacar que as estatísticas de colinearidade foram iguais nos modelos testados (Tolerância= 0,676; VIF= 1,480) e que os valores de Durbin-Watson estiveram abaixo do valor adequado para independência de resíduos (entre 1,5 e 2,5).

Posteriormente, o teste *t* de Student foi utilizado para identificar se existiam diferenças de médias conforme o sexo dos participantes nos fatores da EARE-AD e da EFC-Breve. Os resultados encontrados na análise estão na Tabela 17.

Tabela 17.

*Testes t, df, p, médias e desvios-padrão na EARE-AD e na EFC-Breve conforme o sexo dos participantes*

	Fatores	Sexo	Média	Desvio-padrão	<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
EARE-AD	EARE-AD Total	Masculino	2,94	0,52	6,508	440,716	0,001
		Feminino	2,66	0,54			
	Estratégias de Enfrentamento	Masculino	2,72	0,61	4,538	452,780	0,001
		Feminino	2,48	0,66			
	Externalização de Agressividade	Masculino	3,41	0,53	3,851	625	0,001
		Feminino	3,22	0,63			
	Pessimismo	Masculino	3,14	0,85	5,200	625	0,001
		Feminino	2,74	0,95			
		Masculino	2,74	0,79			
	Paralisação	Feminino	2,35	0,85	5,788	455,564	0,001
EFC-Breve	Escore Total	Masculino	3,02	0,57	3,571	625	0,001
		Feminino	2,84	0,63			
	Forças Intrapessoais	Masculino	3,26	0,69	2,394	625	0,017
		Feminino	3,11	0,77			
	Forças Intelectuais e interpessoais	Masculino	2,90	0,63	3,722	450,609	0,001
		Feminino	2,70	0,67			

*Nota:* Feminino – 415 respondentes; Masculino – 212 respondentes; *df* – degree free;

Os resultados apresentados na Tabela 17 demonstram que os participantes do sexo masculino apresentaram médias maiores em todos os fatores da EFC-Breve e da EARE-AD. Em relação a esses últimos, cabe destacar que a pontuação dos fatores pessimismo, internalização da agressividade e paralisação foram invertidas. Nesse sentido, os resultados indicam que os homens apresentaram maiores níveis de autorregulação emocional e forças de caráter que as mulheres.

A ANOVA foi utilizada para identificar diferenças de médias conforme a escolaridade e o estado civil dos participantes. Para escolaridade, foram considerados cinco grupos, quais sejam, até o ensino médio completo, ensino superior incompleto, ensino superior completo, pós-graduação incompleta e pós-graduação completa. Os resultados indicaram diferenças estatisticamente significativas nos fatores de forças intrapessoais ( $F[622]= 4,380; p= 0,002$ ), forças intelectuais e interpessoais ( $F[622]= 10,273; p= 0,001$ ) e escore total ( $F[622]= 9,798; p= 0,001$ ) da EFC-Breve. Em relação à EARE-AD, foram identificadas diferenças estatisticamente significativas nos fatores estratégias de enfrentamento ( $F[622]= 9,199; p= 0,001$ ), externalização de agressividade ( $F[622]= 4,742; p= 0,001$ ), pessimismo ( $F[622]= 13,983; p= 0,001$ ), paralisação ( $F[622]= 15,444; p= 0,001$ ) e escore total ( $F[622]= 18,808; p= 0,001$ ). O teste *post-hoc* indicou diferentes grupos nos fatores das duas escalas, conforme apresentado na Tabela 18.

Tabela 18.

*Testes post-hoc dos fatores da EFC-Breve e da EARE-AD conforme a escolaridade*

Escala de Forças de Caráter – Breve										
Nível de escolaridade (N)	Escore Total			Forças Intrapessoais		Forças Intelectuais e Interpessoais				
	1	2	3	1	2	1	2	3		
Até Ensino Médio Completo (62)	2,59			2,87		2,44				
Superior Incompleto (134)	2,76	2,76		3,06	3,06	2,60	2,60			
Superior Completo (147)		2,90	2,90		3,18		2,76	2,76		
Pós-Graduação Incompleta (54)			2,98		3,21				2,87	
Pós-graduação Completa (230)			3,05		3,27				2,93	

Escala de Autorregulação Emocional-Adulto – EARE-AD											
Nível de escolaridade (N)	Escore Total		Estratégias de enfrentamento		Externalização de <u>agressividade</u>		Pessimismo		Paralisação		
	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	3
Até Ensino Médio Completo (62)	2,45		2,27		3,19	3,19	2,46		2,03		
Superior Incompleto (134)	2,52		2,37		3,12		2,53		2,20	2,20	
Superior Completo (147)	2,79		2,60		3,31	3,31	2,92		2,51		
Pós-Graduação Incompleta (54)	2,83		2,71		3,33	3,33	2,85		2,47		2,47
Pós-graduação Completa (230)	2,93		2,69		3,39		3,16		2,76		

Os dados expostos na Tabela 18 demonstraram, nos três fatores da EFC-Breve, que as menores médias foram dos participantes que tinham até o ensino médio completo, enquanto os que tinham pós-graduação completa apresentaram maiores médias. Identificou-se três grupos distintos para escore total e forças intelectuais e interpessoais, e dois grupos para forças intrapessoais. Os agrupamentos seguiram uma lógica, de acordo com o nível de formação, ou

seja, participantes de até ensino médio completo (G1), aqueles que tinham ensino superior completo e incompleto (G2) e os com pós-graduação completa e incompleta (G3). Quanto maior o nível de escolaridade, maior foi a média apresentada pelos participantes nas forças de caráter.

Na EARE-AD foram identificados dois grupos distintos para todos os fatores, exceto o fator paralisação, que apresentou três subconjuntos. Assim como identificado na EFC-Breve, os agrupamentos na EARE-AD se deram de acordo com o nível de formação, sendo um grupo formado por participantes que tinham até o ensino médio completo e o superior incompleto, e outro grupo composto por participantes que tinham ensino superior completo, pós-graduação completa e incompleta. Em todos os fatores as médias mais elevadas foram dos participantes com maiores níveis de escolaridade (pós-graduação completa) e as menores médias dos participantes com menores níveis de escolaridade (até o ensino médio completo). A exceção foi o fator externalização da agressividade, o qual os participantes com escolaridade superior incompleto apresentaram as menores médias.

Nas comparações de médias conforme o estado civil dos participantes, foram considerados três grupos: solteiros, casados e divorciados ou viúvos. Dado o número de participantes que eram viúvos ( $n=3$ ) e divorciados ( $n=29$ ), optou-se por incluí-los no mesmo grupo, uma vez que, seja pela morte do (a) companheiro (a) ou por outro motivo, não estão mais juntos. Na EFC-Breve a ANOVA indicou diferenças estatisticamente significativas no escore total ( $F[624]=17,308$ ;  $p=0,001$ ) e nos fatores de forças intrapessoais ( $F[624]=11,950$ ;  $p=0,001$ ), forças intelectuais e interpessoais ( $F[624]=14,905$ ;  $p=0,001$ ). A ANOVA também indicou diferenças estatisticamente significativas nos fatores da EARE-AD, sendo escore total ( $F[624]=27,833$ ;  $p=0,001$ ) e os fatores estratégias de enfrentamento ( $F[624]=13,274$ ;  $p=0,001$ ), externalização de agressividade ( $F[624]=3,955$ ;  $p=0,020$ ), pessimismo ( $F[624]=$

31,690;  $p= 0,001$ ), paralisação ( $F[624]= 19,078$ ;  $p= 0,001$ ). Os teste post-hoc para os fatores da EFC-Breve e da EARE-AD são apresentados na Tabela 19.

Tabela 19.

*Testes post-hoc dos fatores da EFC-Breve e da EARE-AD conforme o estado civil*

Escala de Forças de Caráter – Breve									
Estado civil (N)	Escore Total		Forças Intrapessoais		Forças Intelectuais e Interpessoais				
	1	2	1	2	1	2			
Solteiro (294)	2,75		3,01		2,62				
Casado (301)		3,02		3,29		2,89			
Divorciado ou viúvo (32)		3,11		3,31		3,01			
Escala de Autorregulação Emocional-Adulto – EARE-AD									
Estado civil (N)	Escore Total		Estratégias de enfrentamento		Externalização de agressividade	Pessimismo		Paralisação	
	1	2	1	2	1	1	2	1	2
Solteiro (294)	2,59		2,43		3,22	2,57		2,26	
Casado (301)		2,89		2,66	3,33		3,04		2,67
Divorciado ou viúvo (32)		3,00		2,87	3,43		3,15		2,73

Os dados apresentados no Tabela 19 demonstraram, em relação ao estado civil e a EFC-Breve, a existência de dois grupos distintos. O primeiro subconjunto foi formado por solteiros e o segundo por casados e divorciados ou viúvos nos três fatores da EFC-Breve. Além disso, as menores médias nos três fatores foram dos participantes solteiros, os intermediários foram os casados e as médias mais elevadas foram dos participantes divorciados ou viúvos.

Da mesma forma que os resultados identificados na EFC-Breve, os participantes se dividiram em dois subconjuntos, sendo um formado por participantes casados e divorciados ou viúvos e o outro por participantes solteiros. A exceção foi o fator externalização de agressividade, que foi formado por um único grupo. As maiores médias nos cinco fatores foram dos respondentes divorciados ou viúvos, seguidos dos casados e solteiros.

## Discussão

O objetivo do estudo do presente capítulo foi obter evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis para a EFC-Breve. A autorregulação emocional foi o construto escolhido como variável externa por possuir, assim como as forças de caráter, um aspecto de moralidade que pode auxiliar em comportamentos socialmente aceitos e no estabelecimento de bons relacionamentos interpessoais (Bariola et al., 2011; Noronha & Batista, 2020; Pinto et al., 2014).

Os resultados das estatísticas descritivas são semelhantes aos de Noronha e Batista (2020b). O fator forças interpessoais apresentou escore médio mais elevado que o fator forças intelectuais e interpessoais. Noronha e Batista (2020b) identificaram maiores pontuações em forças ligadas à transcendência e busca de conhecimento, o que está em consonância com o achado do presente estudo, visto que o fator forças intrapessoais está ligado à aquisição de conhecimentos (busca de conhecimento) e habilidades e às experiências que dão um sentido maior a vida (transcendência). Ademais, os participantes parecem controlar melhor comportamentos e pensamentos de agressividade e desesperança ao passarem por eventos tristes dada as pontuações identificadas nos fatores da EARE-AD (Noronha et al., 2019), o que também havia sido encontrado anteriormente (Noronha & Batista, 2020b).

Esperava-se que os fatores da EFC-Breve apresentassem associações negativas com os fatores pessimismo, paralisação e externalização de agressividade (H1) e associações positivas com o escore total e o fator estratégias de enfrentamento (H2) da EARE-AD. As duas hipóteses foram confirmadas. Os fatores pessimismo e paralisação descrevem características que se fazem presentes em pessoas com sintomas depressivos, tais como, desesperança, pensamentos repetitivos, dificuldade de agir (Noronha et al., 2019). Nesse sentido, os resultados encontrados são coerentes com os a literatura (Bortoletto & Boruchovitch, 2013; Gustems & Calderón, 2014; Noronha & Batista, 2020b; Ros-Morente et al., 2018). Em relação às estratégias de

enfrentamento da EARE-AD e as forças de caráter, anteriormente, Noronha e Batista (2020b) identificaram resultados semelhantes, sendo uma explicação o fato das forças se referirem a características pessoais bem estabelecidas nas pessoas (Harzer & Ruch, 2015; Park & Peterson, 2006). Dessa forma, elas poderiam auxiliar no desenvolvimento de pensamentos e atitudes mais positivas diante do sofrimento e adversidades, o que aumentaria a frequência e a intensidade das emoções positivas e contribuiria uma vivência mais saudável quando se experimentasse a tristeza (Littman-Ovadia et al., 2017; Noronha et al., 2019; Park et al., 2013; Seligman, 2019).

No que se refere às associações entre os fatores de autorregulação emocional e forças de caráter com a idade, identificou-se que à medida que essa última aumenta, maiores são os níveis das forças e de autorregulação emocional. Os achados são coerentes com a literatura (Batistoni, Ordonez, Silva, Nascimento, & Cachioni, 2013; Noronha & Barbosa, 2016; Park & Peterson, 2006) e podem ser explicados pelo fato de a idade estar relacionada com a maior frequência de relacionamentos interpessoais, o que contribuiria para o aprendizado no controle das próprias emoções e no desenvolvimento dos pontos fortes do caráter (Au, 2015; Harzer & Ruch, 2015; Pinto et al., 2016). À título de exemplo, Batistoni et al. (2013) identificaram habilidades autorregulatórias mais elevadas em pessoas mais velhas, principalmente em relação aos estados emocionais negativos, como a tristeza e a raiva.

Ainda que estudos anteriores não tenham identificado diferenças estatisticamente significativas da idade em relação às forças (Heintz et al., 2017; Linley et al., 2007; Noronha & Batista, 2017; Noronha & Martins, 2016; Oliveira et al., 2016), os resultados identificados na presente tese são coerentes. As forças ligadas ao intelecto e à transcendência (ex. pensamento crítico e espiritualidade) tendem a ser mais comuns em pessoas mais velhas (Noronha & Barbosa, 2016; Park & Peterson, 2006a; 2006b). Alguns autores indicaram que as diferenças nos níveis das forças de acordo com a faixa etária precisam ser melhor investigadas, de forma

mais sistemática, como estudos longitudinais que busquem compreender o desenvolvimento das forças de caráter na infância (Park & Peterson, 2006b; Quinlan et al., 2012).

Na terceira hipótese do presente capítulo esperava-se que os fatores da EFC-Breve fossem preditores dos fatores da EARE-AD. A hipótese foi confirmada. Ao considerar os agrupamentos das forças de caráter nos fatores forças intelectuais e interpessoais e forças intrapessoais da presente tese, os resultados são semelhantes aos de Noronha e Batista (2020b). Os autores identificaram mais forças do fator forças intelectuais e interpessoais do que do fator intrapessoais. Esse resultado pode ser explicado pelo fato da externalização de agressividade ser um fator que diz respeito à relação com o externo (pessoas e objetos) (Gratz & Roemer, 2004; Noronha et al., 2019; Weiss et al., 2015), sendo o aspecto do relacionamento interpessoal e da moralidade das forças, para esse fator, mais importante que as experiências individuais dos respondentes (Bariola et al., 2011; Gustems & Calderón, 2014; Noronha & Batista, 2020b; Pinto et al., 2014).

Quanto aos demais fatores, os resultados também são coerentes com os achados de Noronha e Batista (2020b), uma vez que as forças ligadas ao intelecto e aos relacionamentos interpessoais (prudência e sensatez) predisseram o fator estratégias de enfrentamento. Nos fatores pessimismo e paralisação, destaca-se o fato da força vitalidade (ligada ao fator forças intrapessoais) ter sido preditiva em Noronha e Batista (2020b). Nesse sentido, as forças intrapessoais podem estar mais associadas a estados de entusiasmo e perspectivas otimistas do futuro (Noronha & Batista, 2020a; Peterson, 2000; Ryan & Frederick, 1997) que se distinguem das características avaliadas pelos fatores pessimismo e paralisação (Noronha & Batista, 2020b; Noronha et al., 2019).

Por fim, na quarta hipótese havia a expectativa que as mulheres apresentassem médias menores que os homens nos fatores da EARE-AD. A hipótese foi confirmada, sendo que os homens apresentaram mais habilidades autorregulatórias após a vivência de um evento triste

que as mulheres, e maiores níveis de forças de caráter. O resultado era esperado porque as mulheres tendem a apresentar mais dificuldades de controlarem emoções negativas, ao passo que homens encontram mais dificuldades no controle de emoções positivas (Gratz & Roemer, 2004; Nelis et al., 2011; Weiss et al., 2015). Como a EARE-AD avalia a autorregulação emocional diante da tristeza, os resultados são coerentes com a proposta do instrumento e com a literatura (Nelis et al., 2011; Noronha et al., 2019; Weiss et al., 2015).

As médias mais elevadas dos homens nos fatores da EFC-Breve podem ser explicadas quando se considera o fator estratégias de enfrentamento. Esse fator indica características que auxiliam a diminuir a tristeza e a solucionar problemas (Noronha et al., 2019), sendo mais ligado às emoções positivas. Além disso, estratégias de enfrentamento foi o fator que apresentou as correlações mais elevadas com os fatores da EFC-Breve no presente estudo. Uma possível explicação para os achados está no fato do controle das emoções positivas ser importante para diminuir o risco de distração e escolhas inadequadas a curto e longo prazos, o que contribuiria com o aumento da satisfação com a vida e autoestima e com a minimização dos efeitos das emoções negativas (Weiss et al., 2015). Esses resultados parecem reforçar a existência de um elemento comum entre as forças de caráter e a autorregulação emocional, sobretudo quando se considera a ponderação de comportamentos socialmente aceitos e o estabelecimento de relacionamentos interpessoais (Batista & Noronha, 2018; Berking et al., 2013; 2014; McKnown et al., 2009; Noronha & Batista, 2017; 2020a; 2020b; Noronha et al., 2019).

Os resultados da ANOVA para escolaridade e estado civil demonstraram existir um padrão que pode ressaltar que a autorregulação emocional é uma variável que auxilia na obtenção de evidências de validade para as forças de caráter. Para escolaridade, identificou-se que os participantes com maiores níveis tiveram escores mais elevados nos fatores da EFC-Breve e da EARE-AD. Nesse sentido, destaca-se a importância do desenvolvimento e o

aprendizado de tais características positivas desde a infância, em contextos escolares, familiares e institucionais, de forma que perdure até a vida adulta (Au, 2015; Harzer & Ruch, 2015; Park & Peterson, 2006a; 2006b; Quinlan et al., 2012) e possibilite experiências positivas, como a satisfação, o orgulho e a esperança (Bzuneck, 2018; Pekrun et al., 2011).

Por fim, no estado civil foram encontradas médias mais elevadas para os divorciados ou viúvos. Assim como identificado no capítulo anterior, a idade pode ter sido uma variável interveniente nos resultados, visto que solteiros tendem a ser mais novos que casados e divorciados ou viúvos. Por outro lado, outra justificativa para o que se identificou é a dificuldade que um divórcio ou a morte de um cônjuge pode acarretar. Em relação ao primeiro, podem ter acontecido situações difíceis que levaram ao término, como brigas, ciúmes, falhas no diálogo (Bereza, Martins, Moresco, & Zanoni, 2005; Silva, Scorsolini-Comin, & Santos, 2017). Em relação aos viúvos, a perda física do cônjuge pode ser o estressor que mais desestrutura as pessoas na vida adulta (Holmes & Rahe, 1967; Lamela et al., 2010). Nesse sentido, os resultados encontrados indicam que, possivelmente, os participantes desenvolveram formas para superar as dificuldades oriundas do divórcio ou da morte do ente querido (Au, 2015; Gratz & Roemer, 2004; Noronha et al., 2019; Weiss et al., 2015).

Considera-se que os objetivos do presente capítulo foram alcançados. De forma geral, os resultados são coerentes com a literatura e indicam de evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis para as forças de caráter. Ademais, um importante avanço relacionado ao estudo das forças de caráter foi a identificação de possíveis diferenças de escores relacionados à escolaridade. Essa variável é importante e não foram encontrados estudos que tenham levado em conta o nível de formação acadêmica e os escores das forças de caráter. Por fim, considera-se importante, para estudos futuros, averiguar com maiores detalhamentos a possível interferência da idade nos escores das forças de caráter e autorregulação quando se considera as variáveis estado civil e escolaridade.

## Capítulo 5 – Considerações finais

O objetivo do presente estudo foi a elaboração de uma versão breve da Escala de Forças de Caráter (EFC-Breve). As justificativas para a realização da pesquisa estavam relacionadas aos benefícios de instrumentos psicológicos com poucos itens (ex. tempo de aplicação e maior adesão dos participantes), uso de métodos estatísticos mais atuais que os utilizados para retenção, rotação e estimação de fatores, além de identificar possíveis interferências de características sociodemográficas no endosso dos itens (escolaridade, sexo e idade). Além disso, os estilos parentais e a autorregulação emocional foram os construtos selecionados para busca de evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis por, assim como as forças de caráter, estarem associadas ao desenvolvimento saudável, ao estabelecimento de relações interpessoais adequadas e ao ajustamento social. Com base nos resultados apresentados nos capítulos anteriores, considera-se que o presente trabalho traz uma compreensão mais aprofundada sobre as forças de caráter e seus correlatos para a realidade brasileira.

Inicialmente, todas as hipóteses estabelecidas no segundo capítulo foram confirmadas. Na primeira etapa do referido capítulo, considera-se que o processo de seleção de itens foi minucioso e detalhado. Por mais que o processo pareça repetitivo e desnecessário, o mesmo se fez importante, visto que a atualização das medidas psicológicas, sobretudo na perspectiva da Psicologia Positiva, deve ser constante. O valor das cargas fatoriais estabelecido (0,50) e a pertinência teórica foram importantes para excluir itens que tivessem conteúdos semelhantes, viabilizando uma versão abreviada.

O fato das análises fatoriais confirmatórias não indicarem bons índices psicométricos para estruturas identificadas anteriormente na EFC-Breve (48 itens) ressalta a relevância do que se pretendeu no presente estudo. Foi possível observar, com maior clareza, que o país o qual o instrumento é desenvolvido e os métodos estatísticos utilizados podem trazer resultados

divergentes, sendo necessário considerar cada contexto. Anteriormente, Noronha et al. (2015) sugeriram que a estrutura unidimensional foi testada para identificar se ela seria mantida. O uso de métodos mais modernos, as análises exploratórias de forma sistemática e a identificação de possíveis vieses nos itens da EFC-Breve permitiram uma visão ampliada das forças de caráter no cenário brasileiro. Ainda que sua estrutura seja distinta da EFC (Noronha & Barbosa, 2016), os índices encontrados são bons e possuem coesão teórica.

A dificuldade de encontrar empiricamente o modelo teórico proposto por Peterson e Seligman (2002) parece estar na amplitude da classificação VIA, uma vez que essa procura abarcar culturas muito distintas entre si (ex: ocidentais e orientais; filosofias e distintas religiões, entre outros). Além disso, a exclusão de itens da EFC-Breve indicou que algumas forças possuíam conteúdos similares. Nesse sentido, novos estudos precisam ser elaborados para compreender melhor as relações entre as forças de caráter, por exemplo, em pares, como sugeriu Allan (2014). Ressalta-se que os estudos da EFC-Breve são iniciais. No que se refere à estrutura interna do instrumento, ainda se faz necessário a elaboração de itens que contemplem diferentes estilos de resposta. À título de exemplo, para o controle da aquiescência, faz-se necessário inserir o desenvolvimento de itens com conteúdos semanticamente inversos para balancear a escala. Outra possibilidade para estudos futuros da estrutura interna da EFC-Breve seria obter *ratings* de desejabilidade social dos itens a fim de verificar se os fatores identificados no referido capítulo são congruentes com os fatores identificados nas análises exploratórias.

Com o estudo desenvolvido no terceiro capítulo foi possível identificar que uma das hipóteses esperadas não foi confirmada. Pelo fato das dimensões de responsividade das EREP's estarem mais ligados ao envolvimento afetivo e emocional, esperava-se que as forças estivessem mais associadas a tal dimensão de estilo parental. No geral, os resultados mais relevantes confirmaram essa expectativa, o que poderia indicar evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis para a EFC-Breve. Entretanto, aventa-se a possibilidade de tais

efeitos encontrados entre forças e estilos não serem tão expressivos na vida adulta, ainda que importantes, dados os resultados encontrados nas análises de correlação e regressão. Sobretudo nas análises de regressão, os índices baixos, possivelmente por conta do tamanho amostral (principalmente de participantes que responderam à EREP-Pais), o que ressalta a necessidade de novos estudos e faz com que os dados sejam analisados com cautela.

Ainda que a última hipótese do capítulo três não tenha se confirmado (homens apresentaram médias maiores nos fatores da EFC-Breve que as mulheres), os resultados são compreensíveis, uma vez que o endosso das forças de caráter em relação ao sexo dos participantes tem sido diminuto (Heintz et al., 2017; Martinez-Marti & Ruch, 2016). O ponto de maior contribuição do presente capítulo para a tese como um todo está ligado à variável idade. De forma geral, a variável idade precisa ser considerada também em relação à etapa de seleção de itens, visto que foi incluído um intervalo etário grande (entre 18 e 75 anos). Em análises futuras, sugere-se que os intervalos etários sejam menores, com vistas a deixar as diferenças mais marcadas. Além disso, especificamente em relação ao terceiro capítulo, ainda que percebam formas negativas em relação à educação recebida dos pais (superproteções, exigências ou negligências), com o passar dos anos e a maturidade adquirida os indivíduos podem desenvolver estratégias adaptativas para minimizar os efeitos negativos de tais práticas parentais. Dessa forma, faz-se importante o desenvolvimento de programas de orientação de pais e professores em ambientes escolares, clínicos e institucionais a fim de que o desenvolvimento infanto-juvenil seja mais saudável e as relações familiares mais positivas.

Uma sugestão para o desenvolvimento de tais programas seria dar ênfase nas habilidades autorregulatórias. O estudo desenvolvido no quarto capítulo da presente tese teve todas as hipóteses confirmadas e trouxe resultados que enfatizam a importância de tais habilidades indicando que, à medida que são desenvolvidas, as forças de caráter tendem a ser mais elevadas. Além das correlações e regressões, as diferentes análises estatísticas realizadas

no presente capítulo ressaltaram que há um padrão que entre a autorregulação emocional e as forças de caráter (ex: escolaridade e estado civil), indicando evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis para a EFC-Breve.

Considera-se que os resultados apresentados no capítulo quatro podem auxiliar em questões de ordem prática quanto ao exercício profissional da psicologia. A depressão, a ansiedade e o suicídio, atualmente, são as maiores causas de sofrimentos para pessoas acometidas por tais dificuldades (Organização Mundial de Saúde, 2014). A autorregulação emocional está inversamente associada a altos níveis de depressão, ansiedade, estresse pós-traumático e uso de substâncias psicoativas (Gratz & Roemer, 2004; Nelis et al., 2011; Noronha & Batista, 2020b; Weiss et al., 2015). Nesse sentido, ao proporcionar o desenvolvimento das forças de caráter em diferentes contextos (ex: familiar, institucional, organizacional, clínico, entre outros), as dificuldades psiquiátricas seriam minimizadas por conta das habilidades autorregulatórias associadas, uma vez que o aumento de intensidade e frequência de emoções positivas poderiam diminuir os níveis de tristeza oriundos de eventos negativos.

Considera-se importante o desenvolvimento de novas investigações para minimizar as limitações do presente estudo, quais seja, aquelas relacionadas a variáveis não contempladas no presente estudo, tais como, o estado civil, faixa etária e variáveis relacionadas ao contexto familiar (ex: número de filhos, satisfação conjugal, entre outras). Para estudos que investiguem as forças de caráter e os estilos parentais, sugere-se que o tamanho amostral seja maior a fim de diminuir possíveis fragilidades nas análises de regressão linear. Por fim, quanto às forças e à autorregulação emocional, sugere-se que sejam feitas investigações com amostras clínicas com intuito de identificar se o desenvolvimento de tais características contribui no processo de melhoria dos envolvidos. Por fim, sugere-se a realização de estudos com a EFC-Breve comparem o instrumento com o VIA, a fim de identificar o que está melhor estruturado na EFC

que poderia contribuir com novas pesquisas e atuações práticas na perspectiva da Psicologia Positiva.

Em síntese, de forma geral, os resultados encontrados na presente tese são considerados bons, com avanços sobre a temática das forças de caráter no cenário brasileiro e das associações do construto com outras variáveis. Considero que os dados aqui apresentados estão detalhados e podem subsidiar consistentemente novos estudos na temática investigada, sobretudo por ser diminuto o número de estudos que tenham investigado as forças de caráter, os estilos parentais e a autorregulação emocional em amostras de adultos. Ressalta-se que ainda são necessárias investigações mais aprofundadas para identificar se a estrutura com dois fatores de primeira ordem para as forças de caráter se manterá em diversas amostras do Brasil.

## Referências

- Albrecht, S. F., & Braaten, S. (2008). Strength-based assessment of behavior competencies to distinguish students referred for disciplinary intervention from nonreferred peers. *Psychology in the Schools, 45*(2), 91-103. doi: 10.1002/pits.20287
- Allan, B. A. (2014). Balance among character strengths and meaning in life. *Journal of Happiness Studies, 16*(5), 1247-1261. doi: 10.1007/s10902-014-9557-9
- American Educational Research Association (AERA), American Psychological Association (APA), & National Council on Measurement in Education (NCME). (2014). *Standards for Educational and Psychological Testing*. Washington, DC: Autor.
- American Psychiatric Association (APA). (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM.(5ª ed.)*. Porto Alegre: Artmed.
- Artuch-Garde R, González-Torres, M. C., La Fuente, J., Vera, M. M., Fernández-Cabezas, M., & López-García, M. (2017) Relationship between resilience and self-regulation: A study of spanish youth at risk of social exclusion. *Frontiers in Psychology, 8*(612), 1-11. doi: 10.3389/fpsyg.2017.00612
- Au, A. (2015). Developing volunteer-assisted behavioral activation teleprograms to meet the needs of Chinese dementia caregivers. *Clinical Gerontologist, 38*(3), 198-202. doi: 10.1080/07317115.2015.1008118
- Azañedo, C. M., Fernández-Abascal, E. G., & Barraca, J. (2014). Character strengths in Spain: Validation of the Values in Action Inventory of Strengths (VIA-IS) in a Spanish sample. *Clínica y Salud, 25*(2), 123-130. doi: 10.1016/j.clysa.2014.06.002
- Bariola, E., Gullone, E., & Hughes, E. K. (2011). Child and adolescent emotion regulation: The role of parental emotion regulation and expression. *Clinical Child and Family Psychology Review, 14*(2), 198-212. doi: 10.1007/s10567-011-0092-5

- Batista, H. H. V., & Noronha, A. P. P. (2018). Instrumentos de autorregulação emocional: uma revisão de literatura. *Avaliação Psicológica*, 17(3), 389-398. doi: 10.15689/ap.2018.1703.15643.12
- Batista, H. H. V., Pioveza, N. M., & Muner, L. C. (2015). Relação entre autoestima e satisfação de vida de casais com e sem filhos. *PsicoFAE*, 4(1), 75-88. Recuperado de <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/58/40>
- Batistoni, S. S. T., Ordonez, T. N., Silva, T. B. L., Nascimento, P. P. P., & Cachioni, M. (2013). Emotional Regulation Questionnaire (ERQ): Indicadores psicométricos e relações com medidas afetivas em amostra idosa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(1), 10-18. doi: 10.1590/S0102-79722013000100002
- Baumrind, D. (2005). Patterns of parental authority and adolescent autonomy. *New Directions for Children and Adolescent Development*, 2005(108), 61-69. doi: 10.1002/cd.128
- Beaver, B. R. (2008). A positive approach to children's internalizing problems. *Professional Psychology, Research and Practice*, 39(2), 129-136. doi: 10.1037/0735-7028.39.2.129
- Bereza, E. A., Martins, J. P., Moresco, L., Zanoni, S. H. M. S. (2005). A influência da comunicação no relacionamento conjugal. *Arquivos de Ciências de Saúde da Unipar*, 9(1), 31-40. doi: 10.25110/arqsaude.v9i1.2005.216
- Berking, M., Ebert, D., Cuijpers, P., & Hofmann, S. G. (2013). Emotion-regulation skills training enhances the efficacy of cognitive behavioral therapy for major depressive disorder. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 82(4), 234-245. doi: 10.1159/000348448
- Berking, M., Wirtz, C. M., Svaldi, J., & Hofmann, S. G. (2014). Emotion regulation predicts symptoms of depression over five years. *Behavior Research and Therapy*, 57(1), 13-20. doi: 10.1016/j.brat.2014.03.003

- Borsa, J. C., & Seize, M. M. (2017). Construção e adaptação de instrumentos psicológicos: dois caminhos possíveis. Em B. F. Damásio, & J. C. Borsa (Orgs), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos*. São Paulo: Vetor.
- Bortoletto, D., & Boruchovitch, E. (2013). Learning Strategies and Emotional Regulation of Pedagogy Students. *Paidéia*, 23(55), 235-242. doi: 10.1590/1982-43272355201311
- Brazeau, J. N., Teatero, M. L., Rawana, E. P., Brownlee, K., & Blanchette, L. R. (2012). The Strengths Assessment Inventory: of a new measure of psychosocial strengths for youth. *Journal of Child and Family Studies*, 21(3), 384-390. doi: 10.1007/s10826-011-9489-5
- Buist, K. L., Deković, M., & Prinzie, P. (2013). Sibling relationship quality and psychopathology of children and adolescents: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 24(4), 400-410. doi: 10.1037/a0020351
- Bzuneck, J. A. (2018). Emoções acadêmicas, autorregulação e seu impacto sobre motivação e aprendizagem. *ETD — Educação Temática Digital*, 20(4), 1059-1075. doi: 10.20396/etd.v20i4.8649692
- Ciarrochi, J., Atkins, P. W. B., Hayes, L. L., Sahdra, B. K., & Parker, P. (2016). Contextual positive psychology: Policy recommendations for implementing positive psychology into schools. *Frontiers in Psychology*, 7(1561), 1-16. doi: 10.3389/fpsyg.2016.01561
- Cohen, J. A. (1960). Coefficient of agreement for nominal scales. *Educational and Psychological Measurement*, 20(1), 37-46. doi: 10.1177/001316446002000104
- Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: Duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 465-473. doi: 10.1590/S0102-79722000000300014
- Costello, A. B. & Osborne, J. W. (2005). Best practices in exploratory factor analysis: Four recommendations for getting the most from your analysis. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, 10(7), 1-9. doi: 10.7275/jyj1-4868

- Cruvinel, M., & Boruchovitch, E. (2011). Regulação emocional em crianças com e sem sintomas de depressão. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 16(3), 219-226. doi: 10.1590/S1413-294X2011000300003
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 213-228. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v11n2/v11n2a07.pdf>
- Dias, C. M. S. B., & Tróccoli, B. T. (1999). Locus de controle materno, satisfação com a vida e relacionamento com o filho adolescente. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(3), 209-218. doi: 10.1590/S0102-37721999000300004
- Di Stefano, G., & Cyr, F. (2014). Child adjustment following parental separation: the role of maternal well-being, parenting quality, and household income. *Journal of Child Custody* 11(1), 5–24. doi: 10.1080/15379418.2014.892802
- Drake, M. M, Morris, M., Davis, T. J. (2017). Neuroticism's susceptibility to distress: Moderated with mindfulness. *Personality and Individual Differences*, 106(1), 248-252. doi: 10.1016/j.paid.2016.10.060
- Duan, W., Ho, S. M. Y., Yu, B., Tang, X., Zhang, Y., Li, T., & Yuen, T. (2012). Factor structure of Chinese Virtues Questionnaire. *Research on Social Work Practice*, 22(6), 680-688. doi: 10.1177/1049731512450074
- Fabrigar, L. R., Wegener, D. T., MacCallum, R. C. & Strahan, E. J. (1999). Evaluating the use of exploratory factor analysis in psychological research. *Psychological Methods*, 4(3), 272-299. doi: 10.1037/1082-989X.4.3.272
- Flouri, E. (2004). Subjective well-being in midlife: the role of involvement of and closeness to parents in childhood. *Journal of Happiness Studies*, 5(4), 335–358. doi: 10.1023/B:JOHS.0000048461.21694.92

- Floyd, F. J. & Widaman, K. F. (1995). Factor analysis in the development and refinement of clinical assessment instruments. *Psychological Assessment*, 7(3), 286-299. doi: 10.1037/1040-3590.7.3.286
- Fonsêca, P. N., Andrade, P. O., Santos, J. L. F., Cunha, J. E. M., & Albuquerque, J. H. A. (2014). Hábitos de estudo e estilos parentais: estudo correlacional. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 18(2), 337-345. doi: 10.1590/2175-3539/2014/0182755
- Frankl, V. E. (2015). *Em busca de sentido*. (37ª ed.). São Leopoldo/ Petrópolis: Sinodal/Vozes.
- Fowers, B. J. (2008). From continence to virtue: Recovering goodness, character unity, and character types for positive psychology. *Theory & Psychology*, 18(5), 629–653. doi: 10.1177/0959354308093399
- Gaspar, T., & Matos, M. G. (2015). “Para mim é fácil”: Escala de avaliação de competências pessoais e sociais. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 16(2), 195-206. doi: 10.15309/15psd160206
- Glenn, C. R., & Klonsky, E. D. (2013). Reliability and validity of borderline personality disorder in hospitalized adolescents. *Journal of the Canadian Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 22(3), 206–211. doi: 10.1111/j.1469-7610.2008.01930.x
- Gonçalves, A. C. C. G. (2009). *O sentido de comunidade, o suporte social percebido e a satisfação com a vida* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa, Portugal.  
Recuperado de [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2153/1/22286\\_ulp034907\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2153/1/22286_ulp034907_tm.pdf)
- González, R., Bakker, L., & Rubiales, J. (2014). Estilos parentales en niños y niñas con TDAH. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 12(1), 141-158. doi: 10.11600/1692715x.1217060413

- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: Development factor structure, and initial validation of the Difficulties in Emotion Regulation Scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 26(1), 41-54. doi: 10.1007/s10862-008-9102-4
- Gustems, J., & Calderon, C. (2014). Character Strengths and Psychological Wellbeing Among Students of Teacher Education. *International Journal of Educational Psychology*, 3(3), 265-286. doi: 10.4471/ijep.2014.14
- Harzer, C., & Ruch, W. (2015). The relationships of character strengths with coping, work-related stress, and job satisfaction. *Frontiers in Psychology*, 6(165), 1-12. doi: 10.3389/fpsyg.2015.00165
- Heintz, S., Kramm, C., & Ruch, W. (2017). A meta-analysis of gender differences in character strengths and age, nation, and measure as moderators. *Journal of Positive Psychology*, 14(1), 103-112. doi: 10.1080/17439760.2017.1414297
- Holmes, T., & Rahe, R. (1967). The social readjustment rating scale. *Journal of Psychosomatic Research*, 11(2), 213-218. doi: 10.1016/0022-3999(67)90010-4
- Huppert, F. A., Abbott, R. A., Ploubidis, G. B., Richards, M., & Kuh, D. (2010). Parental practices predict psychological well-being in midlife: lifecourse associations among women in the 1946 British birth cohort. *Psychological Medicine*, 40(9), 1507–1518. doi: 10.1017/S0033291709991978
- Ibañez, M. J., Ruipérez, M. A., Moya, J., Marqués, M. J., & Ortet, G. (2005). A short version of the Self-regulation Inventory (SRI-S). *Personality and Individual Differences*, 39(6), 1055-1059. doi: 10.1016/j.paid.2005.02.029
- International Test Commission (2017). *The ITC Guidelines for Translating and Adapting Tests* (Second edition). Recuperado de [https://www.intestcom.org/files/guideline\\_test\\_adaptation\\_ed.pdf](https://www.intestcom.org/files/guideline_test_adaptation_ed.pdf)

- Kahneman, D. (2011). *Thinking, fast and slow*. London, UK: Allen Lane.
- King, L., & Raspin, C. (2004). Lost and found possible selves, subjective well-being, and ego development in divorced women. *Journal of Personality, 72*(3), 603-632. doi: 10.1111/j.0022-3506.2004.00274.x
- Kleiman, E. M., Adams, L. M., Kashdan, T. B., & Riskind, J. H. (2013). Grateful Individuals are not Suicidal: Buffering Risks Associated With Hopelessness and Depressive Symptoms. *Personality and Individual Differences, 55*(5), 595-599. doi: 10.1016/j.paid.2013.05.002
- Koole, S. L., McCullough, M. E., Kuhl, J., & Roelofsma, P. H. (2010). Why religion's burdens are light: from religiosity to implicit self-regulation. *Personality Social Psychology Review, 14*(1), 95-107. doi: 10.1177/1088868309351109
- Kopala-Sibley, D. C., Jelinek, C., Kessel, E., Frost, A., Allmann, A. E. E., & Klein, D. N. (2017). Parental depressive history, parenting styles, and child psychopathology over six years: The contribution of each parent's depressive history to the other's parenting styles. *Development and Psychopathology, 29*(4), 1468-1482. doi: 10.1017/S0954579417000396
- Lamela, D. (2009). Desenvolvimento após o divórcio como estratégia de crescimento humano. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 19*(1), 114-121. doi: 10.7322/jhgd.19908
- Lamela, D., Figueiredo, B., & Bastos, A. (2010). Adaptação ao divórcio e relações coparentais: Contributos da teoria da vinculação. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 23*(2), 562-574. doi: 10.1590/S0102-79722010000300017
- Levin, J., & Fox, J. A. (2004). *Estatística para ciências humanas*. São Paulo, SP: Pearson.
- Liau, A. K., Tan, K. T., Li, D., & Khoo, A. (2012). Factorial invariance of the Personal Strengths Inventory-2 for children and adolescents across school level and gender.

- European Journal of Psychology of Education*, 27(4), 451-465. doi: 10.1007/s10212-011-0088-z
- Linacre, J. M. (2012). A user's guide to Winsteps Ministeps Rasch-model computer programs [version 3.74.0]. Recuperado de <http://www.winsteps.com/winsteps.htm>
- Linley, P. A., Maltby, J., Wood, A. M., Joseph, S., Harrington, S., Peterson, C., ..., & Seligman, M. E. P. (2007). Character strengths in the United Kingdom: The VIA Inventory of Strengths. *Personality and Individual Differences*, 43(2), 341-351. doi: 10.1016/j.paid.2006.12.004
- Littman-Ovadia, H. (2015). Brief Report: Short Form of the VIA Inventory Strengths: Construction and initial tests os reliability and validity. *International Journal of Humanities Social Sciences and Education*, 2(4), 229-237. Recuperado de <https://www.arcjournals.org/pdfs/ijhsse/v2-i4/27.pdf>
- Littman-Ovadia, H., & Lavy, S. (2012). Character strengths in Israel Hebrew adaptation of the VIA Inventory of Strengths. *European Journal of Psychological Assessment*, 28(1), 41-50. doi: 10.1027/1015-5759/a000089
- Littman-Ovadia, H., Lavy, S., & Boiman-Meshita, M. (2017). When theory and research collide: examining correlates of signature strengths use at work. *Journal of Happiness Studies*, 18(2), 527–548. doi: 10.1007/s10902-016-9739-8
- Littman-Ovadia, H., & Steger, M. (2010). Character strengths and well-being among volunteers and employees: Toward an integrative model. *The Journal of Positive Psychology Publication*, 5(6), 419-430. doi:10.1080/17439760.2010.516765
- Lo, H. H. M., Kwok, S. Y. C. L., Yeung, J. W. K., Low, A. Y. T., & Tam, C. H. L. (2017). The moderating effects of gratitude on the association between perceived parenting styles and suicidal ideation. *Journal of Child and Family Studies*, 26(6), 1671–1680. doi: 10.1007/s10826-017-0683-y

- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2006). FACTOR: A computer program to fit the exploratory factor analyses model. *Behavior Research Methods*, 38(1), 88–91. doi: 10.3758/BF03192753
- Lorenzo-Seva, U., Timmerman, M. E. & Kiers, H. A. (2011). The hull method for selecting the number of common factors. *Multivariate Behavioral Research*, 46(2), 340-364. doi: 10.1080/00273171.2011.564527
- Loton, D. J., & Waters, L. E. (2017). The mediating effect of self-efficacy in the connections between strength-based parenting, happiness and psychological distress in teens. *Frontiers in Psychology*, 8, 1-13. doi: 10.3389/fpsyg.2017.01707
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em E. M. Hetherington (Org.), *Handbook of child psychology* (Vol. 4, pp. 1-101). New York: Wiley.
- Magnani, R. M., & Staudt, A. C. P. (2018). Estilos parentais e suicídio na adolescência: Uma reflexão acerca dos fatores de proteção. *Pensando Famílias*, 22(1), 75-86. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2018000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
- Martínez-Martí, M. L., & Ruch, W. (2016). Character strengths predict resilience over and above positive affect, self-efficacy, optimism, social support, self-esteem, and life satisfaction. *The Journal of Positive Psychology*, 12(2), 1-10. doi: 10.1080/17439760.2016.1163403
- Mattanah, J. F., Lopez, F. G., & Govern, J. M. (2011). The contributions of parental attachment bonds to college student development and adjustment: a meta-analytic review. *Journal of Counseling Psychology*, 58(4), 565–596. doi: 10.1037/a0024635
- McGrath, R. E. (2014). Scale- and item-level factor analyses of the VIA Inventory of Strengths. *Assessment*, 21(1), 4–14. doi: 10.1177/1073191112450612

- McLeod, B. D., Weisz, J. R., & Wood, J. J. (2007). Examining the association between parenting and childhood depression: a meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 27(8), 986–1003. doi: 10.1016/j.cpr.2007.03.001
- McLeod, B. D., Wood, J. J., & Weisz, J. R. (2007). Examining the association between parenting and childhood anxiety: a meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 27(2), 155–172. doi: 10.1016/j.cpr.2006.09.002
- McKnown, C., Gumbiner, L. M., Russo, N. M., Lipton, M. (2009). Social-emotional learning skill, self-regulation, and social competence in typically developing and clinic-referred children. *Journal of Clinical Child & Adolescence Psychology*, 38(6), 858-871. doi: 10.1080/15374410903258934
- Miller, A. B., Smythers, C. E., Weismoore, J. T., & Renshaw, K. D. (2013). The relation between child maltreatment and adolescent suicidal behavior: A systematic review and critical examination of the literature. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 16(2), 146–172. doi: 10.1007/s10567-013-0131-5
- Mirowska, A. (2011). *Character at Work: A Virtues Approach to Creativity and Emotion Regulation* (Tese de Doutorado, McMaster University, Ontario). Recuperado de <https://macsphere.mcmaster.ca/bitstream/11375/11298/1/fulltext.pdf>
- Moura-Ramos, M. & Canavarro, M. C. (2007). Adaptação parental ao nascimento de um filho: Comparação da reactividade emocional e psicossintomatologia entre pais e mães nos primeiros dias após o parto e oito meses após o parto. *Análise Psicológica*, 3(25), 399-413. doi: 10.14417/ap.453
- Muthén, B. O. (1989). Latent variable modeling in heterogeneous populations. *Psychometrika*, 54(4), 557-585. doi: 10.1007/BF02296397
- Muthén, L.K. & Muthén, B.O. (2017). *Mplus User's Guide*. (8ª ed.). Los Angeles, CA: Muthén & Muthén

- Nelis, D., Quoidbach, J., Hansenne, M., & Mikolajczak, M. (2011). Measuring individual differences in emotion regulation: The Emotion Regulation Profile-Revised (ERP-R). *Psychologica Belgica*, 51(1), 49-91. doi: 10.5334/pb-51-1-49
- Neto, J., Neto, F., & Furnham, A. (2014). Gender and psychological correlates of self-rated strengths among youth. *Social Indicators Research*, 118(1), 315-327. doi: 10.1007/s11205-013-0417-5
- Ng, V., Cao, M., Marsh, H. W., Tay, L., & Seligman, M. E. P. (2016). The factor structure of the Values in Action Inventory of Strengths (VIA-IS): An item-level Exploratory Structural Equation Modeling (ESEM) bifactor analysis. *Psychological Assessment*, 29(8). doi: 10.1037/pas0000396
- Ngai, S. S., Cheung, C., Xie, L., Ng, Y., Ngai, H., Liu, Y., & Ho, J. C. (2018). Psychometric properties of the Parental Bonding Instrument: Data from a Chinese adolescent sample in Hong Kong. *Journal of Child Family Studies*, 27(7), 2112-2124. doi: 10.1007/s10826-018-1058-8
- Noronha, A. P. P. (2002). Os problemas mais graves e mais frequentes no uso dos testes psicológicos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 135-142. doi: 10.1590/S0102-79722002000100015
- Noronha, A. P. P., Baptista, M. N., & Batista, H. H. V. (2019). Estudos psicométricos iniciais da Escala de Autorregulação Emocional: Versões adulto e infanto-juvenil. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 36(e180109), 1-12. doi: 10.1590/1982-0275201936e180109
- Noronha, A. P. P., & Barbosa, A. J. C. (2016). Escala de Forças e Virtudes. Em C. S. Hutz (Ed.), *Avaliação em Psicologia Positiva: Técnicas e Medidas*. São Paulo: CETEPP-Hogrefe.

- Noronha, A. P. P. & Batista, H. H. V. (2017). Escala de Forças e estilos parentais: Estudo correlacional. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 8(2), 2-19. doi: 10.5433/2236-6407.2016v8n2p02
- Noronha, A. P. P. & Batista, H. H. V. (2020a). Análise da estrutura interna da Escala de Forças de Caráter. *Ciencias Psicológicas*, 14(1), 1-12. doi: 0.22235/cp.v14i1.2150
- Noronha, A. P. P. & Batista, H. H. V. (2020b). Relações entre forças de caráter e autorregulação emocional em universitários brasileiros. *Revista Colombiana de Psicología*, 29(1), 73-86. doi: 10.15446/.v29n1.72960
- Noronha, A. P. P., Campos, R. R. F. (2018). Relationship between character strengths and personality traits. *Estudos de Psicologia*, 35(1), 29-37. doi: 10.1590/1982-02752018000100004
- Noronha, A. P. P., & Dametto, D. M. (2019). Psicologia Positiva na área escolar: Considerações sobre as forças de caráter em jovens brasileiros. Em C. T. Reppolf, & L. S. Almeida (Orgs.), *Psicologia Positiva: Educação, Saúde, Trabalho* (pp. 45-72). Porto: CERPSI
- Noronha, A. P. P., Dellazzana-Zanon, L. L., & Zanon, C. (2015). Internal structure of the Characters Strengths Scale in Brazil. *Psico-USF*, 20(2), 229-235. doi: 10.1590/1413-82712015200204
- Noronha, A. P. P. & Martins, D. F. (2016). Associações entre forças de caráter e satisfação com a Vida: Estudo com Universitários. *Acta Colombiana de Psicología*, 19(2), doi: 10.14718/ACP.2016.19.2.5
- Ogasawara, H. (2003). Oblique factors and components with independent clusters. *Psychometrika*, 68(2), 299-321. doi: 10.1007/BF02294803
- Oliveira, E. A, Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravello, T. & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal

- e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 1-11. doi: 10.1590/S0102-79722002000100002
- Oliveira, C., Nunes, M. F. O., Legal, E. J., & Noronha, A. P. P. (2016). Bem-estar subjetivo: Estudo de correlação com as forças de caráter. *Avaliação Psicológica*, 15(2), 177-185. doi: 10.15689/ap.2016.1502.06
- Organização Mundial de Saúde (2014). *A global public health concern*. Recuperado de [http://www.who.int/mental\\_health/management/depression/who\\_paper\\_depression\\_wfmh\\_2012.pdf](http://www.who.int/mental_health/management/depression/who_paper_depression_wfmh_2012.pdf)
- Pacheco, J. T. B, Teixeira, M. A. P, & Gomes, W.B. (1999). Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(2),117-126. doi: 10.1590/S0102-37721999000200004
- Pacico, J. C. (2015). Como é feito um teste? Produção de Itens. Em: C. S. Hutz, D. R. Bandeira & C. M. Trentini (Eds.). *Psicometria* (pp. 55-70). Porto Alegre: Artmed.
- Padovani, R. C., & Williams, L. C. A. (2011). Estilo parental de origem e ansiedade em homens com histórico de agressão à parceira. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 16(3), 263-269. doi: 10.1590/S1413-294X2011000300008
- Park, N., & Peterson, C. (2006a). Moral competence and character strengths among adolescents: The development and validation of the Values in Action Inventory of Strengths for Youth. *Journal of Adolescence*, 29(6), 891–909. doi: 10.1016/j.adolescence.2006.04.011
- Park, N., & Peterson, C. (2006b). Character strengths and happiness among young children: content analysis of parental descriptions. *Journal of Happiness Studies*, 7(3), 323-341. doi: 10.1007/s10902-005-3648-6
- Park, N., Peterson, C., & Suh, J. K. (2013). La Psicología Positiva: Investigación y aplicaciones. *Terapia Psicológica*, 31(1), 11-19. doi: 10.4067/S0718-48082013000100002

- Pasquali, L. (2010). *Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas*. Porto Alegre: Artmed.
- Patil, V. H., Singh, S. N., Mishra, S. & Donavan, D. T. (2008). Efficient theory development and factor retention criteria: Abandon the 'eigenvalue greater than one' criterion. *Journal of Business Research*, 61(2), 162-170. doi: 10.1016/j.jbusres.2007.05.008
- Pekrun, R., Goetz, T., Frenzel, A. C., Barchfeld, P., & Perry, R. P. (2011). Measuring emotions in students' learning and performance: The Achievement Emotions Questionnaire (AEQ). *Contemporary Educational Psychology*, 36(1), 36-48. doi: 10.1016/j.cedpsych.2010.10.002
- Peterson, C. (2000). The future of optimism. *American Psychologist*, 55, 44-55. doi: 10.1037/0003-066X.55.1.44
- Peterson, C., & Park, N. (2006). *Classification and Measurement of Character Strengths: implications for practice*. In P. A. Linley & S. Joseph (Eds.), *Positive Psychology in Practice* (pp. 433-446). Hoboken, NJ: Wiley.
- Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2002). Values in Action (VIA) classification of strengths. *Values in Action Institute*. Recuperado de <http://www.ppc.sas.upenn.edu/viamanualintro.pdf>
- Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2004). *Character strengths and virtues: a handbook and classification*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Petkari, E., & Ortiz-Tallo, M. (2016). Towards youth happiness and mental health in the United Arab Emirates: The path of character strengths in a multicultural population. *Journal of Happiness Studies*, 19(2), 333-350. doi: 10.1007/s10902-016-9820-3
- Pinto, H. M., Carvalho, A. R., & Sá, E. N. (2014). Os estilos educativos parentais e a regulação emocional: Estratégias de regulação e elaboração emocional das crianças em idade escolar. *Análise Psicológica*, 32(4), 387-400. doi: 1014417/ap.32.3.844

- Porro, M. L., Andrés, M. L., & Rodríguez-Espínola, S. (2012). Regulación emocional y cáncer: Utilización diferencial de la expresión y supresión emocional en pacientes oncológicos. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 30(2), 341-355. Recuperado de [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1794-47242012000200010&lang=pt](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242012000200010&lang=pt)
- Quinlan, D., Swain, N., & Vella-Brodrick, D. A. (2012) Character Strengths Interventions: Building on What We Know for Improved Outcomes. *Journal of Happiness Studies*, 13(6), 1145-1163. doi: 10.1007/s10902-011-9311-5
- Rashid, T., & Ostermann, R. F. (2009). Strength-based assessment in clinical practice. *Journal of Clinical Psychology*, 65(5), 488-498. doi: 10.1002/jclp.20595
- Reise, S. P., Waller, N. G. & Comrey, A. L. (2000). Factor analysis and scale revision. *Psychological Assessment*, 12(3), 287-297. doi: 10.1037//1040-3590.12.3.287
- Reppold, C. T., & Almeida, L. (2019). *Psicologia Positiva: Educação, Saúde e Trabalho*. Minho: CERPSI
- Reppold, C. T., Gurgel, L. G., & Hutz, C. S. (2014). O processo de construção de escalas psicométricas. *Avaliação Psicológica*, 13(2), 307-310. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712014000200018](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000200018)
- Reppold, C. T., Mayer, J. C., Almeida, L. S., & Hutz, C. S. (2012). Avaliação da resiliência: Controvérsia em torno do uso de escalas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(2), 248-255. doi: 10.1590/S0102-79722012000200006.
- Reppold, C. T., Pacheco, J., Bardagi, M., & Hutz, C. S. (2002). *Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: Uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais*. Em C. S.

- Hutz (Org.), Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção (pp. 7-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ribeiro, C. M., Pinho, V. D., & Falcone, E. M. O. (2011). A influência da raiva e da empatia sobre a satisfação conjugal. *Aletheia*, 71(3), 35-36. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942011000200002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942011000200002)
- Ros-Morente, A., Mora, C. A., Nadal, C. T., Blasco-Belled, A., & Berenguer, N. J. (2018). An examination of the relationship between emotional intelligence, positive affect and character strengths and virtues. *Anales de Psicologia*, 34(1), 63-67. doi: 10.6018/analesps.34.1.262891
- Ruch, W., Martínez-Martí, M. L., Proyer, R. T., & Harzer, C. (2014). The Character Strengths Rating Form (CSRF): Development and initial assessment of a 24-item rating scale to assess character strengths. *Personality and Individual Differences*, 68, 53-58. doi: 10.1016/j.paid.2014.03.042
- Ruch, W., & Proyer, R. T. (2015) Mapping strengths into virtues: The relation of the 24 VIA-strengths to six ubiquitous virtues. *Frontiers in Psychology*, 6(460), 1-12. doi: 10.3389/fpsyg.2015.00460
- Ruch, W., Weber, M., Park, N., & Peterson, C. (2014). Character strengths in children and adolescents: Reliability and initial validity of the German Values in Action Inventory of Strengths for Youth (German VIA-Youth). *European Journal of Psychological Assessment*, 30(1), 57-64. doi: 10.1027/1015-5759/a000169
- Ryan, R. M., & Frederick, C. (1997). On energy, personality, and health: Subjective vitality as a dynamic reflection of well-being. *Journal of Personality*, 65(3), 529-565. doi: 10.1111/j.1467-6494.1997.tb00326.x

- Saffer, B. Y., Glenn, C. R., & Klonsky, D. (2015). Clarifying the relationship of parental bonding to suicide ideation and attempts. *Suicide Life Threat Behav*, 45(4), 518-528. doi: 10.1111/sltb.12146
- Salovey, P., & Mayer, J. D. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, Cognition, and Personality*, 9(3), 185-211. Recuperado de [http://www.unh.edu/emotional\\_intelligence/EI%20Assets/Reprints...EI%20Proper/EI1990%20Emotional%20Intelligence.pdf](http://www.unh.edu/emotional_intelligence/EI%20Assets/Reprints...EI%20Proper/EI1990%20Emotional%20Intelligence.pdf)
- Salovey, P., Mayer, J. D., Goldman, S. L., Turvey, C., & Palfai, T. P. (1995). Emotional attention, clarity and repair: Exploring emotional intelligence using the Trait Meta-Mood Scale. Em J. W. Pennebaker (Ed.), *Emotion disclosure and health* (pp. 125-154). Washington, DC: APA Books.
- Santana, V. S. & Gondim, S. M. G. (2016). Regulação emocional, bem-estar psicológico e bem-estar Subjetivo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 21(1), 58-68. doi: 10.5935/1678-4669.20160007
- Sass, D. A. & Schmitt, T. A. (2010). A comparative investigation of rotation criteria within exploratory factor analysis. *Multivariate Behavioral Research*, 45(1), 73-103. doi: 10.1080/00273170903504810
- Sbicigo, J. B., & Lisbôa, C. S. M. (2010). Habilidades sociais e satisfação conjugal: um estudo correlacional. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 5(2), 395-403. doi: 10.5935/1808-5687.20090016
- Schwartz, B., & Sharpe, K. E. (2006). Practical wisdom: Aristotle meets positive psychology. *Journal of Happiness Studies*, 7(3), 377-395. doi: 10.1007/s10902-005-3651-y
- Schmitt, T. A. & Sass, D. A. (2011). Rotation criteria and hypothesis testing for exploratory factor analysis: Implications for factor pattern loadings and interfactor correlations.

- Educational and Psychological Measurement*, 71(1), 95-113. doi: 10.1177/0013164410387348
- Seligman, M. E. P. (2019). Positive Psychology: A personal history. *Annual Review of Clinical Psychology*, 15(1), 1-23. doi: 10.1146/annurev-clinpsy-050718-095653
- Seligman, M. E. & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: An introduction. *American Psychologist Association*, 55(1), 5-14. doi:10.1037/0003-066X.55.1.5
- Sheppes, G., Scheibe, S., Suri, G., & Gross, J. J. (2011). Emotion regulation choice. *Psychological Science*, 22(11), 1391-1396. doi: 10.1177/0956797611418350
- Shoshani, A., & Aviv, I. (2012) The pillars of strength for first-grade adjustment – Parental and children's character strengths and the transition to elementary school. *The Journal of Positive Psychology*, 7(4), 315-326. doi: 10.1080/17439760.2012.691981
- Silva, E., & Freire, T. (2014). Regulação emocional em adolescentes e seus pais: Da psicopatologia ao funcionamento ótimo. *Análise Psicológica*, 32(2), 187-198. doi: 10.14417/ap.746
- Silva, L. A., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2017). Casamentos de longa duração: Recursos pessoais como estratégias de manutenção do laço conjugal. *Psico-USF*, 22(2), 323-335. doi: 10.1590/1413-82712017220211
- Simon, C.R., & Durand-Bush, N. (2015). Does self-regulation capacity predict psychological well-being in physicians? *Psychology, Health and Medicine*, 20(3), 311-321. doi: 10.1080/13548506.2014.936887
- Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia Positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Porto Alegre: ArtMed.
- Solano, A. C., & Cosentino, A. C. (2018). IVyF abreviado —IVyFabre—: Análisis psicométrico y de estructura factorial en Argentina. *Avances en Psicología*

- Latinoamericana/Bogotá (Colombia)*, 36(3), 619-637. doi: 10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4681
- Stafford, M., Kuh, D. L., Gale, C. R., Mishra, G., & Richards, M. (2016). Parent-child relationships and offspring's positive mental wellbeing from adolescence to early older age. *Journal of Positive Psychology*, 11(3), 326–337. doi: 10.1080/17439760.2015.1081971
- Stanton, K., & Watson, D. (2014). Positive and negative affective dysfunction in psychopathology. *Social and Personality Psychology Compass*, 8(9), 555-567. doi: 10.1111/spc3.12132
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P. & Gomes, W. B. (2004). Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. *Avaliação Psicológica*, 3(1), 1-12. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712004000100001](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712004000100001)
- Thorndike, E. L. (1920). A constant error in psychological ratings. *Journal of Applied Psychology*, 4(1), 25-29. doi: 10.1037/h0071663
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality assessment of ordered polytomous items with parallel analysis. *Psychological Methods*, 16(2), 209-220. doi: 10.1037/a0023353
- Velicer, W. F. (1976). Determining the number of components from the matrix of partial correlations. *Psychometrika*, 41(3), 321-327. doi: doi.org/10.1007/BF02293557
- Waters, L. E. (2015). Strength-based parenting and life satisfaction in teenagers. *Advances in Social Sciences Research Journal*, 2(11), 158–173. doi: 10.14738/assrj.211.1651

- Weber, L. N. D., Brandenburg, O. J., & Viezzer, A. P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, 8(1), 71-79. doi: 10.1590/S1413-82712003000100010
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 323-331. doi: 10.1590/S0102-79722004000300005
- Weiss, N. H., Gratz, K. L., & Lavender, J. M. (2015). Factor structure and initial validation of a multidimensional measure of difficulties in the regulation of positive emotions: The DERS-Positive. *Behavior Modification*, 39(3), 431-453. doi: 10.1177/0145445514566504
- Wetzel, E., Böhnke, J. R., & Brown, A. (2016). Response biases. In: Leong, Frederick. T.L. and Iliescu, Dragos, eds. *The ITC International Handbook of Testing and Assessment*. Oxford University Press, New York, pp. 349-363. ISBN 978-0-19-935694-2
- Whiteman, S. D., Jensen, A. C. J., Mustillo, S. A., & Maggs, J. L. (2016). Understanding sibling influence on adolescents' alcohol use: Social and cognitive pathways. *Addictive Behaviors*, 53, 1-6. doi: 10.1016/j.addbeh.2015.09.007
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia Positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8(n.esp.), 75-84. doi:10.1590/S1413-73722003000300010
- Zanoti-Jeronymo, D. V., & Carvalho, A. M. P. (2005). Alcoolismo parental e suas repercussões sobre crianças e adolescentes: uma revisão bibliográfica. *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 1(2), 1-15. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v1n2/v1n2a07.pdf>
- Zhou, Y, Bullock, A., Liu, J., Fu, R., Coplan, R. J., & Cheah, C. S. L. (2015). Validation of the self-regulation scale in chinese children. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 34(6), 1-6. doi: 10.1177/0734282915622853

## Anexos

### Anexo 1 – Escala de Forças de Caráter-EFC (Noronha & Barbosa, 2016)

Em uma escala de 1 a 10, assinale o quanto você sabe dizer sobre si mesmo(a) no que se refere às suas características, às suas preferências, ao que lhe deixa feliz.

Pouco      ①      ②      ③      ④      ⑤      ⑥      ⑦      ⑧      ⑨      ⑩      Muito

#### Instruções

Abaixo há uma lista de afirmações. Por favor, leia cada uma e decida o quanto cada item se assemelha a você e assinale um dos valores, de zero a quatro. Seja sincero(a) e **responda como “você é”** e não como “gostaria de ser” ou como “as pessoas acham que você é”. Não há respostas certas ou erradas. Não deixe nenhum item sem preencher.

	Nada a ver comigo	Um pouco a ver comigo	Mais ou menos a ver comigo	Muito a ver comigo	Tudo a ver comigo
1. Sei o que fazer para que as pessoas se sintam bem.	①	②	③	④	⑤
2. Trato todas as pessoas com igualdade.	①	②	③	④	⑤
3. Faço as coisas de jeitos diferentes.	①	②	③	④	⑤
4. Sou competente para dar conselhos.	①	②	③	④	⑤
5. Ter que aprender coisas novas me motiva.	①	②	③	④	⑤
6. Faço bons julgamentos, mesmo em situações difíceis.	①	②	③	④	⑤
7. Penso em diferentes possibilidades quando tomo uma	①	②	③	④	⑤
8. Sinto que a minha vida tem um sentido maior.	①	②	③	④	⑤
9. Sou competente para analisar problemas por diferentes	①	②	③	④	⑤
10. Não minto para agradar as pessoas.	①	②	③	④	⑤
11. Reconheço meus defeitos.	①	②	③	④	⑤
12. Sou paciente.	①	②	③	④	⑤
13. Viver é empolgante.	①	②	③	④	⑤
14. Levo a vida com bom humor.	①	②	③	④	⑤
15. Coisas boas me aguardam no futuro.	①	②	③	④	⑤
16. Eu me sinto amado(a).	①	②	③	④	⑤
17. Não vejo o tempo passar quando estou aprendendo	①	②	③	④	⑤
18. Sempre tenho muita energia.	①	②	③	④	⑤
19. As pessoas confiam na minha capacidade de liderança.	①	②	③	④	⑤
20. Expresso meus afetos com clareza.	①	②	③	④	⑤
21. Gosto de fazer gentilezas para os outros.	①	②	③	④	⑤
22. Tenho que agradecer pelas pessoas que fazem parte da minha vida.	①	②	③	④	⑤
23. Sinto uma forte atração por novidades.	①	②	③	④	⑤
24. Consigo encontrar em minha vida motivos para ser	①	②	③	④	⑤
25. Gosto de descobrir coisas novas.	①	②	③	④	⑤
26. Não guardo mágoas se alguém me maltrata.	①	②	③	④	⑤
27. Creio que amanhã será melhor que hoje.	①	②	③	④	⑤
28. Acredito em uma força sagrada que nos liga um ao	①	②	③	④	⑤

### Instruções

Abaixo há uma lista de afirmações. Por favor, leia cada uma e decida o quanto cada item se assemelha a você e assinale um dos valores, de zero a quatro. Seja sincero(a) e **responda como “você é”** e não como “gostaria de ser” ou como “as pessoas acham que você é”. Não há respostas certas ou erradas. Não deixe nenhum item sem preencher.

	Nada a ver comigo	Um pouco a ver comigo	Mais ou menos a ver comigo	Muito a ver comigo	Tudo a ver comigo
29. Penso muito antes de tomar uma decisão.	0	1	2	3	4
30. Crio coisas úteis.	0	1	2	3	4
31. Penso que todo mundo deve dedicar parte de seu tempo para melhorar o local que habita.	0	1	2	3	4
32. Perdoo as pessoas facilmente.	0	1	2	3	4
33. Sou uma pessoa verdadeira.	0	1	2	3	4
34. Consigo criar um bom ambiente nos grupos que	0	1	2	3	4
35. Enfrento perigos para fazer o bem.	0	1	2	3	4
36. Analiso o que as pessoas dizem antes de dar minha	0	1	2	3	4
37. Sou uma pessoa amorosa.	0	1	2	3	4
38. Mantenho a calma mesmo em situações difíceis.	0	1	2	3	4
39. Sei admirar a beleza que existe no mundo.	0	1	2	3	4
40. Não desisto antes de atingir as minhas metas.	0	1	2	3	4
41. Ajo de acordo com meus sentimentos.	0	1	2	3	4
42. Consigo fazer as pessoas sorrirem com facilidade.	0	1	2	3	4
43. Sinto um encantamento por pessoas talentosas.	0	1	2	3	4
44. Agradeço a cada dia pela vida.	0	1	2	3	4
45. Não perco as oportunidades que tenho para aprender	0	1	2	3	4
46. Sou uma pessoa que tem humildade.	0	1	2	3	4
47. Eu me esforço em tudo que faço.	0	1	2	3	4
48. Tenho ideias originais.	0	1	2	3	4
49. Sei que as coisas darão certo	0	1	2	3	4
50. Acho que é importante ajudar os outros.	0	1	2	3	4
51. Acreditar em um ser superior dá sentido à minha vida.	0	1	2	3	4
52. Persisto para conquistar o que desejo.	0	1	2	3	4
53. Eu me sinto cheio(a) de vida.	0	1	2	3	4
54. Penso que a vingança não vale a pena.	0	1	2	3	4
55. Sou uma pessoa bastante disciplinada.	0	1	2	3	4
56. Não ajo como se eu fosse melhor do que os outros.	0	1	2	3	4
57. Corro riscos para fazer o que tem que ser feito.	0	1	2	3	4
58. As regras devem ser cumpridas por todos.	0	1	2	3	4
59. Tenho muita facilidade para perceber os sentimentos das pessoas mesmo sem elas dizerem.	0	1	2	3	4
60. Sou uma pessoa cuidadosa.	0	1	2	3	4
61. Faço coisas concretas para tornar o mundo um lugar melhor para se viver.	0	1	2	3	4
62. Tenho facilidade para organizar trabalhos em grupos.	0	1	2	3	4
63. Consigo ajudar pessoas a se entenderem quando há	0	1	2	3	4
64. Tenho facilidade para fazer uma situação chata se	0	1	2	3	4
65. Costumo tomar decisões quando estou ciente das	0	1	2	3	4

### Instruções

Abaixo há uma lista de afirmações. Por favor, leia cada uma e decida o quanto cada item se assemelha a você e assinale um dos valores, de zero a quatro. Seja sincero(a) e **responda como “você é”** e não como “gostaria de ser” ou como “as pessoas acham que você é”. Não há respostas certas ou erradas. Não deixe nenhum item sem preencher.

	Nada a ver comigo	Um pouco a ver comigo	Mais ou menos a ver comigo	Muito a ver comigo	Tudo a ver comigo
66. Dar é mais importante que receber.	0	1	2	3	4
67. Eu me sinto bem ao fazer a coisa certa mesmo que isso	0	1	2	3	4
68. Sou uma pessoa justa.	0	1	2	3	4
69. Sempre quero descobrir como as coisas funcionam.	0	1	2	3	4
70. Tenho muitos amores.	0	1	2	3	4
71. Mantenho minha mente aberta.	0	1	2	3	4

## Anexo 2 – Escala de Forças de Caráter-Breve (EFC-Breve) – 48 itens

<p style="text-align: center;"><b>Instruções</b></p> <p>Abaixo há uma lista de afirmações. Por favor, leia cada uma e decida o quanto cada item se assemelha a você e assinale um dos valores, de zero a quatro. Seja sincero(a) e <b>responda como “você é”</b> e não como “gostaria de ser” ou como “as pessoas acham que você é”. Não há respostas certas ou erradas. Não deixe nenhum item sem preencher.</p>	Nada a ver comigo	Um pouco a ver comigo	Mais ou menos a ver comigo	Muito a ver comigo	Tudo a ver comigo
1. Sei o que fazer para que as pessoas se sintam bem.	0	1	2	3	4
2. Trato todas as pessoas com igualdade.	0	1	2	3	4
5. Ter que aprender coisas novas me motiva.	0	1	2	3	4
6. Faço bons julgamentos, mesmo em situações difíceis.	0	1	2	3	4
8. Sinto que a minha vida tem um sentido maior.	0	1	2	3	4
9. Sou competente para analisar problemas por diferentes “ângulos”.	0	1	2	3	4
13. Viver é empolgante.	0	1	2	3	4
14. Levo a vida com bom humor.	0	1	2	3	4
15. Coisas boas me aguardam no futuro.	0	1	2	3	4
16. Eu me sinto amado(a).	0	1	2	3	4
19. As pessoas confiam na minha capacidade de liderança.	0	1	2	3	4
20. Expresso meus afetos com clareza.	0	1	2	3	4
21. Gosto de fazer gentilezas para os outros.	0	1	2	3	4
23. Sinto uma forte atração por novidades.	0	1	2	3	4
24. Consigo encontrar em minha vida motivos para ser grato(a).	0	1	2	3	4
25. Gosto de descobrir coisas novas.	0	1	2	3	4
28. Acredito em uma força sagrada que nos liga um ao outro.	0	1	2	3	4
30. Crio coisas úteis.	0	1	2	3	4
32. Perdoos as pessoas facilmente.	0	1	2	3	4
33. Sou uma pessoa verdadeira.	0	1	2	3	4
34. Consigo criar um bom ambiente nos grupos que trabalho.	0	1	2	3	4
35. Enfrento perigos para fazer o bem.	0	1	2	3	4
36. Analiso o que as pessoas dizem antes de dar minha opinião.	0	1	2	3	4
37. Sou uma pessoa amorosa.	0	1	2	3	4
38. Mantenho a calma mesmo em situações difíceis.	0	1	2	3	4
39. Sei admirar a beleza que existe no mundo.	0	1	2	3	4
40. Não desisto antes de atingir as minhas metas.	0	1	2	3	4
41. Ajo de acordo com meus sentimentos.	0	1	2	3	4
43. Sinto um encantamento por pessoas talentosas.	0	1	2	3	4
44. Agradeço a cada dia pela vida.	0	1	2	3	4
45. Não perco as oportunidades que tenho para aprender coisas	0	1	2	3	4
46. Sou uma pessoa que tem humildade.	0	1	2	3	4
48. Tenho ideias originais.	0	1	2	3	4
49. Sei que as coisas darão certo	0	1	2	3	4
50. Acho que é importante ajudar os outros.	0	1	2	3	4
52. Persisto para conquistar o que desejo.	0	1	2	3	4
53. Eu me sinto cheio(a) de vida.	0	1	2	3	4
54. Penso que a vingança não vale a pena.	0	1	2	3	4

**Instruções**

Abaixo há uma lista de afirmações. Por favor, leia cada uma e decida o quanto cada item se assemelha a você e assinale um dos valores, de zero a quatro. Seja sincero(a) e **responda como “você é”** e não como “gostaria de ser” ou como “as pessoas acham que você é”. Não há respostas certas ou erradas. Não deixe nenhum item sem preencher.

	Nada a ver comigo	Um pouco a ver comigo	Mais ou menos a ver comigo	Muito a ver comigo	Tudo a ver comigo
56. Não ajo como se eu fosse melhor do que os outros.	①	②	③	④	⑤
57. Corro riscos para fazer o que tem que ser feito.	①	②	③	④	⑤
60. Sou uma pessoa cuidadosa.	①	②	③	④	⑤
61. Faço coisas concretas para tornar o mundo um lugar melhor para se viver.	①	②	③	④	⑤
62. Tenho facilidade para organizar trabalhos em grupos.	①	②	③	④	⑤
63. Consigo ajudar pessoas a se entenderem quando há uma	①	②	③	④	⑤
64. Tenho facilidade para fazer uma situação chata se tornar	①	②	③	④	⑤
65. Costumo tomar decisões quando estou ciente das consequências dos meus atos.	①	②	③	④	⑤
68. Sou uma pessoa justa.	①	②	③	④	⑤
71. Mantenho minha mente aberta.	①	②	③	④	⑤

**Anexo 3 – Exemplo do material de avaliação dos itens**

NOME		
ESCOLARIDADE		
CURSO DE GRADUAÇÃO		
ITEM	FORÇA CORRESPONDENTE	SUGESTÕES DE ALTERAÇÃO DO ITEM
1. Descrição do item 1		
2. Descrição do item 2		
3. Descrição do item 3		

### Anexo 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1ª via)

Estudos Psicométricos Iniciais da Escala de Forças de Caráter – Breve

Eu,.....

RG..... Idade:.....

abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supra-citado, sob a responsabilidade do pesquisador e Mestre Helder Henrique Viana Batista, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade São Francisco.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

1 - O objetivo da pesquisa é construir uma escala de avaliação de forças de caráter e realizar estudos de suas qualidades;

2- Durante a pesquisa será aplicada a Escala de Forças de Caráter-Breve, as Escalas de Responsividade e Exigência Parental, a Escala de Autorregulação Emocional e um questionário sociodemográfico. Aos participantes que tiverem filhos também será aplicada a EREP-Pais. com duração aproximada de 50 minutos;

3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;

4- A resposta a estes instrumentos não apresenta riscos conhecidos à saúde física e mental, mas é possível que alguma pergunta cause desconforto.

5 - Estou livre para interromper a qualquer momento a minha participação na pesquisa, não havendo qualquer prejuízo decorrente da decisão;

6 – Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;

7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 24548028;

8 - Poderei entrar em contato com a responsável pelo estudo, Profª Drª Ana Paula Porto Noronha, sempre que julgar necessário pelo telefone : (19) 3779-3369;

9- Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

\_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

Assinatura do participante: .....

Assinatura do pesquisador responsável:



#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (2ª via)

Estudos Psicométricos Iniciais da Escala de Forças de Caráter – Breve

Eu,.....

RG..... Idade:.....

abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supra-citado, sob a responsabilidade do pesquisador e Mestre Helder Henrique Viana Batista, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade São Francisco.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

1 - O objetivo da pesquisa é construir uma escala de avaliação de forças de caráter e realizar estudos de suas qualidades;

2- Durante a pesquisa será aplicada a Escala de Forças de Caráter-Breve, as Escalas de Responsividade e Exigência Parental, a Escala de Autorregulação Emocional e um questionário sociodemográfico. Aos participantes que tiverem filhos também será aplicada a EREP-Pais. com duração aproximada de 50 minutos;

3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;

4- A resposta a estes instrumentos não apresenta riscos conhecidos à saúde física e mental, mas é possível que alguma pergunta cause desconforto.

5 - Estou livre para interromper a qualquer momento a minha participação na pesquisa, não havendo qualquer prejuízo decorrente da decisão;

6 – Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;

7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 24548028;

8 - Poderei entrar em contato com a responsável pelo estudo, Profª Drª Ana Paula Porto Noronha, sempre que julgar necessário pelo telefone : (19) 3779-3369;

9- Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

\_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

Assinatura do participante: .....

Assinatura do pesquisador responsável:



## Anexo 5- Questionário sociodemográfico

### Sexo

- Masculino  
 Feminino

### Idade:

\_\_\_\_\_anos.

### Nível de Escolaridade

- Fundamental I incompleto  
 Fundamental I completo  
 Fundamental II incompleto  
 Fundamental II completo  
 Ensino Médio incompleto  
 Ensino Médio completo  
 Superior incompleto  
 Superior completo  
 Pós-graduação incompleta  
 Pós-graduação completa

### Estado civil:

- Solteiro(a)       Casado(a)     União estável  
 Divorciado(a)     Viúvo

### Possui filhos?

- Não.  
 Sim.      Quantos? \_\_\_\_\_

### Se sim,

Quantas meninos? \_\_\_\_\_ Qual a idade dele (s) \_\_\_\_\_

Quantas meninas? \_\_\_\_\_ Qual a idade dela (s) \_\_\_\_\_

### Com quantas pessoas você mora?

- Sozinho

\_\_\_\_\_pessoas.

Quem são? (esposo/esposa, pai, mãe, filhos, tios/tias, avôs/avós, irmãos/irmãs, outros parentes):

\_\_\_\_\_

## Anexo 6- Escala de Forças de Caráter-Breve-18 itens

### Instruções

Abaixo há uma lista de afirmações. Por favor, leia cada uma e decida o quanto cada item se assemelha a você e assinale um dos valores, de zero a quatro. Seja sincero(a) e **responda como “você é”** e não como “gostaria de ser” ou como “as pessoas acham que você é”. Não há respostas certas ou erradas. Não deixe nenhum item sem preencher.

	Nada a ver comigo	Um pouco a ver comigo	Mais ou menos a ver comigo	Muito a ver comigo	Tudo a ver comigo
01. Sei o que fazer para que as pessoas se sintam bem.	①	②	③	④	⑤
02. Sou competente para analisar problemas por diferentes “ângulos”.	①	②	③	④	⑤
03. Coisas boas me aguardam no futuro.	①	②	③	④	⑤
04. Consigo encontrar em minha vida motivos para ser grato(a).	①	②	③	④	⑤
05. Acredito em uma força sagrada que nos liga um ao outro.	①	②	③	④	⑤
06. Crio coisas úteis.	①	②	③	④	⑤
07. Sou uma pessoa verdadeira.	①	②	③	④	⑤
08. Consigo criar um bom ambiente nos grupos que trabalho.	①	②	③	④	⑤
09. Enfrento perigos para fazer o bem.	①	②	③	④	⑤
10. Sei admirar a beleza que existe no mundo.	①	②	③	④	⑤
11. Não perco as oportunidades que tenho para aprender coisas novas.	①	②	③	④	⑤
12. Sou uma pessoa que tem humildade.	①	②	③	④	⑤
13. Eu me sinto cheio(a) de vida.	①	②	③	④	⑤
14. Tenho facilidade para organizar trabalhos em grupos.	①	②	③	④	⑤
15. Consigo ajudar pessoas a se entenderem quando há uma discussão.	①	②	③	④	⑤
16. Tenho facilidade para fazer uma situação chata se tornar divertida.	①	②	③	④	⑤
17. Costumo tomar decisões quando estou ciente das consequências dos meus atos.	①	②	③	④	⑤
18. Sou uma pessoa justa.	①	②	③	④	⑤

### Anexo 7- Escala de Responsividade e Exigência Parental (Teixeira, Bardagi, & Gomes, 2004)

Abaixo há uma série de frases sobre atitudes de pais e mães. **Ao lê-las, tente recordar quando era criança ou adolescente.** Para cada uma delas, marque, à direita, a resposta que melhor se encaixa à sua opinião de acordo com a chave de respostas abaixo. Você pode usar os números 0, 1, 2, 3 e 4 dependendo da frequência ou intensidade com que ocorriam as situações descritas nas frases (quanto maior o número, mais frequente ou intensa é a situação). Não esqueça que você pode usar os números intermediários (1, 2 e 3) para expressar níveis intermediários de frequência ou de intensidade das situações, e não apenas as opções extremas representadas pelos números 0 e 4. Assinale apenas uma resposta por frase, e não deixe nenhum item sem resposta.

Chave de respostas: (quase nunca ou bem pouco) 0 – 1 – 2 – 3 – 4 (geralmente ou bastante)

<b>A respeito de seus pais, considere as seguintes frases</b>	<b>MÃE</b>				<b>PAI</b>			
1. Sabia onde eu ia quando saía de casa.	1	2	3	4	1	2	3	4
2. Controlava as minhas notas no colégio.	1	2	3	4	1	2	3	4
3. Exigia que eu fosse bem na escola.	1	2	3	4	1	2	3	4
4. Impunha limites para as minhas saídas de casa.	1	2	3	4	1	2	3	4
5. Me cobrava quando eu fazia algo errado.	1	2	3	4	1	2	3	4
6. Tinha a última palavra quando discordávamos sobre um assunto importante a meu respeito.	1	2	3	4	1	2	3	4
7. Controlava os horários de quando eu estava em casa e na rua.	1	2	3	4	1	2	3	4
8. Fazia valer as suas opiniões sem muita discussão.	1	2	3	4	1	2	3	4
9. Exigia que eu colaborasse nas tarefas de casa.	1	2	3	4	1	2	3	4
10. Me cobrava que eu fosse organizado (a) com as coisas.	1	2	3	4	1	2	3	4
11. Era firme quando me impunha alguma coisa.	1	2	3	4	1	2	3	4
12. Me punia de algum modo se desobedecesse uma orientação sua.	1	2	3	4	1	2	3	4
13. Podia contar com a sua ajuda caso eu tivesse algum tipo de problema.	1	2	3	4	1	2	3	4
14. Me incentivava a que eu tivesse minhas próprias opiniões sobre as coisas.	1	2	3	4	1	2	3	4
15. Encontrava um tempo para estar comigo e fazermos juntos algo agradável.	1	2	3	4	1	2	3	4
16. Me explicava os motivos quando me pedia para eu fazer alguma coisa.	1	2	3	4	1	2	3	4
17. Me encorajava para que eu melhorasse se não fosse bem na escola.	1	2	3	4	1	2	3	4
18. Me incentivava a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu fizesse.	1	2	3	4	1	2	3	4
19. Se interessava em saber como eu andava me sentindo.	1	2	3	4	1	2	3	4
20. Ouvia o que eu tinha para dizer mesmo quando não concordava.	1	2	3	4	1	2	3	4
21. Demonstrava carinho para comigo.	1	2	3	4	1	2	3	4
22. Me dava força quando eu enfrentava alguma dificuldade ou decepção.	1	2	3	4	1	2	3	4
23. Mostrava interesse pelas coisas que eu fazia.	1	2	3	4	1	2	3	4
24. Estava atento (a) às minhas necessidades, mesmo que eu não dissesse nada.	1	2	3	4	1	2	3	4

## Anexo 8 - Escala de Responsividade e Exigência Parental- versão adaptada para pais

(EREP-Pais, Teixeira, Bardagi, & Gomes, 2004; adaptada por Noronha & Batista, 2017)

Abaixo há uma série de frases sobre atitudes de pais e mães. Para cada uma delas marque, à direita, a resposta que melhor se aproxima à sua opinião de acordo com a chave de respostas abaixo em relação a si e ao seu cônjuge. Você pode usar os números 0, 1, 2, 3 e 4 dependendo da frequência ou intensidade com que ocorrem as situações descritas nas frases (quanto maior o número, mais frequente ou intensa é a situação). Não esqueça que você pode usar os números intermediários (1, 2 e 3) para expressar níveis intermediários de frequência ou intensidade das situações, e não apenas as opções extremas representadas pelos números 0 e 4. Assinale apenas uma resposta por frase, e não deixe nenhum item sem resposta.

Chave de respostas: (quase nunca ou bem pouco) 0 – 1 – 2 - 3 - 4 (geralmente ou bastante)

<b>A respeito de teu(s) filho(a, as, os) considere as seguintes frases</b>	<b>EU</b>	<b>CÔNJUGE</b>
1. Saber onde vai quando sai de casa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
2. Controlar suas notas no colégio.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
3. Exigir que vá bem na escola.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
4. Impor limites para suas saídas de casa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
5. Cobrar quando faz algo de errado.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
6. Ter a última palavra quando discordamos de um assunto importante a seu respeito.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
7. Controlar os horários de quando está em casa ou na rua.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
8. Fazer valer as minhas opiniões sem muitas discussões.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
9. Exigir que ele colabore nas tarefas de casa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
10. Cobrar que seja organizado com suas coisas.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
11. Ser firme quando lhe imponho alguma coisa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
12. Punir de algum modo se desobedece uma orientação minha.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
13. Pode contar com a ajuda caso tenha algum tipo de problema.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
14. Incentivar que ele tenha suas próprias opiniões sobre as coisas.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
15. Encontrar tempo para estar com ele e fazermos juntos algo agradável.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
16. Explicar o motivo quando peço para fazer algo.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
17. Encorajar para que melhore se não vai bem na escola.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
18. Incentivar a dar o melhor de si em qualquer coisa que faça.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
19. Interesse em saber como anda se sentindo.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
20. Escutar o que ele tem para dizer mesmo quando não concordo.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
21. Demonstrar carinho com ele.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
22. Dar forças quando enfrenta alguma dificuldade ou decepção.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
23. Mostrar interesse pelas coisas que faz.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
24. Estar atento (a) às suas necessidades mesmo que ele não diga nada	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4

**Anexo 9- Escala de Autorregulação Emocional-Adulto (EARE-AD; Noronha, Baptista, & Batista, 2019)**

**ESCALA DE AUTORREGULAÇÃO EMOCIONAL – EARE**

As perguntas abaixo se referem a pensamentos, sentimentos e comportamentos que ocorrem **diante de algum evento da vida que gera tristeza**. Assinale com um X a alternativa que mais tem a ver com você. Não existem respostas certas ou erradas. Favor preencher todos os itens.



Itens					
<b>Quando estou triste</b>					
1. Penso em outras coisas					
2. Fico com medo disso não passar					
3. Tento me distrair fazendo outras coisas					
4. Não consigo entender por que estou assim					
5. Acho que nada do que pode ser feito vai adiantar					
6. Não consigo pensar direito					
7. Quero bater nos outros					
8. Tento pensar em saídas para o problema					
9. Tento pensar em como não me sentir mais triste					
10. Tento pensar em coisas boas					
11. Tento lembrar de como resolvi problemas parecidos					
12. Tento me acalmar					
13. Tento me animar					
14. Tento achar uma solução diferente para a situação					
15. Brigo com os outros					
16. Não sei o que fazer					
17. Fico perdido					
18. Acho que o que sinto é importante para o meu crescimento					
19. Acredito que tudo vai piorar					
20. Acho que eu sou uma pessoa ruim					
21. Acho que eu não tenho valor					
22. Acho que eu sou pior do que os outros					
23. Acho que eu sou incompetente					
24. Acredito que vai demorar muito para eu melhorar					
25. Penso que o futuro será melhor					
26. Penso que isso vai passar					
27. Procuro relaxar					
28. Acho que sou capaz de resolver o problema					
29. Maltrato outras pessoas					
30. Grito/berro					
31. Bato os pés					
32. Culpo os outros por coisas que eles não tem culpa					
33. Soco as coisas/quebro as coisas					
34. Faço alguma coisa que eu gosto					